



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado EPE e Ensino do 1º CEB

A importância de sonorizar histórias na Educação Pré-Escolar:
relato de uma experiência

Maria João Loureiro Novo



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Maria João Loureiro Novo

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado EPE e Ensino do 1º CEB

A importância de sonorizar histórias na Educação Pré-Escolar:
relato de uma experiência

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Doutora Ana Raquel Rodrigues da Costa Aguiar
Doutora Adalgisa Castro Maia Pontes

Novembro de 2022

AGRADECIMENTOS

A realização da prática de ensino supervisionada constituiu uma etapa importante na minha vida, a nível académico e pessoal. Esta representou o culminar de um percurso longo, árduo e repleto de desafios. Ao longo deste, pude contar com o apoio de muitas pessoas, que me acompanharam e apoiaram em todos os momentos e sem as quais não teria sido possível concluir esta caminhada.

Um agradecimento especial às professoras orientadoras deste relatório, Doutora Ana Raquel Aguiar e Doutora Adalgisa Pontes, pela motivação, pela partilha de conhecimentos, pelos conselhos, pela grande disponibilidade e dedicação que sempre demonstraram. Obrigada pela tranquilidade e otimismo que me incutiram ao longo da realização deste trabalho, pelo grau de profissionalismo e de exigência que demonstraram ao longo do mesmo. Estes contribuíram, sem dúvida, para o meu enriquecimento e permitiram-me crescer enquanto pessoa e futura profissional da educação.

A todos os docentes com os quais tive a oportunidade e a felicidade de me cruzar, pela disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas e pela partilha de saberes importantes, que poderei levar e aplicar no futuro.

Aos meus pais, por todo o apoio e carinho, por ambicionarem o melhor para mim e nunca me deixarem desistir. Obrigada por estarem presentes em todos os momentos.

Ao meu irmão por me ter acompanhado desde o início deste percurso de cinco anos. O teu apoio, ideias e sugestões, foram uma fonte de inspiração.

Aos meus tios/as, primo/as e avós, que também me apoiaram ao longo de todo este projeto.

Aos meus amigos, que estiveram presentes e me deram força para desenvolver o meu trabalho.

À minha amiga Irina, por toda a amizade, pela confiança e admiração que sempre depositaste em mim.

A todas as crianças com as quais tive a oportunidade e o privilégio de trabalhar nos diferentes contextos. Tornaram esta experiência ainda mais enriquecedora. Ficarão para sempre no meu coração.

Agradeço muito à Educadora e à Professora cooperantes por todos os conselhos, disponibilidade, simpatia e ensinamentos partilhados, baseados na sua experiência profissional e convivência diária com as crianças.

RESUMO

Este relatório realizou-se no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, que se encontra inserida no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

O trabalho apresentado foi levado a cabo num grupo de crianças entre os três e os seis anos, e incidiu na Área de Expressão e Comunicação, nomeadamente no Domínio da Educação Artística, no Subdomínio da Música e, ainda, no Domínio Da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Tem como propósito mostrar que é possível utilizar estratégias diversificadas no ato de contar histórias, recorrendo, por exemplo, à sua sonorização, como aqui propomos, cruzando saberes e contribuindo para promover, desde cedo, o desenvolvimento da sensibilidade estética das crianças.

Para a concretização deste trabalho, foram delineados os seguintes objetivos: 1) Explorar estratégias para contar histórias, tendo por base os conceitos de timbre, intensidade e altura do som; 2) Contar/ouvir histórias, privilegiando o som e 3) Potenciar a vivência do ato de ouvir histórias, através de explorações sonoras e dramáticas.

Optou-se por uma metodologia qualitativa com aproximação à investigação-ação. Foram utilizadas várias técnicas de recolha de dados, tais como: a observação, os registos audiovisuais, os desenhos realizados pelas crianças e a peça de teatro.

Depois da análise dos dados, concluiu-se que os recursos sonoros são bastante benéficos na exploração de histórias para crianças. De facto, é fulcral interligar a música com o português, pois é muito enriquecedor para desenvolver diversas experiências junto das crianças.

Palavras-chave: Pré-Escolar; Música; Português; Sonorização de histórias; Exploração Sonora

ABSTRACT

This report was carried out under the curricular unit of Supervised Teaching Practice, which is part of the Masters in Pre-school Education and Teaching in the 1st Cycle of Basic Education in the School of Education of the Polytechnic Institute of Viana do Castelo.

The work presented was carried out in a group of children aged between three and six years old, and focused on the Area of Expression and Communication, namely in the Field of Artistic Education, in the Sub-Domain of Music and also in the Field of Oral Language and Written Approach. Its purpose is to show that it is possible to use diversified strategies in the act of telling stories, using, for example, their sound, as we propose here, crossing knowledge and contributing to promote, from an early age, the development of aesthetic sensibility in children.

To carry out this work, the following objectives were outlined: 1) To explore storytelling strategies, based on the concepts of timbre, intensity and sound height; 2) To tell/hear stories, privileging sound and 3) To enhance the experience of storytelling through sound and dramatic explorations.

We opted for a qualitative methodology with an action-research approach. Several data collection techniques were used, such as: observation, audiovisual records, drawings made by the children and the theatre play.

After analysing the data, it was concluded that sound resources are very beneficial in the exploration of children's stories. In fact, it is crucial to interconnect music with Portuguese, as it is very enriching to develop several experiences with children.

Keywords: Preschool; Song; Portuguese; Story sounding; Sound Exploration

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	iii
ABSTRACT.....	iv
ÍNDICE	v
ÍNDICE DE FIGURAS	vii
ÍNDICE DE TABELAS	vii
LISTA DE ABREVIATURAS.....	viii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I- CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS EDUCATIVOS.....	2
Caracterização do Contexto Educativo do Pré-Escolar.....	2
Caracterização do meio local	2
Caracterização do Agrupamento/Jardim de Infância	3
Caracterização da sala de atividades e rotinas	4
Caracterização do grupo	12
Percurso da Intervenção Educativa no Pré-Escolar	13
Caracterização do Contexto Educativo no 1.º Ciclo do Ensino Básico	20
Caracterização do meio local	20
Caracterização do Agrupamento/Escola	20
Caracterização da sala de aula e horário	21
Caracterização da turma	23
Percurso da Intervenção Educativa no 1.º do Ensino Básico.....	23
CAPÍTULO II- PROJETO DE INVESTIGAÇÃO	30
Contextualização	30
Pertinência do Estudo	30
Objetivos e questões de investigação	31
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	32
1. Aprendizagens a promover no âmbito das OCEPE (música, contar/ ouvir histórias).....	32
2. Conceitos de timbre, intensidade e altura	34
3. Recursos sonoros, a nível musical, para a exploração de histórias.....	36
4. Recursos sonoros, a nível linguístico, para a exploração de histórias	39
A importância da voz.....	40
5. Reações das crianças ao ato de ouvir histórias.....	42

METODOLOGIA	49
Opções metodológicas	49
Ciclos da Investigação- ação	50
Caracterização dos participantes	50
Técnicas e instrumentos de recolha de dados	51
Observação	51
Registos audiovisuais	52
Desenhos realizados pelas crianças.....	53
Peça de teatro	53
Procedimento de análise de dados	54
Calendarização	55
Questões Éticas	56
Descrição, análise e discussão dos dados.....	56
Elaboração de um arquivo sonoro	71
Categorias de análise	72
Categoria A- Reação das crianças ao ato de ouvir histórias	72
Categoria B- A importância do teatro para as crianças	73
Categoria C- Reações das crianças à exploração sonora da história contada.....	77
Categoria D- Manuseamento dos instrumentos musicais	78
CONCLUSÃO	80
Conclusões do estudo	80
Limitações do estudo	82
CAPÍTULO III- REFLEXÃO GLOBAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
ANEXOS.....	94
Anexo 1- Exemplo de Planificação.....	94
Anexo 2- Guião da Peça de Teatro	109
Anexo 3- Autorização dos Encarregados de Educação	112
Anexo 4- Grafismos do casaco da maestrina.....	113
Anexo 5- Cartões dos instrumentos musicais convencionais	114
Anexo 6- Cartão e materiais trazidos para as sessões	115
Anexo 7- Objetos Sonoros/Instrumentos musicais não convencionais	116

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Polivalente.....	5
Figura 2- Sala de atividades.....	5
Figura 3- Espaço exterior.....	5
Figura 4- Área da biblioteca.....	6
Figura 5- Área do desenho.....	7
Figura 6- Área das ciências.....	7
Figura 7- Área dos jogos.....	8
Figura 8- Área do faz de conta.....	9
Figura 9- Área da música.....	10
Figura 10- Área do computador.....	10
Figura 11- Habilitações acadêmicas dos pais.....	13
Figura 12- Espaço exterior.....	21
Figura 13- Sala de aula.....	23
Figura 14- Exploração dos instrumentos de medida.....	25
Figura 15- Elaboração do quadro do tempo.....	26
Figura 16- Exploração de alguns blocos na disciplina de Educação Física.....	27
Figura 17- Concretização dos livros cartonero.....	27
Figura 18- Atividades lúdicas na área do Português.....	28
Figura 19- Exploração do livro "O Meu Avô", de Catarina Sobral.....	29
Figura 20- Maestrina da história.....	58
Figura 21- Concretização dos cenários da história.....	74
Figura 22- Elaboração e pintura das máscaras.....	74
Figura 23- Desenhos realizados pelas crianças sobre a obra literária.....	77

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Horário de funcionamento do Jardim de Infância.....	4
Tabela 2- Horário da turma.....	22
Tabela 3- Idades das crianças participantes nesta investigação.....	51
Tabela 4- Tabela sumária da implementação.....	55
Tabela 5- Projeto: fazer o teatro da história "O Elefante Cor-De-Rosa" para apresentar aos colegas do 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	75
Tabela 6- Sonorizar a dramatização "O Elefante Cor-De-Rosa".....	76

LISTA DE ABREVIATURAS

1.º CEB- Primeiro Ciclo do Ensino Básico

AEC- Atividades de Enriquecimento Curricular

ATL- Atividades de Tempos Livres

CEB- Ciclo do Ensino Básico

EB- Escola Básica

EC- Educadora Cooperante

EE- Educadora Estagiária

EPE- Educação Pré-Escolar

JI- Jardim de Infância

OCEPE- Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PC- Professora Cooperante

PE- Professora Estagiária

PES- Prática de Ensino Supervisionada

SIC- Seminário de Integração Curricular

INTRODUÇÃO

Este relatório integra-se no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Está dividido em três capítulos: o primeiro diz respeito ao enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada, o segundo ao projeto de investigação e o terceiro apresenta uma reflexão global do percurso de intervenção educativa na PES.

No primeiro capítulo, é apresentada uma breve descrição dos contextos de estágio onde foi realizada a PES, nomeadamente na Educação Pré-Escolar, num jardim de infância com um grupo de crianças dos três aos seis anos de idade e, no 1.º Ciclo do Ensino Básico, numa turma do 2.º ano de escolaridade. Nestes dois capítulos são referidas algumas características do meio local, dos agrupamentos dos contextos educativos, do grupo/turma e do percurso de intervenção educativa.

No segundo capítulo, destaca-se a pertinência do estudo, o problema de investigação, as questões, bem como os objetivos de investigação. Também se procede à apresentação da fundamentação teórica, com os estudos de diversos autores e documentos analisados. Seguidamente, dá-se a conhecer a metodologia adotada, a caracterização dos participantes, as técnicas e instrumentos de recolha de dados, o procedimento e análise de dados, as categorias de análise, a calendarização do estudo, as questões éticas, a descrição e a análise e discussão dos dados. Por fim, surge a apresentação e a discussão dos dados, as conclusões e as limitações do estudo, para pôr em prática em futuras investigações.

No terceiro e último capítulo, está presente uma reflexão global de todo o percurso educativo nos dois contextos de estágio, destacando as experiências obtidas, os obstáculos que foram surgindo ao longo de todo o percurso e os pontos positivos e negativos da experiência no seu todo.

CAPÍTULO I- CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS EDUCATIVOS

Neste primeiro capítulo, será apresentada uma breve caracterização do contexto e o percurso educativo onde decorreram as duas etapas de PES. Numa primeira parte, apresenta-se o contexto educativo do Pré-Escolar, e numa segunda parte, o contexto educativo relativo ao 1.ºCEB.

A apresentação dos contextos educativos está distribuída pela caracterização do meio local, o Jardim de Infância/Agrupamento, a sala de atividades, as rotinas do grupo de crianças, bem como o pessoal docente e não docente que o integra.

Para cada contexto será realizada uma descrição do percurso da intervenção educativa.

Caracterização do Contexto Educativo do Pré-Escolar

Caracterização do meio local

A Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada no primeiro semestre, decorreu numa freguesia, que se localiza no concelho de Viana do Castelo. Esta freguesia tem uma área de 10,75 Km² e um total de 883 habitantes. Está localizada num meio rural de grande dimensão, mas muito dispersa em termos habitacionais. Em termos económicos, vive-se de uma agricultura exclusivamente de subsistência, uma vez que as famílias se encontram, em grande parte, a trabalhar na cidade e arredores. Os agregados familiares contemplam muitos avós, sendo estes que asseguram o cuidado das crianças nos tempos pós Jardim de Infância. A população da freguesia é muito ativa, promovendo muitas atividades de lazer durante o ano, levando vida e animação à mesma. A Escola também desempenha um papel importante como parceira em diversas atividades.

A cidade de Viana do Castelo situa-se no litoral norte de Portugal Continental, integrada na sub-região do Alto Minho. É uma cidade com diversos pontos de interesse cultural e turístico, aos quais se juntam o rio, a montanha e o mar, que estão interligados à sua história. Como pontos de interesse cultural e turístico destacam-se o Santuário de Santa Luzia, o Navio Gil Eanes, o Museu do Traje, o Teatro Sá de Miranda, a Praça da República, entre outros. Esta cidade é conhecida pelos bordados, pela louça de Viana, pelo traje tradicional e pela Romaria da Sra. da Agonia, que atrai milhares de turistas, em agosto. Relativamente às atividades económicas, destacam-se a pesca, a indústria naval, o comércio e o artesanato.

Caracterização do Agrupamento/Jardim de Infância

O Agrupamento conta com seis freguesias com meios socioeconómicos diferenciados. Praticamente todas as freguesias têm oferta de 1.º Ciclo do Ensino Básico, com exceção de uma. Existe uma Escola Sede desde o 2.º Ciclo ao Secundário, nos arredores.

O edifício é constituído por dois pisos: um piso térreo para a Educação Pré-Escolar (13 crianças), e um piso superior dedicado ao ensino do 1.º Ciclo (22 crianças). Em cada piso existem duas salas para o 1.º Ciclo (1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos); uma sala para a Educação Pré-Escolar, e uma sala que é utilizada como biblioteca/sala de informática e que sustenta também as realizações do grupo geral, nomeadamente Assembleias de Escola ou Reuniões de Pais. A cantina deste estabelecimento é localizada separadamente do edifício principal, sendo necessário as crianças saírem da escola para irem almoçar, utilizando uma pequena passagem para o efeito.

Este JI agrega no mesmo edifício o 1.º Ciclo do Ensino Básico, bem como outros espaços e recursos. Os espaços partilhados, tanto pelo Jardim de Infância como pelo 1.º Ciclo, são os do recreio exterior, a cantina, um espaço coberto, nas traseiras da instituição, e a biblioteca. Os materiais de Educação Física, de informática e de expressão musical são igualmente partilhados. Como recursos humanos, a Escola tem uma Educadora de Infância e dois Professores titulares de turma no 1.º Ciclo. No que diz respeito ao pessoal não docente, esta Escola conta com uma Assistente Operacional que recebe as crianças do Jardim de Infância pela manhã e que dá apoio à Educadora na sala de atividades. Existe também uma Assistente Operacional que presta um apoio mais permanente ao 1.º Ciclo; uma Cozinheira e outra Assistente Operacional, colocada a meio tempo e que dá apoio na cantina e no transporte coletivo das crianças. O Jardim de Infância tem, semanalmente, a presença de dois Professores de Música que fazem coadjuvação com a Educadora titular. Estes Professores implementam um Projeto de Música, promovido pela Câmara Municipal de Viana do Castelo, que leva a Expressão Musical, com técnicos especializados, a todos os Jardins de Infância do Concelho. O 1.º Ciclo conta também com estes Professores de Música e com uma Professora de Inglês para os 3.º e 4.º anos.

Neste Jardim de Infância, existe uma grande interação e proximidade entre os membros da equipa pedagógica, entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, não só a nível da planificação de atividades conjuntas, como em todo o trabalho do dia a dia, onde as crianças são o centro.

Tabela 1- Horário de funcionamento do Jardim de Infância

Horário	Atividades
08h30-09h00	Receção das crianças
09h00- 10h30	Componente letiva
10h30-11h00	Lanche, recreio e atividades
11:45-12h00	Almoço
12h30-13h30	Relaxamento/sesta
13h30-15h00	Componente letiva
15h00-15h30	Regresso a casa

Caracterização da sala de atividades e rotinas

A sala do Jardim de Infância é um espaço bastante amplo, muito iluminado, com janelas grandes, que permitem a entrada de luz natural. Nestes anos atípicos, devido à pandemia Covid 19, muitas reflexões foram realizadas pela Educadora para que o espaço fosse montado tendo como base a maior segurança para as crianças em termos de saúde, mas que não privasse o seu desenvolvimento natural e harmonioso. Nesta perspetiva, o planeamento dos espaços foi redefinido, designadamente com o aproveitamento do espaço polivalente que servia unicamente para a receção/ acolhimento das crianças e para a hora do lanche. Este espaço está, agora, montado com o objetivo de serem aqui realizadas as reuniões gerais de grupo, onde assistimos ao planeamento do dia a dia. Aqui também se desenvolvem algumas atividades de trabalho de mesa com o grupo todo ou outro tipo de situação, em que todos podem usufruir. Esta mudança proporcionou mais espaço na sala de atividades, dividida em áreas definidas: a área do desenho; a área das ciências; a área do faz de conta; a área dos jogos/construções; a área da música; a área da pintura; a área da colagem e modelagem; e a área da biblioteca/tecnologias. Cada área tem um número limite de crianças que a pode utilizar.

A mesa de reunião é um espaço de acolhimento, onde as crianças, juntamente com a Educadora, dialogam, conversam, discutem, programam e avaliam as atividades que realizaram durante o dia. No tempo de planeamento, os adultos e as crianças reúnem-se para falarem daquilo que cada criança quer fazer e do modo como quer fazê-lo.

O tempo em grupo grande é um tempo para que todo o grupo possa partilhar informação importante e participar em atividades que são próprias para grupos maiores (Hohman, 2004, p. 402), ajudando a construir o sentido de “nós” e “nosso”.

Figura 1- Polivalente



Figura 2- Sala de atividades



Figura 3- Espaço exterior



Na área da biblioteca, as crianças têm duas estantes à sua disposição, cheias de livros, que vão sendo abordados com as mesmas. As crianças podem manipulá-los, observar as suas ilustrações, ouvir a história e recontá-la. É uma área importante, pois permite dar asas à imaginação, desenvolver o gosto pela leitura e o respeito pelos livros. Era uma área bastante procurada pelas crianças, embora precisassem de um adulto para lhes ler as histórias, pois estas ainda não sabiam ler.

O contacto e o recurso a bibliotecas podem também começar nesta idade, se as crianças tiveram oportunidade de utilizar, explorar e compreender a necessidade de as consultar e de as utilizar como espaços de lazer e de cultura. Criam-se assim bases para o desenvolvimento de hábitos de leitura e do gosto pela leitura e pela escrita. (Silva et al., 2016, p. 67)

Figura 4- Área da biblioteca



Na área do desenho, as crianças realizam desenhos livres em folhas brancas A4, recorrendo a lápis de cor, marcadores e lápis de cera, que se encontram sempre à sua disposição num armário da sala. Também têm desenhos disponíveis para colorir. Quando pretendem ir para a área da pintura vão buscar as folhas A3 e pedem à Educadora pincéis e tintas de diversas cores. Na área da modelagem, as crianças podiam utilizar plasticina e fazer algumas construções com o material disponível.

As crianças têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar, cabendo ao/a educador/a alargar as suas experiências, de modo a desenvolverem a imaginação e as possibilidades de criação. (Silva et al., 2016, p. 49)

o desenho é um meio de expressão privilegiado. Revela-se ao mesmo tempo como uma atividade sensorial-motora e lúdica ligada às possibilidades de expressão gráfica e uma linguagem mais fácil de submeter à sua fantasia do que as palavras. (Vayer, 1992, p. 46)

Figura 5- Área do desenho



Na área das ciências, existe um espaço com materiais para apoiar as experiências como, por exemplo, um microscópio que era, por vezes, utilizado, para poderem observar alguns insetos. Cada criança podia ir descobrir e manipular os diversos materiais. Também tinham acesso ao Doc Robot, o qual era muito apreciado pelo grupo de crianças.

A introdução às diferentes ciências inclui, para além do alargamento e desenvolvimento de saberes da criança proporcionados pelo contexto de educação pré-escolar e pelo meio social e físico em que esta vive, a abordagem de aspetos científicos que ultrapassam as suas vivências imediatas. (Silva et al., 2016, p. 88)

Figura 6- Área das ciências



Nos jogos de mesa as crianças têm acesso a diversos jogos, como puzzles, tangram, dominós, enfiamentos e encaixes, sequências lógicas, bambino LUK, entre outros. Nos jogos de construções construíam cidades com legos, pistas de carros, entre outras coisas. Estes jogos permitem desenvolver capacidades de coordenação, motricidade fina, cooperação e criatividade. As crianças aprendiam a conviver umas com as outras e a partilhar/emprestar os brinquedos. Também fazia parte das áreas mais procuradas pelas crianças. “Brincar serve como um importante meio de assimilação e ocupa a maior parte das horas que a criança passa acordada. As brincadeiras imaginárias e paralelas são importantes ferramentas para a aprendizagem” (Gallahue & Ozmun, 2005, p. 48).

Figura 7- Área dos jogos



A área do faz de conta era constituída pela casinha (quarto e cozinha). Na cozinha tinham um fogão, um móvel para arrumar os utensílios da cozinha, um móvel para arrumar os pratos, os copos, os talheres, um lava-louça, uma vassoura, um apanhador do lixo, vários alimentos, uma mesa e cadeiras. No quarto tinham uma cama, uma mesa de cabeceira, vários bonecos, um móvel para guardar as roupas, um berço para os bonecos, um computador e um rato. Era das áreas mais procuradas pelas crianças. Tinham de partilhar e saber esperar pela sua vez.

O jogo dramático ou brincar ao “faz de conta” é uma forma de jogo simbólico em que a criança assume um papel de outras pessoas, animais ou máquinas ou o vive através de um objeto (boneco, marioneta) para representar situações “reais” ou imaginárias, e exprimir as suas ideias e sentimentos. (Silva et al., 2016, p. 52)

Figura 8- Área do faz de conta



Na área da música, as crianças tinham um espaço amplo, que lhes permitia explorar livremente alguns instrumentos musicais que estavam guardados de acordo com as suas características em caixas como: caixas chinesas, tamborins, pandeiretas, guizeiras, blocos de um e dois sons, clavas, entre outros. Cada criança podia escolher um instrumento e explorar o seu som. Todos os dias utilizavam as clavas para acompanhar a canção dos bons dias, por isso talvez fosse o instrumento mais apreciado por todos.

A música está presente na vida das crianças desde muito cedo e todas já tiveram oportunidades de contactar com diferentes formas musicais. A abordagem à Música no jardim-de-infância dá continuidade às emoções e afetos vividos nestas experiências, contribuindo para o prazer e bem-estar da criança. Esta abordagem integra-se nas vivências e rotinas da sala, valoriza os interesses e as propostas das crianças, no desenvolvimento de uma prática do ouvir, do “fazer” música e do experimentar e criar música e ambientes sonoros. (Silva et al., 2016, p. 54)

As atividades que se desenvolvem numa área de música e movimento proporcionam às crianças em idade pré-escolar oportunidade de experimentar e apreciar as capacidades rítmicas e musicais que são a base de posteriores expressões musicais e rítmicas mais complexas. (Hohman, 1987, p.69)

Figura 9- Área da música



Na área do computador as crianças utilizavam-no para visualizar vídeos, explorar diversos programas e para realizar jogos didáticos. Também podiam aprender a utilizar a internet e realizar pequenas pesquisas, com a ajuda de um adulto. Não era das áreas mais procuradas por este grupo de crianças.

A importância dos meios tecnológicos e informáticos no conhecimento do mundo, próximo e distante, e no contacto com outros valores e culturas faz com que a sua utilização no jardim-de-infância seja considerada como um recurso de aprendizagem. (Silva et al., 2016, p. 93)

Figura 10- Área do computador



As rotinas do JI são planeadas pela Educadora, com a colaboração das crianças, fazendo assim, com que estas saibam o que fazer em cada momento, de forma a apoiar a iniciativa da criança, proporcionando-lhe tempo para expressar os seus objetivos e intenções (Hohman, 2004, p. 224).

O tempo educativo tem uma distribuição flexível, embora corresponda a momentos que se repetem com uma certa periodicidade. A sucessão de cada dia, as manhãs e as tardes têm um determinado ritmo, existindo, deste modo, uma rotina que é pedagógica porque é intencionalmente planeada pelo/a educador/a e porque é conhecida pelas crianças, que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações. (Silva et al., 2016, p. 27)

De acordo com Hohman (2004, p. 225), a rotina diária mantém um equilíbrio entre limites e liberdades das crianças, ajudando-as a desenvolver um sentimento de segurança e controlo, e “levando-as a aceitar a responsabilidade das consequências das suas próprias escolhas e decisões” (Brickman, 1996, p. 115).

Relativamente às rotinas na sala de atividades deste grupo de crianças, iniciavam às 9h00. À medida que chegavam, a auxiliar desinfectava as mochilas, vestiam a sua bata e sentavam-se nos seus lugares. Todos os dias elegiam um responsável do dia que, por norma, seguia a ordem da tabela das presenças. A criança responsável colocava o seu nome no devido espaço. Seguidamente, ia fazendo a chamada e ia marcando as presenças. Posteriormente, viam quantas crianças estavam presentes e ausentes, verificando o número total de crianças presentes naquele dia. Pintavam o dia, no calendário, da cor correspondente ao dia da semana, inscrito numa lagarta dos dias da semana. Verificavam o tempo que estava e a estação do ano. Depois, colaboravam com a Educadora no preenchimento do Plano do dia, inscrito numa tabela preparada para esse efeito. O responsável ia buscar as clavas e cantavam a canção dos bons dias.

Entretanto, a Educadora dava início às atividades planificadas e, por volta das 10h30, realizavam a higiene das mãos e comiam o lanche da manhã (fruta). Quando terminassem iam para o recreio brincar, ou para as áreas, consoante o tempo que estava no exterior. Se fossem para as áreas cantavam uma canção, que resumia as opções que podiam realizar. Por volta das 11h00, as crianças retomavam as atividades. Perto das 12h00 lavavam as mãos para depois almoçarem. De seguida, iam para a sala fazer um pequeno relaxamento/sesta até às 13h30.

Às 13h30 retomavam as atividades. Às 15h15, as crianças pegavam nas suas mochilas para lancharem (leite e pão) e às 15h30 algumas crianças iam na carrinha escolar e outras esperavam que os pais as viessem buscar.

As rotinas eram muito importantes para as crianças, pois assim estas sabiam o que iam fazer ao longo do dia, de forma a apoiar a iniciativa da criança, proporcionando-lhe tempo para expressar os seus objetivos e intenções. Este grupo não dispensava as rotinas diárias, já estavam habituados.

Neste estabelecimento de ensino, o trabalho é realizado em constante articulação com o 1.º Ciclo, tanto no que respeita ao desenvolvimento de atividades como na própria partilha e reflexão sobre o desenvolvimento das crianças/alunos.

Caracterização do grupo

O grupo do Jardim de Infância conta com treze crianças inscritas. Relativamente às faixas etárias, existem cinco crianças com cinco anos; sete com quatro anos e uma com três anos. Este grupo iniciou com doze crianças inscritas, tendo sido admitida, em finais de outubro, uma criança de quatro anos, transferida de outro Jardim de Infância. Esta criança está a ser acompanhada pela Equipa da ELI (Equipa de Intervenção Precoce) e está medicada para a hiperatividade. O grupo é constituído por nove elementos do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Relativamente ao grupo do ano anterior, registam-se quatro entradas novas: duas crianças com cinco anos, uma com quatro e uma com três.

Daquilo que foi possível observar, trata-se de um grupo heterogéneo em idade, interesses e necessidades, designadamente a menina de três anos que apresentou uma adaptação e integração muito favorável, mas revela um quadro comprometido no que se refere à produção da fala. Esta situação está a ser acompanhada pela Educadora e respetiva família, dando tempo à observação, mas não escurando a preocupação e a implementação de estratégias diversas para melhorar a situação. Na generalidade, o grupo mostra-se já bastante autónomo, quer nas atividades de sala como na sua higiene e cuidados pessoais. As crianças mais velhas ajudam muito os mais novos, o que tem sido uma mais-valia para o desenvolvimento de um ambiente educativo rico, desafiante e estimulador. Na hora da refeição, as crianças de quatro e cinco anos já são completamente autónomas nas dinâmicas inerentes à refeição. Somente a criança com três anos precisa de alguma ajuda. É importante dizer que as crianças têm sido, na sua generalidade, muito assíduas graças ao excelente cuidado dos Encarregados de Educação que, ao mínimo sinal de instabilidade na saúde dos seus filhos, ficam com eles em casa. Uma das crianças mostra algum absentismo, justificado com constipações frequentes.

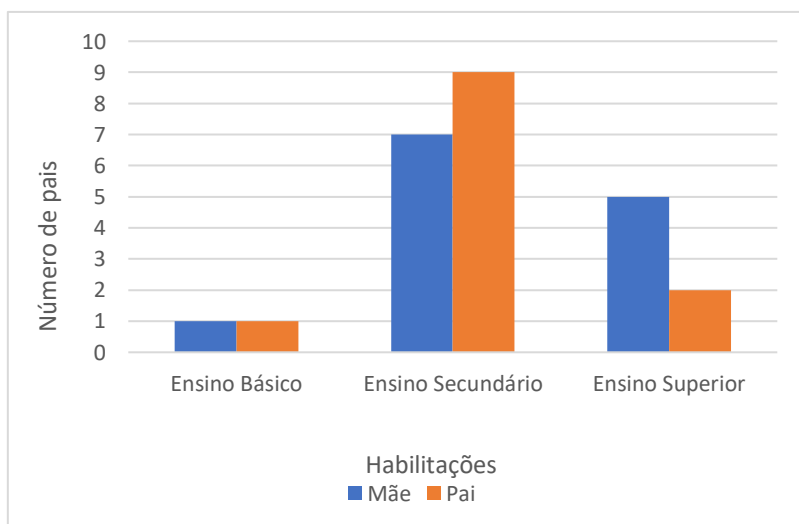
Ao redor da mesa grande, em grande grupo, as crianças já conseguem mostrar momentos de atenção alargados e participam com entusiasmo quando se planifica, se canta, se

ouve uma história, se faz uma descoberta. É um grupo entusiasta e participativo, mas onde encontramos crianças distraídas e com dificuldades de concentração que, por vezes, desestabilizam, designadamente o menino que chegou por último e se encontra medicado para a hiperatividade.

Nas brincadeiras de ar livre, destacamos o gosto por brincar autonomamente com areia, com água, com pás e com triciclos e trotinetas.

Todo o grupo gosta muito de ouvir histórias, de cantar, de dançar, das sessões de Música, das atividades de Educação Física, de sair para a floresta. A atividade de patinagem tem sido muito apreciada pelas crianças de cinco anos. Assim, neste momento, podemos dizer que, de uma forma geral, se trata de um grupo participativo, entusiasmado e provocador, que promete o emergir constante de projetos estimulantes e desafiadores do seu desenvolvimento/aprendizagem. De modo geral, o grupo de crianças estava bastante desenvolvido. Apesar de existirem algumas crianças com diferentes níveis de aprendizagem, o que se deve à diferença de idades. O grupo precisava de desenvolver mais a atenção/concentração durante a realização das atividades porque, por vezes, estavam distraídos e já não se lembravam do que tinha sido pedido para fazer.

Figura 11- Habilitações académicas dos pais



Percurso da Intervenção Educativa no Pré-Escolar

A PES decorreu num JI durante quatro meses e meio, iniciou no final de outubro até ao início de fevereiro. No total foram catorze semanas, três dias por semana (segunda-feira a quarta-feira). As três primeiras semanas corresponderam a um período de observação a as

seguintes já foram de implementação, alternando com o par pedagógico. Existiram também duas semanas intensivas (cinco dias).

As semanas de observação foram fundamentais para conhecer o grupo de crianças, com o qual iríamos trabalhar ao longo destes meses, bem como conhecer os seus interesses, gostos, grau de desenvolvimento em que se encontram, as suas rotinas, que foram integradas nas atividades ao longo das intervenções. Foi possível observar os métodos utilizados pela educadora cooperante, a forma como abordava as temáticas de aprendizagem com o grupo e as estratégias a que recorria em diversas situações.

Ao longo das semanas de observação, tivemos a oportunidade de participar nas atividades planeadas pela educadora cooperante, de maneira que as crianças se fossem habituando à nossa presença e fossem ganhando mais à vontade e confiança.

Semana 1- Corpo Humano

Iniciamos as implementações com uma pequena revisão do tema o Corpo Humano, onde as crianças puderam contactar e experimentar diversos materiais.

Ao longo desta semana, foram elaboradas várias atividades, explorando a área de expressão e comunicação (domínio da educação física, domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e domínio da educação artística, no subdomínio da música) e área do conhecimento do mundo (abordagem às ciências). Esta primeira implementação iniciou com um percurso alusivo à temática em questão, onde as crianças, ao som de uma música, teriam de realizar os seus gestos e de percorrer os diversos obstáculos. Na área de expressão e comunicação, no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e no domínio da educação artística no subdomínio da música, as crianças ficaram a conhecer a figura da maestrina, bem como da história “*O Elefante Cor-De-Rosa*” de Luísa Dacosta, que ia sendo explorada por partes, que foram adaptadas pela Educadora Estagiária (EE) ao grupo de crianças. Sempre que se contava esta história, ou tivessem alguma atividade de música, a EE trazia a roupa da maestrina, assim, as crianças já sabiam o que iriam trabalhar. Na área do conhecimento do mundo, começaram por visualizar um pequeno vídeo sobre as partes do corpo humano. Seguidamente, foram desafiadas a realizar um jogo de perguntas que tinham sido retratadas no vídeo. No domínio da educação artística, no subdomínio da música, foi trabalhada uma canção relacionada com a temática. Começaram por entoar a canção e realizar alguns gestos que iam surgindo ao longo da mesma. Posteriormente, as crianças foram divididas por grupos. Cada grupo cantava e realizava um movimento diferente. Foi proposto ao grupo a realização de uma orquestra. O grupo foi questionado se sabiam o que era uma orquestra. Foram apresentados alguns instrumentos musicais e o modo como

poderíamos utilizá-los. Depois de uma breve exploração livre, as crianças acompanharam a canção ao som do instrumento que possuíam. Trocaram as partes da música e de instrumentos, para que todos pudessem ter a possibilidade de os experimentar.

Semana 2- Higiene Oral

Na segunda semana de implementação abordou-se a temática da Higiene Oral. Na área da expressão e comunicação, no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, iniciamos a semana recorrendo a um baú das histórias. As crianças foram desafiadas a procurarem os materiais escondidos pela sala. No seu interior, existiam alguns materiais como escova de dentes, fio dentário, pasta de dentes, touca de banho, luva de massagem, escova de massagem, escova do cabelo, dente de acrílico, espelho, copo, uma esponja, uma fada dos dentes, uma personagem da história e o seu livro *“O Menino que Detestava Escovas de Dentes”* de Zehra Hicks. Depois de encontrarem todos os materiais, puderam explorar as diferentes texturas. Foram colocadas algumas questões sobre esta história. No domínio da educação artística, no subdomínio das artes visuais realizaram um desenho sobre a história que tinham ouvido. Na área de expressão e comunicação, no domínio da matemática, abordaram os números e operações. Nesta atividade, existiam cartões com diversas imagens relacionadas com a temática da higiene oral. Foram propostos diferentes desafios ao grupo de crianças. As crianças, utilizando cartas, teriam de associar as imagens ao número correspondente; em outros casos, poderiam rodear as imagens e representar o número correspondente e poderiam, ainda, pintar algumas imagens de acordo com o número representado. Na área da expressão e comunicação, no domínio da educação física, as crianças realizaram um pequeno percurso ao som de uma canção e teriam de contornar os vários obstáculos. Na área do conhecimento do mundo, na abordagem às ciências, as crianças visualizaram um vídeo sobre a escovagem dos dentes. Seguidamente, trouxemos alguns materiais para explorarem. Todas as crianças foram experimentar a escova grande, efetuaram movimentos circulares de escovagem dos dentes e aprenderam a utilizar o fio dentário num molde de uma boca. Depois, todas tiveram a possibilidade de limpar um dente sujo. Foram referidos alguns conselhos que deveremos seguir. As crianças identificaram e souberam explicar a razão de colocarem as imagens naquele local e fizeram a correspondência dos alimentos saudáveis e não saudáveis nos respetivos cartazes. Na área da expressão e comunicação, no domínio da educação artística, no subdomínio das artes visuais, foi dada continuidade à temática da semana. Para esta atividade, cada criança precisava de uma escova de dentes e espuma de barbear. Começaram por colocar um pouco de espuma no interior do dente e espalharam com a ajuda da escova de dentes, até o dente estar

totalmente preenchido. As crianças foram desafiadas a construir uma caixa para colocarem os seus dentes quando caírem. Já com o molde fizeram as dobragens e coloriram a caixa. Na área da expressão e comunicação, no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, voltámos à história “*Elefante Cor-De-Rosa*”, onde foi explorado mais um excerto.

Semana 3- Emoções

Na terceira semana de implementação, foi abordada a temática das emoções. Na área de expressão e comunicação, no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita as crianças começaram por procurar os objetos escondidos na sala. No interior do baú das histórias estavam vários novelos de lã, uma personagem e um livro, “*O novelo de emoções*”, de Elizabete Neves. Foram colocadas algumas questões sobre a história. Na área do conhecimento do mundo, realizaram uma pequena experiência relacionada com as cores. Realizaram também um jogo da memória com as diferentes emoções. Na área de expressão e comunicação, no domínio da educação física ajudaram a personagem da história a encontrar as suas emoções. Na área de expressão e comunicação, no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, domínio da educação artística, no subdomínio da música avançamos mais um excerto do livro “*Elefante Cor-De-Rosa*”. Foram colocadas algumas questões, na sua exploração.

Semana 4- Natal

A quarta semana de implementação foi dedicada à preparação da festividade do Natal. Na área de expressão e comunicação, no domínio da educação física, as crianças ajudaram o Pai Natal na sua viagem, percorrendo vários obstáculos como um trajeto de arcos, ultrapassando-os a saltar a pés juntos, ao pé-coxinho, ou com o pé dominante; percorrer um colchão com estrutura de arcos a rastejar, gatinhar, andar de costas, ou de joelhos, manter o equilíbrio em cima de blocos, e proceder ao lançamento atrás de um banco sueco para delimitar a distância, para acertar com arcos dentro do cone. No fim do percurso, as crianças tinham de pegar numa prenda e colocá-la no saco do Pai Natal. Na área de expressão e comunicação, no domínio da educação artística, no subdomínio da música aproveitamos para relembrar as canções, para apresentarem na festa de Natal. Na área de expressão e comunicação, no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, foi descoberta uma caixa de correio, que tinha uma carta no seu interior. Foi abordada uma história “*Natal nas Asas do Arco-Íris*”, de Alice Cardoso. Esta história foi apresentada recorrendo a imagens num flanelógrafo. No final da história, foram colocadas umas questões. Na área de expressão e comunicação, no domínio da educação artística, no

subdomínio das artes visuais, foram tiradas algumas fotografias individuais nuns cenários de Natal. Realizaram a técnica do sopro. Na área de expressão e comunicação, no domínio da matemática, foram trabalhados os padrões através de um jogo. Na área do conhecimento do mundo, na ciência na cozinha, as crianças confeccionaram bolachas. Na área de expressão e comunicação, no subdomínio da música voltamos ao livro *“Elefante Cor-De-Rosa”*, de Luísa Dacosta.

Semana 5- O inverno

Na quinta semana, a semana intensiva foi dedicada à temática do inverno.

Na área de expressão e comunicação, no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, apresentamos uma história numa televisão *“Adivinha Quanto Eu Gosto de Ti no Inverno”*, de Sam McBratney. No final de cada história eram colocadas algumas questões ao grupo de crianças, como por exemplo *“Como se chama este livro que acabamos de ler?”*; *“De que estação nos fala a história?”*; *“Quais são os animais que aparecem na história?”*; *“A que brincavam as lebres?”*; *“Qual foi a primeira adivinha que a Lebre pequena contou?”*; *“A Lebre grande viu uma coisa de uma aranha. Qual foi a resposta dada pela lebre pequena?”*. Estas questões nem sempre eram sobre a narrativa. Tinham como objetivo promover o pensamento crítico e a reflexão em grande grupo. Assim, cada criança estaria envolvida e podia expressar-se. No domínio da educação artística, no subdomínio das artes visuais, as crianças coloriram alguns desenhos sobre as quatro estações do ano. Na área do conhecimento do mundo, foi realizada uma experiência sobre os três estados físicos da água e abordamos a dissolução. Na área de expressão e comunicação, no domínio da educação artística, no subdomínio da música ficaram a conhecer a música do dia no site da Casa da Música do Porto. No domínio da educação física, jogaram a um pequeno jogo e penduraram as peças de roupa adequadas a cada estação do ano. Fizemos uma pequena brincadeira com a luz do sol e sombra, como estávamos a abordar as estações do ano. Se não estivesse bom tempo esta atividade poderia ser realizada no interior da sala, recorrendo a uma fonte de luz numa parede. Cada criança estava numa linha, em fila. Com esta atividade pretendia-se que as crianças conseguissem descobrir, brincar e conhecer melhor o seu corpo com a sua própria sombra refletida no chão, por exemplo levantar os braços, mexer as mãos, saltar ao pé-coxinho, entre outras. No domínio da educação artística, no subdomínio das artes visuais realizaram a técnica das texturas. Na área do conhecimento do mundo e domínio da matemática, participaram num jogo de adivinhas. As cartas estavam divididas em quatro cores diferentes. Começamos por fazer quatro conjuntos e vimos quantas cartas tinha cada conjunto e, depois o total de cartas. Fizemos um breve *subtizing* com tampas de garrafa.

Confeccionaram uma receita de panquecas saudáveis através de um pictograma, que acompanharam com chocolate quente. Regressaram à história *“Elefante Cor-De-Rosa”*. No subdomínio do jogo dramático/teatro, jogaram ao jogo da mímica. Este permitiu que cada criança controlasse melhor os seus movimentos corporais, a coordenação motora, a linguagem gestual, a consciência do seu corpo, aprender a expressar as suas emoções, a socializar, a estar concentrada, a desenvolver a imaginação e a criatividade. No domínio da matemática recorreram à mira refletora. Exploraram os animais e os números. Ao longo das sessões de observação pude constatar que as crianças revelavam algumas dificuldades na representação dos números. Por vezes, escreviam-nos como se os estivessem a ver ao espelho. Observei que através desta atividade conseguiram superar essa dificuldade e melhoraram a sua representação no quadro, onde contabilizam os que estão presentes ou ausentes. As crianças tiveram aula com os professores de música. Na área do conhecimento do mundo, visualizaram um vídeo sobre as quatro estações do ano. De seguida, foram desafiados a elaborar quatro cartazes para apresentar aos colegas. No domínio da educação artística, no subdomínio da música, conheceram o poema *“O Inverno”* de Eugénio de Andrade através de uma canção. E para terminar avançamos mais um pouco na história *“Elefante Cor-De-Rosa”*. Todas as semanas era explorado um excerto do livro *“O Elefante Cor-De-Rosa”*, da autora Luísa Dacosta, que era adaptado à faixa etária deste grupo de crianças. O grande objetivo era interligar em simultâneo a área de Linguagem Oral e Escrita com o Subdomínio da Música e abordar uma história, de forma mais cativante e inovadora. À medida que se ia contando a história íamos privilegiando e explorando sons e alguns aspetos relacionados com a voz. Com a mesma pretendia-se que as crianças não ficassem meramente a ouvir a história, mas que pudessem participar ao longo da mesma.

Semana 6- Relatório final

Esta semana foi dedicada ao nosso relatório de estágio. Terminamos a exploração da história *“Elefante Cor-De-Rosa”*. Foram realizadas algumas questões. As crianças, depois de um breve resumo, procederam ao reconto da história. No domínio da matemática, elaboramos uma tabela, para a organização da peça de teatro para apresentar aos colegas do 1.º Ciclo do Ensino Básico. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016) referem que:

No jardim de infância, a aprendizagem das crianças requer uma experiência rica em matemática, ligada aos seus interesses e vida do dia a dia, quando brincam e exploram o seu mundo quotidiano. O/A educador/a deverá proporcionar experiências diversificadas e desafiantes, apoiando a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas e propondo situações problemáticas em que as crianças encontrem as suas próprias soluções e as debatam com as outras.

(p.74)

No domínio da educação artística, no subdomínio das artes visuais, elaboramos os cenários da história em papel de cenário. Demos início à construção dos adereços necessários. No domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, no subdomínio da música, partimos à descoberta das sonoridades, que definimos para a peça de teatro e realizamos um primeiro ensaio, para a apresentação da peça de teatro.

Caracterização do Contexto Educativo no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Caracterização do meio local

A PES do segundo semestre realizou-se numa Escola Básica (EB1), localizada numa freguesia pertencente ao concelho de Viana do Castelo. Esta freguesia tem uma área de 7,47 Km² e um total de 3927 habitantes.

Esta é caracterizada por uma ocupação edificada, dispersa ao longo das vias, apresentando elevada densidade.

A freguesia tem como principais atividades económicas a serralharia, a metalomecânica, a transformação de madeira, a indústria têxtil, a construção civil, o comércio e a pequena indústria.

A vitalidade da cultura da freguesia é incentivada pela existência de vários serviços e estruturas adequadas, nomeadamente o serviço de biblioteca itinerante, o auditório do centro social e cultural, o salão da Casa do Povo, a imprensa local e algumas escolas de música e outras artes.

Dispõe, ainda, de uma rede escolar. No que diz respeito à saúde e solidariedade social, os habitantes da freguesia usufruem de um centro de saúde e de um centro de dia.

Caracterização do Agrupamento/Escola

O Agrupamento onde a EB1 está inserida engloba desde o Ensino Pré-Escolar, o 1.º, o 2.º e o 3.º Ciclos e o Ensino Secundário.

A Escola do 1.º CEB partilha o espaço com o JI. O edifício é constituído por dois pisos. O piso inferior é composto por um *hall* de entrada, duas salas do 1.º ano, duas salas do Pré-Escolar, uma biblioteca escolar/centro de informática, uma sala de professores, uma secretaria, uma sala com materiais de Educação Física, um refeitório, um ginásio e casas de banho para alunos e professores. O piso superior é composto por duas salas do 2.º ano, duas salas do 3.º ano, duas salas do 4.º ano, uma sala de arrumos com materiais escolares, uma sala de Música, uma sala de EMRC (Educação Moral e Religiosa Católica) e casas de banho para professores e alunos.

Quanto aos recursos humanos, a Escola conta com uma Coordenadora, uma Educadora, duas auxiliares no âmbito da Educação Pré-Escolar, três auxiliares no 1.º CEB, três/quatro funcionárias na cozinha (uma encontra-se a meio tempo), uma Professora de Música, uma Professora de Expressões Plásticas, dois Professores de Educação Física, oito professores do 1.º

CEB, uma Psicóloga, uma Professora de Ensino Especial e Professores de Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) e tinham, ainda, Atividades de Tempos Livres (ATL). Esta Escola acolhe oito turmas (duas turmas de cada ano de escolaridade), desde o primeiro ao quarto ano de escolaridade, tendo no total 136 alunos do 1.º CEB e 20 alunos na Educação Pré-Escolar.

No que diz respeito aos recursos materiais, a Escola tem muitos materiais didáticos e manipuláveis, instrumentos musicais, computadores, projetores, quadros interativos, fotocopiadora e impressora. Na sala de arrumos do piso inferior, também há materiais de Educação Física como bolas, sinalizadores, pines de *bowling*, arcos, colchões, raquetes, entre outros.

O espaço exterior é bastante amplo e é constituído por um campo de futebol, alpendres para os dias de chuva, alguns jogos no chão, uma horta, uma zona para brincarem livremente e um parque infantil com baloiços e escorrega para o Pré-Escolar. A Escola tem bastantes espaços verdes, com várias árvores, mas maioritariamente é cimentada.

Figura 12- Espaço exterior



Caracterização da sala de aula e horário

A sala de aula é um espaço amplo, muito iluminado, com duas janelas grandes, que permitem a entrada de luz natural, tem boas condições, permitindo a circulação dos alunos e dos professores.

Esta sala estava equipada com computador, projetor, um quadro branco, várias mesas e cadeiras, uma secretária do professor, dois radiadores elétricos, um armário com materiais e um armário com as capas/cadernos e outros materiais dos alunos.

Os alunos estavam organizados em mesas individuais, cada um tinha uma capa em cima da mesa, que servia para guardar os cadernos e os manuais escolares. As mesas estavam

dispostas em fila, o que privilegiava o trabalho individual e, se fosse necessário, em pequenos grupos.

O horário da turma divide-se em dois blocos: o bloco da manhã, das 9 h às 12h30, e o bloco da tarde, das 14 h às 15h30. Os alunos entram, todos os dias, às 9 h e saem, às 15h30, tendo intervalo da manhã, desde as 10h30 até às 11 h, e intervalo de almoço, desde as 12h30 às 14 h.

Tabela 2- Horário da turma

	Segunda-feira	Terça-Feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	
09h00	Português	Matemática	Português	Matemática	Português	
9h30		Português				
10h00		Português				
10h30	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo	
11h00	Matemática	Português	Educação Artística	Estudo do Meio	Matemática	
11h30						Educação Artística
12h00						Apoio ao Estudo
12h30	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	
14h00	Apoio ao Estudo	Estudo do Meio	Matemática	Português	Apoio ao Estudo	
14h30	Educação Física				Cidadania	
15h00					Oferta complementar	
16h00	EMRC					
16h30						

As aulas de Educação Física, à segunda-feira de tarde, eram lecionadas por um professor fornecido pela Câmara, que vinha à Escola de 15 em 15 dias. Na semana seguinte, eram dadas pela Professora Cooperante.

Os alunos tinham, ainda, aula de Música à terça-feira de manhã, e aula de Expressões Plásticas, à quarta-feira de manhã. Alguns alunos ficavam no final das aulas, no ATL.

Figura 13- Sala de aula



Caracterização da turma

A turma onde foi realizada a PES encontrava-se no 2.º ano de escolaridade e era composta por 16 alunos, sete do sexo masculino e nove do sexo feminino, com idades compreendidas entre os sete e os oito anos. Na turma, existia um aluno que beneficiava de medidas Universais e Seletivas, que trabalha conteúdos do 1.º ano de escolaridade, pois faltava muito às aulas. Este aluno estava a ser acompanhado por uma professora do Ensino Especial, às quintas e sextas-feiras, e por uma Psicóloga da Escola, às terças-feiras.

Todos os alunos eram assíduos, faltando apenas às atividades letivas por motivos de doença ou imprevistos pontuais.

As principais dificuldades da turma ocorriam ao nível da concentração, pois os alunos distraíam-se facilmente, conversando, muitas vezes, com os colegas, sendo necessário chamá-los à atenção. Alguns alunos revelavam algumas dificuldades na realização de algumas tarefas, nomeadamente na interpretação de problemas, na leitura e compreensão textual, bem como na expressão escrita, dando alguns erros ortográficos na elaboração textual.

Relativamente aos aspetos positivos, a turma era bastante participativa. Os alunos demonstravam sempre muito interesse e entusiasmo durante a realização das atividades.

Os Encarregados de Educação eram, maioritariamente, as mães. Não foi possível aferir as habilitações académicas dos Encarregados de Educação e os setores de atividade que ocupavam profissionalmente.

Percurso da Intervenção Educativa no 1.º do Ensino Básico

A Prática de Ensino Supervisionada, referente ao 2.º semestre, começou na segunda semana de março e terminou no início de junho. No total foram 13 semanas, três dias por

semana (de segunda a quarta-feira). As três primeiras semanas corresponderam a um período de observação e as seguintes de implementação, alternando com o par pedagógico. Existiram também duas semanas intensivas (cinco dias).

As semanas de observação foram fulcrais, pois permitiram conhecer a turma com a qual iríamos trabalhar ao longo destes meses, determinar o seu grau de desenvolvimento, os alunos com mais dificuldades, bem como aperceber-me dos seus interesses e gostos. Também foi importante para a nossa adaptação à turma e vice-versa. Deste modo, foi possível interagir com os alunos para estabelecer uma relação de confiança, conhecer as rotinas, os horários, a organização da turma, os métodos de trabalho adotados pela professora cooperante e a sua intervenção face à turma.

Ao longo do período de implementação, foi desenvolvido um trabalho de pesquisa, seleção, preparação e aplicação, em parceria com a professora cooperante, nas diferentes áreas curriculares.

Relativamente à área curricular de Matemática, no Bloco 3- Grandezas e Medida, foram trabalhadas as medidas de comprimento, na qual os alunos realizaram exercícios de medição, primeiramente com a palma da mão. Posteriormente, mediram o comprimento de objetos/materiais da sala de aula e puderam manusear alguns instrumentos de medida, tais como: a régua, a fita métrica, o metro articulado e a fita métrica extensível. Reconheceram a necessidade de escolha de uma unidade para efetuar medições e puderam conhecer e contactar com alguns instrumentos de medida. Também foram exploradas as unidades de medida padrão: o metro, o decímetro, o centímetro e o milímetro. No domínio dos Números e Operações - Números Naturais -, foi abordada a importância dos números no nosso dia a dia, em que situações os utilizamos e a definição de Números Naturais. Os alunos exploraram o Material Multibase, recorrendo a alguns exercícios práticos. Ainda no bloco 3, foram abordadas as Áreas. Estes tinham de realizar os exercícios práticos no geoplano, no papel quadriculado, utilizar o *tangran* e os blocos padrão. Também foram abordadas a Organização e Tratamento de Dados e a Representação e interpretação de dados em tabelas: em pictogramas, gráficos de barras, gráficos de pontos e gráficos de barras, utilizando exercícios lúdicos. Abordaram, ainda, o tema das horas e dos minutos, através de exercícios práticos e interativos. Os alunos revelavam alguma facilidade na resolução de exercícios e na aplicação dos conhecimentos em novas situações de aprendizagem.

Figura 14- Exploração dos instrumentos de medida



No que concerne à área disciplinar de Estudo do Meio, no Bloco 3- À Descoberta do Ambiente Natural -, foi tratado o tema das Plantas, relacionando com conteúdos abordados em Matemática. Realizaram várias plantações na horta da Escola, tendo recorrido aos instrumentos de medição que conheceram em Matemática. Ao longo da PES, tive de proceder a uma articulação curricular entre as diversas áreas disciplinares. Através da mesma, foi promovida a mobilização de conhecimentos, capacidades, competências e recursos, que são indispensáveis do ponto de vista formativo.

Estas foram realizadas a uma distância de 10 cm umas das outras e a 1 metro dos outros grupos. No final, todos os grupos mediram as suas plantas, utilizando os diversos instrumentos de medida. No Bloco 5- À Descoberta dos Materiais e Objetos -, realizaram uma experiência relacionada com o tema das Plantas. Com esta experiência, puderam observar que as plantas mudam de cor, já que a planta vai absorver no seu caule a água. Como esta estava colorida, devido ao corante alimentar, as pétalas mudaram de cor. No Bloco 3- À Descoberta do Ambiente Natural-, aprenderam a distinguir os animais selvagens dos animais domésticos, descobriram os diferentes ambientes onde estes podem viver: terrestres, aquáticos e aéreos, assim como os seus revestimentos, os modos de vida, a sua alimentação, o seu modo de deslocação e reprodução. No final da sessão, os alunos realizaram um pequeno jogo através de uns cartões, que retiraram de um pequeno saco. Cada um, tendo em conta os aspetos que estiveram a estudar, descreveu aos colegas o animal que surgia no seu cartão, para ver se estes conseguiam adivinhar qual era o animal descrito. Foram lecionados os Estados do Tempo, tendo sido consultados vários sites, como o IPMA (Instituto Português do Mar e da Atmosfera), destacou-se a importância dos índices ultravioleta e elaboraram um quadro do tempo. A consulta de sites oficiais relativos a instituições ou entidades de interesse público são importantes, para que os alunos possam ter acesso a informações fiáveis sobre aspetos da vida quotidiana, transmitidas pelos mesmos. Neste, podemos consultar a previsão diária do tempo, verificar os índices

ultravioleta, entre outros. Ficaram a conhecer os símbolos associados aos diferentes estados do tempo e realizaram jogos interativos. Também exploraram as regras de segurança que devemos ter em conta durante as férias de verão, recorrendo, igualmente, a atividades interativas. Para abordar a temática da Família, foi interligada a área do Português com a do Estudo do Meio Social, tendo por base a obra *O Livro da Família*, de Todd Parr”. No final, debatemos algumas ideias sobre a mesma, pois, na sociedade atual, rompeu-se com o conceito de família tradicional com uma autoridade paterna- materna e papéis bem definidos para passar à chamada família moderna, com uma estrutura mais independente e flexível. Assim, a família moderna engloba muitos tipos de família, desde a formada por um casal com os seus filhos (tipo de família tradicional) até à que é composta por pais solteiros, casais do mesmo sexo ou casais com filhos de relações anteriores. Seguidamente, os alunos elaboraram um desenho sobre a sua família e apresentaram-no à turma. Também representaram numa árvore genealógica os familiares mais próximos ou que vivem com eles (pais, filhos e avós).

Figura 15- Elaboração do quadro do tempo



Na disciplina de Educação Física, no Bloco 1- Perícias e Manipulações -, realizaram exercícios para conduzir uma bola, contornando os obstáculos e pontapear uma bola com precisão a uma determinada distância delimitada. No Bloco 2 - Deslocamentos e Equilíbrios -, os alunos tiveram a oportunidade de transpor obstáculos sucessivos em corrida, saltar a pés juntos, com o pé dominante, ao pé-coxinho, saltar à corda e contornar os cones em ziguezague. Estes dispunham de algumas variáveis, o que lhes permitia selecionar o modo como preferiam realizar os exercícios. No Bloco 4 – Jogos -, realizaram vários jogos, tais como: “jogo do lenço com números”; “o rabo de raposa”; “futebol humano”; “jacaré”, entre outros. Em todas as sessões de Educação Física foram realizados exercícios de aquecimento no início da aula, para preparar a parte cardiorrespiratória e exercícios de relaxamento no final, para controlar a respiração e o alongamento muscular.

Figura 16- Exploração de alguns blocos na disciplina de Educação Física



Relativamente à área disciplinar de Português, foram trabalhados diversos domínios. No domínio da comunicação oral, os alunos puderam expor as suas ideias, responder a questões, interpretar e analisar textos.

Projetos

No âmbito da Unidade Curricular de SIC (Seminário de Integração Curricular), participámos numa formação sobre o livro *cartonero*. Posteriormente, colocamos em prática este projeto com os alunos, com os quais estávamos a trabalhar no estágio. Estes participaram na elaboração de uma história coletiva, com o objetivo de criar um livro *cartonero*, no qual foram incluídas as histórias de todos os contextos de estágio no interior do mesmo. Cada aluno participou ativamente na construção do seu próprio livro, que levou, posteriormente, para casa. Foram também oferecidos dois livros, um à Professora Cooperante e outro à biblioteca da Escola.

Figura 17- Concretização dos livros cartonero

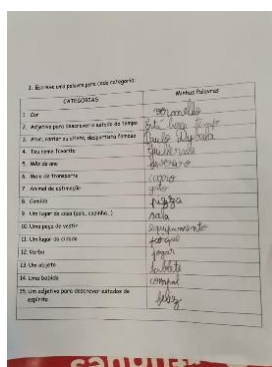


No domínio da Leitura, todos os alunos treinaram como era habitual, em silêncio, a leitura de textos de vários géneros literários, antes de lerem em voz alta para os seus colegas, dado que esta prática era muito utilizada pela Professora Cooperante.

Relativamente à expressão escrita, legendaram imagens, completaram sequências de histórias e elaboraram frases com algumas palavras “novas”, que foram descobrindo através da realização das atividades implementadas. Desta forma, trabalharam diariamente a leitura e a escrita. Realizaram, da mesma forma, ditados e corrigiram os erros ortográficos no seu caderno diário. Elaboravam desenhos e, de seguida, apresentavam-nos e descreviam-nos aos seus colegas. Realizaram, igualmente, alguns exercícios de ortografia ao som de uma canção, em que tinham de completar os espaços em branco, com as palavras em falta; ditados de parede e criaram uma história a partir de imagens. No domínio da Gramática, descobriram algumas regularidades no funcionamento da língua, realizaram jogos interativos, como *quizzes*, responderam a perguntas sobre as histórias ou sobre gramática. As crianças ficam mais atentas, motivadas e interessadas na aprendizagem quando esta é feita através de atividades diversificadas e dinâmicas e os jogos interativos são um desses exemplos, pois podem levar as crianças a trabalhar e a interessarem-se mais pelos conteúdos programáticos, uma vez que são abordados de uma forma mais ativa e motivadora. A este propósito, Pinto e Tavares (2010) defende que “Por meio de uma aula lúdica, o aluno é estimulado a desenvolver sua criatividade e não a produtividade. Sendo sujeito do processo pedagógico, no aluno é despertado o desejo do saber, a vontade de participar e a alegria da conquista”. (p.232)

Quando liam um texto, sublinhavam os nomes, os adjetivos e os verbos que surgiam numa dada frase ou parágrafo do texto.

Figura 18- Atividades lúdicas na área do Português



No domínio da Educação Literária, tiveram a oportunidade de conhecer e manusear alguns livros, tais como: *O Elefante Cor-De-Rosa*, de Luísa Dacosta; *Se eu fosse um livro*, de José

Jorge Letria; *O Meu Avô*, de Catarina Sobral e *Adivinha Quanto eu Gosto de Ti na Primavera*, de Sam McBratney. Estas obras foram utilizadas para alargar os conhecimentos literários dos alunos a nível de conteúdos, de autores, de temáticas e permitiram a partilha de ideias, gostos e opiniões dos mesmos. No segundo livro foi pedido aos alunos para pensarem se fossem um livro como gostariam de o ser e depois o elaborarem num desenho. No último livro, ouviram a canção de André Sardet “Adivinha Quanto Gosto de Ti”, para tentarem fazer uma previsão sobre o tema da sessão. Cada aluno ficou com uma impressão do livro, para poder lê-lo com os seus pais, em casa. Este tipo de atividades possibilita que os pais participem na vida escolar dos seus educandos, estabelecendo uma aproximação entre a família e a escola. Depois, realizaram um pequeno jogo “bingo das adivinhas”, com perguntas sobre as quatro estações do ano. Também foram exploradas as guardas dos livros, as ilustrações, assim como destacaram o autor, o ilustrador e a editora dos mesmos, estratégia utilizada regularmente pela Professora Cooperante. No caso do livro “*O Meu Avô*”, de Catarina Sobral, os alunos começaram por antecipar qual seria o seu tema através da capa. Posteriormente, visualizaram alguns intertextos, em que a autora/ilustradora se inspirou para o escrever e ilustrar. Desta forma, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer outras obras e respetivos autores, o que lhes permitiu alargar os seus conhecimentos a nível de ilustrações e em termos literários.

Visualizaram, ainda, um vídeo com Charlie Chaplin, o que lhes permitiu conhecer esta personagem e a época em que viveu. No final da sessão, elaboraram um desenho e escreveram uma pequena frase sobre o que gostam mais de fazer quando estão com os seus avós.

Figura 19- Exploração do livro "O Meu Avô", de Catarina Sobral



CAPÍTULO II- PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

Contextualização

Este capítulo inclui a contextualização, a pertinência do estudo, bem como a problemática e os objetivos de investigação. Seguidamente, apresenta-se a fundamentação teórica que sustenta o tema em estudo, a metodologia, a análise e a discussão dos dados. Posteriormente, seguem-se as conclusões e as limitações do estudo.

Pertinência do Estudo

No âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, é proposta a realização de um trabalho de investigação, durante a prática no contexto de estágio. Este trabalho de investigação desenvolveu-se numa sala de crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos, num Jardim de Infância de uma das freguesias de Viana do Castelo. Neste caso, a proposta incidiu na Área de Expressão e Comunicação, nomeadamente, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e no Subdomínio da Música.

Todos estes domínios se relacionam entre si, proporcionando uma articulação de saberes que permitem à criança apreender diferentes linguagens que a ajudarão a “interagir com os outros, exprimir os seus pensamentos e emoções de forma própria e criativa, dar sentido e representar o mundo que a rodeia” (Silva et al. 2016, p. 43). Por conseguinte, a área de Expressão e Comunicação é considerada fundamental para o desenvolvimento harmonioso da criança.

É importante mostrar que é possível utilizar estratégias diversificadas no ato de contar histórias, recorrendo, por exemplo, à sua sonorização, como propomos neste trabalho, cruzando saberes e contribuindo para promover, desde cedo, o desenvolvimento da sensibilidade estética das crianças. Nas semanas de observação, foi possível constatar que as crianças gostavam muito de ouvir histórias, de uma forma mais teatralizada, como a Educadora Cooperante costumava fazer. Esta está ligada ao teatro há largos anos, integrando uma companhia, pelo que aplica, diariamente, os conhecimentos adquiridos nessa área na sua vida profissional. Possui um método de trabalho muito pessoal, imprimindo uma magia e uma grande dinâmica a todas as atividades realizadas. Desta forma, cativa e capta a atenção de todas as crianças, proporcionando-lhes, ao longo do dia, momentos de entretenimento e de

aprendizagem de uma forma lúdica. É uma pessoa que possui muita experiência, que se dedica integralmente ao seu trabalho e às crianças, pelo que realiza, frequentemente, formações para se manter sempre atualizada. Como foi salientado anteriormente, o papel do educador é fundamental para o desenvolvimento da linguagem nas crianças em idade pré-escolar. Segundo Hohmann e Weikart (2011),

é importante desenvolver a linguagem em ambientes onde as crianças tenham experiências de que queiram falar, e onde têm alguém atento a elas, envolvendo-se em diálogo. Estas interações com pessoas e materiais preparam o palco para a criança construir a sua compreensão da linguagem, da leitura e da escrita. (p. 100)

Objetivos e questões de investigação

Tendo em conta o enquadramento e a pertinência do trabalho anteriormente descritos, e reconhecendo a importância dos recursos sonoros na exploração de histórias e da sua associação ao ato de contar e ouvir histórias, foram delineadas as seguintes questões:

1. Que estratégias utilizar para a exploração de uma história através do timbre, intensidade e altura do som?
2. Que recursos sonoros, a nível musical e linguístico, contribuíram para o ato de contar e ouvir histórias?
3. Como rececionam as crianças a exploração sonora e dramática de uma história?

De acordo com o problema de investigação e as questões de investigação referidas para a concretização do estudo, formularam-se os seguintes objetivos:

1. Explorar estratégias para contar histórias, tendo por base os conceitos de timbre, intensidade e altura do som;
2. Contar/ouvir histórias, privilegiando o som;
3. Potenciar a vivência do ato de ouvir histórias, através de explorações sonoras e dramáticas.

De forma a cumprir os objetivos, a Professora Estagiária promoveu, a partir de uma obra, a exploração a nível literário e musical, interligando as duas em simultâneo. Além disso, promoveram-se diversos desafios a nível dramático e sonoro para facilitar o processo de ensino-aprendizagem, o que permitiu desenvolver as competências dos alunos nestes domínios.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Aprendizagens a promover no âmbito das OCEPE (música, contar/ ouvir histórias)

Considerando as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016), a Área de Expressão e Comunicação, tal como já foi referido, é a única em que se distinguem diversos domínios, como: Domínio da Educação Física, Domínio da Educação Artística, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática, que estão incluídos na mesma área. São estas características que permitem classificá-la como fundamental na aprendizagem das crianças. O desenvolvimento desta área pressupõe um processo educativo, que irá possibilitar, por sua vez, a evolução gradual das crianças, bem como a intervenção do(a) educador(a) em todo este processo, proporcionando a aquisição de competências, o prazer e bem-estar das mesmas. Neste âmbito, são destacadas as especificidades e importância da música no domínio da Educação Artística. As crianças, antes de entrarem para o JI, já tiveram oportunidade de ouvir músicas, cantar, contactar ou tocar algum instrumento musical.

Ao longo do seu desenvolvimento, a criança vai mantendo contacto com a música, a qual a ajudará a expressar-se, a desenvolver a sua capacidade de autoconhecimento e a compreender a realidade em que vive.

Deste modo, o educador deverá privilegiar a exploração de sons e ruídos da natureza (vento, sons de animais...) e da vida quotidiana (o sino da igreja, o motor do automóvel...), assim como é fundamental que oiçam música de diversos estilos musicais, de diferentes culturas e épocas. Estas experiências conduzirão ao desenvolvimento da expressão corporal das crianças. No entanto, os momentos de silêncio são também particularmente importantes ao nível da escuta, pois permitem “identificar, memorizar, reproduzir e explorar as características dos sons: ritmo, melodia, dinâmica, timbre e forma”. Assim, a criança desenvolverá o seu repertório sonoro e a sua imaginação. O referido documento destaca que as crianças devem ter oportunidade de explorar instrumentos musicais, “instrumentos de percussão simples

construídos pelas crianças, relacionando-se com as artes visuais”. Estas “podem também utilizar instrumentos musicais mais complexos e com outras possibilidades sonoras (triângulos, pandeiretas, caixas chinesas, guizeiras, tamborins, sinos, xilofones, entre outros) (Silva et al. 2016, p. 55).

As aprendizagens a promover no âmbito do subdomínio da música são as seguintes: “identificar e descrever os sons que ouve (fenómenos sonoros/música) quanto às suas características rítmicas, melódicas, dinâmicas, tímbricas e formais; interpretar com intencionalidade expressiva-musical: cantos rítmicos (com ou sem palavras), jogos prosódicos (trava-línguas, provérbios, lengalengas, adivinhas, entre outros) e canções (de diferentes tonalidades, modos, métricas, formas, géneros e estilos); elaborar improvisações musicais, tendo em conta diferentes estímulos e intenções, utilizando diversos recursos sonoros (voz, timbres corporais, instrumentos convencionais e não-convencionais) e valorizar a música como fator de identidade social e cultural”. (Silva et al., 2016, pp. 55-56).

A Educação Pré-Escolar é uma fase em que as crianças desenvolvem muitas aprendizagens, competências, alargam o seu vocabulário e estimulam a imaginação. Então, desde cedo, é importante que estas aprendam a ter gosto pela leitura, a qual incentiva e desenvolve a curiosidade. Segundo Silva et al. (2016),

As histórias lidas ou contados pelo/a educador/a, recontadas e inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscita o desejo de aprender a ler. O gosto e interesse pelo livro e pela palavra escrita iniciam-se na educação de infância. (p. 66)

Nesta idade, as crianças devem começar a frequentar bibliotecas e a contactar com livros, o que, paulatinamente, lhes permitirá adquirir o gosto pela leitura.

A literatura infantil dirige-se a leitores com características muito próprias em termos de idade, com diferentes anseios, expectativas e capacidade imaginativas.

É indiscutível que, para todas as idades, a leitura e a audição de histórias enriquecem o conhecimento, especialmente durante a Educação Pré-Escolar. Para Pessanha (2003), “pontos de vista recentes defendem que os alicerces da linguagem escrita se adquirem desde muito cedo através de experiências e vivências sociais frequentes no dia a dia, tais como: ouvir contos e histórias infantis”. (p. 156)

Efetivamente, a literatura infantil permite um contacto com o mundo da imaginação e da fantasia, estimulando a criança a adaptar-se ao que ouve. Segundo Martins et. al. (2010),

As sessões estoriadas dão suporte à imaginação da criança, o professor deve lançar mão de objetos e materiais diversos para favorecer a estimulação da fantasia por parte da criança, levando-a a serem reis, rainhas, animais, objetos, pessoas, lugares, espaços, que as crianças certamente sentirão como se ali estivessem. (p. 34)

O/A educador/a promove estas aprendizagens quando, por exemplo: permite às crianças contactarem com diversos tipos de obras, constrói um espaço específico destinado à leitura, o que lhes permite selecionar os livros que desejarem ler, ou quando promove o apoio das famílias, no sentido de criar hábitos de leitura.

O contador de histórias, designado por muitos autores como narrador ou animador, tem um papel fundamental no que concerne à leitura ou conto das histórias, ou seja, é da sua responsabilidade assegurar a atenção das crianças desde o início até ao fim da história, transmitir as emoções e situações particulares do enredo e dar realce às falas das personagens. Para Egan (1994), “as histórias estão claramente relacionadas com respostas afetivas. Um bom contador de histórias faz vibrar as emoções, tal como um bom violinista faz vibrar as cordas do violino”. (p. 41)

Depois da abordagem da relevância do ato de contar/ouvir histórias, torna-se pertinente fazer apelo, no tópico seguinte, às potencialidades da música e aos seus conceitos básicos. Esta surge, muitas vezes, associada à literatura infantil, pela sua dinâmica própria e pelo carácter apelativo que confere a qualquer tipo de texto.

2. Conceitos de timbre, intensidade e altura

Quando falamos em música, temos de, necessariamente, fazer apelo a três conceitos: timbre, intensidade e altura. Através do timbre, podemos reconhecer sons que sejam emitidos por dois instrumentos distintos. Henrique (2002) destaca que o timbre “[...] é uma característica subjetiva do som que nos permite diferenciar dois sons de altura e intensidade iguais [...]”. (p. 871)

A intensidade, por sua vez, permite fazer a distinção entre um som forte e um som fraco. Para Schafer, o som forte assemelha-se a “um turbilhão, e frequentemente é interpretado como se oprimisse o ouvinte”; o som fraco, por sua vez, “está constantemente se dissolvendo, esvanecendo como neblina” (Schafer, 1992, p. 78). A altura permite-nos distinguir um som grave de um som agudo. Para Brian Moore (2013) “Pitch may be defined as “that attribute of auditory sensation in terms of which sounds may be ordered on a scale extending from low to high”. (p. 203)

Reconhecendo a importância destes conceitos, o educador/a deve desenvolver atividades que permitam às crianças descobrir e compreender a sua importância quando ouvem histórias. De acordo com Teresa Malagarriga (2003),

La audición de obras musicales es un elemento clave en la educación musical de los niños de la etapa de Educación Infantil. Esta presencia de la música en la escuela permite poner al niño en contacto con una gran diversidad de estilos, formas y obras, y despertar en él vivencias y sensaciones particulares. (p. 15)

Assim, é imprescindível que as crianças conheçam diferentes géneros musicais, para ampliar os seus repertórios e conhecimentos. A altura dos sons, os seus ritmos provocam na criança momentos de alegria, libertação, socialização e prazer. Sousa (2003) refere que “desde a mais tenra idade que a criança possui capacidades para perceber e recordar ritmos, sons e alturas, reconhecendo imediatamente uma melodia mesmo quando é tocada em tempos ou alturas diferentes”. (p. 55)

Saliente-se que é preciso valorizar qualquer ambiente, seja ele qual for, pois este oferece um grande conjunto de sons, tanto naturais, quanto artificiais.

De seguida, apresentam-se algumas estratégias, com base nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016) às quais o educador poderá recorrer para promover as aprendizagens significativas para explorar os conceitos de timbre, altura e intensidade com as crianças. Assim, o educador/a:

disponibiliza diferentes fontes sonoras que possam ser exploradas por iniciativa da criança; organiza o espaço e as rotinas de modo a criar oportunidades para a criança brincar com sons, materiais, instrumentos, etc; cria ocasiões de exploração das

características dos sons convencionais e não convencionais (objetos sonoros, instrumentos musicais, etc); proporciona situações de escuta orientada de diversos sons (sons vocais e corporais, da natureza, do meio ambiente, de instrumentos musicais, etc), ao vivo ou gravados; explora com as crianças jogos rítmicos, com ou sem palavras, e jogos prosódicos (trava-línguas, provérbios, lengalengas, adivinhas, etc); proporciona o contacto e apoiar a exploração de canções de diferentes tonalidades, modos, métricas, formas, géneros e estilos e facilita a experimentação musical a partir de diversos estímulos e/ou intenções (recriar o ambiente sonoro do recreio, de um dia de chuva, os sons de um planeta desconhecido...). (pp.56-57)

O educador/a poderá também realizar algumas atividades na sala, solicitando às crianças que tragam, antecipadamente, um objeto utilizado, por exemplo, tampas de diferentes materiais, formas e tamanhos, garrafas de plástico vazias, entre outros. Com estes e outros objetos, poderá explorar o tipo de sonoridades que os mesmos podem produzir e classificá-los quanto ao timbre, altura e intensidade, esclarecendo, por exemplo, que, dependendo do material e tamanho do objeto, ele poderá soar de forma mais grave ou mais aguda.

Como referem Formosinho et al. (2018), as crianças, com a ajuda do educador/a “exploram fontes sonoras convencionais (xilofones, guizeiras, pandeiretas, triângulos, sinos...) e não convencionais (campainha, buzina, torneira, relógio, painéis, talheres de pau ou metal...)”. (p. 62)

Como foi mencionado, existem bastantes recursos sonoros para serem explorados em prol da música para fomentar no ouvinte uma experiência auditiva variada.

3. Recursos sonoros, a nível musical, para a exploração de histórias

A nível musical, existem diversos recursos sonoros que podem ser utilizados na exploração de histórias, mais especificamente: os sons produzidos pela voz humana e pelos movimentos do corpo; da natureza, do meio ambiente; qualquer objeto que produza sons; os sons produzidos a partir de vários agrupamentos musicais e géneros; as canções tradicionais de roda; de embalar as crianças, entre outros. Chiarelli e Barreto (2005) defendem que

é fundamental fazer uso de atividades de musicalização que explorem o universo sonoro, levando as crianças a ouvir com atenção, analisando, comparando os sons e buscando identificar as diferentes fontes sonoras. Isso irá desenvolver sua capacidade auditiva, exercitar a atenção, concentração e a capacidade de análise e seleção de sons.

(p.4)

Desta forma, a criança entrega-se à exploração sonora através de canções, de diferentes géneros de audição, da dança ou da manipulação e criação de instrumentos musicais. Para Weigel (1988), “a música representa uma importante fonte de estímulos, equilíbrio e felicidade para a criança”. (p.12)

Por sua vez, Hohmann e Weikart (2009) defendem que a “música é uma série de sons organizados através do ritmo, da melodia e da harmonia, que desencadeiam uma resposta emocional naquele que ouve. A música acompanha-nos ao longo de toda a vida”. (p. 657)

Devemos, por isso, proporcionar-lhe um ambiente musical rico, diversificado, recorrendo a exemplos musicais com diferentes características, nomeadamente, ao nível do ritmo, do timbre, do tom, da métrica, entre outros. Desta forma, “quanto maior for a diversidade dos sons de que as crianças se apropriam, maior será o seu “reportório sonoro” e mais rica a sua imaginação.” (Silva et al.,2016, p. 55).

Com a música, a criança pode explorar-se a si própria, tal como ao mundo envolvente. Atendendo a que a música está presente nas ações e em diversos momentos do quotidiano, a criança atribui-lhes um significado, incentivando o seu desenvolvimento.

A linguagem musical está presente na vida do ser humano. Assim, cantar e ouvir música, por exemplo, é crucial para o desenvolvimento linguístico e musical da criança.

O educador/a deverá possibilitar às crianças a exploração de instrumentos musicais convencionais e não convencionais, uma vez que estes são utilizados na composição de canções e na realização de espetáculos. Através da sua exploração sonora, a criança adquire conhecimentos, desenvolve a expressão sonora, musical e a produção quando toca um instrumento individualmente ou em grupo, descobrindo as diferentes formas de os usar e explorar.

As atividades musicais coletivas desenvolvem a criança em termos socio-afetivos, ajudam-na a ser mais sociável e a melhorar a sua autoestima, sobretudo das que são mais tímidas, sentindo-se mais à vontade e seguras de si mesmas.

As atividades musicais permitem o desenvolvimento rítmico, e beneficiam várias áreas da aprendizagem. Silva et al. (2016) salientam a importância de outros elementos referentes à Música, referindo que

faz parte da educação musical saber fazer silêncio para escutar, bem como identificar e reproduzir os sons e ruídos da natureza (água a correr, vento, vozes dos animais, etc.)” assim como, “a linguagem oral, utilizada de forma expressiva e ritmada, pode ser considerada uma forma de desenvolvimento musical. (p. 55)

Do mesmo modo, para Gordon (2000),

através do ritmo as crianças conseguem falar com uma boa articulação, sendo o ritmo adquirido em conjugação com o movimento corporal. Logo, cantar, mover-se e ouvir música em tenra idade parece ser benéfico para um bom desenvolvimento linguístico, assim como para o desenvolvimento musical. (p. 308)

A expressão musical auxilia a criança em termos emocionais e nas reações motoras, possibilitando que esta se liberte de tensões acumuladas.

A utilização de uma metodologia ativa no trabalho desenvolvido com as crianças é defendida por vários autores/pedagogos. Entre eles, destacam-se Dalcroze, cujo “método de educação musical aposta na relação natural e benéfica entre movimento corporal e movimento musical, levando o ser humano a desenvolver as suas capacidades artísticas”. (Xpressing music, 2015) Martenot advoga que as crianças possuem “as mesmas reações psico-sensoriais e motoras que os homens primitivos”. Portanto, um sentido rítmico muito instintivo, que é preciso em primeiro lugar desenvolver, mas sob a forma bruta, como que em estado puro. Deste modo, sem o apoio do som musical, para que assuma, dessa forma, todo o seu relevo próprio. (Xpressing music, 2015) A pedagogia musical de Willems é sintetizado por Ortiz (2007). Segundo este assenta no

pressuposto de que a vida precede a consciência e deverá ter primazia sobre as formas, logo, este metodólogo privilegia nas suas aportações, a existência da criança no que de

mais primitivo lhe é inerente, sobrepondo-se este princípio aos aspetos formais e conceptuais, numa fase em que a inteligência ainda está em construção. (Xpressing music, 2015, p. 45)

Esta ferramenta em sala de aula é um recurso poderoso e acessível a todos. Na verdade, enriquece a formação cultural das crianças e auxilia no desenvolvimento cognitivo, psicomotor, socioafetivo, sendo, ainda, um instrumento indispensável para auxiliar a socialização das crianças que são tímidas.

4. Recursos sonoros, a nível linguístico, para a exploração de histórias

Como em tantas outras atividades, a linguagem verbal assume um papel primordial enquanto veículo básico de comunicação na leitura, audição e exploração de histórias. Pode, por isso, exercer diversas funções, tais como: despertar a atenção, preparar as crianças para a audição, colocar questões para que possam expressar as suas impressões e sensações, permitir a reflexão sobre algum aspeto concreto, destacar o comportamento de uma dada personagem, entre muitas outras.

Existem bastantes recursos que podem ser utilizados na exploração de histórias, alguns deles mais ligados ao aspeto sonoro, os quais trabalham a musicalidade, as rimas, a métrica e o ritmo, causando no ouvinte uma sensação auditiva muito agradável. A sua aplicação depende, em grande parte, das intenções que o emissor deseja obter com o seu discurso.

Na língua portuguesa há determinados recursos que reúnem elementos sonoros e que são utilizadas em textos, discursos e poemas. Estes são representados por fonemas com objetivos simbólicos, cuja intenção é soar agradavelmente aos nossos ouvidos. São vários e de natureza diversa os recursos, pelo que, atendendo às particularidades deste tópico, serão destacados aqueles que pretendem criar efeitos estético-expressivos através dos sons, concedendo ritmo e musicalidade ao texto. Entre eles, serão salientados os seguintes: a assonância (repetição de sons vocálicos); aliteração (repetição de sons consonânticos); os sons agudos e graves; as repetições intencionais de algumas palavras; a intensificação da sílaba tónica; as onomatopeias e a anáfora.

A importância da voz

A voz possui qualidades acústicas e verbais, que devem ser devidamente exploradas. Esta possui um carácter simbólico e é, sobretudo, utilizada para relatar factos. Van Riper (1997) refere que “a voz humana é um instrumento notável. É um barômetro sensível da saúde física e mental do indivíduo”. (p. 211)

No entanto, também são importantes as informações e as sensações que pode despertar a nível acústico. Assim, é fundamental explorar as diferentes potencialidades da voz, variando a emissão sonora e, paulatinamente, ir associando ao som gestos e movimentos, elementos fundamentais num jogo dramático.

Ao contar uma história, é indispensável trabalhar a dicção e a entoação, falar com clareza, para que as crianças permaneçam atentas e percebam bem o que ouvirem. Também é preciso destacar os momentos mais importantes, tais como: o encontro com outras personagens e os momentos de perigo. Nos momentos engraçados, por exemplo, é preciso demonstrar riso e satisfação, para que a história se torne mais real para as crianças.

A exploração de uma história é uma atividade, na qual o educador pode participar de diferentes formas. A partir da narração, da leitura ou da representação, as crianças podem participar de forma mais ativa. Hohmann e Weikart (2009, p. 412) defendem que “adotar uma abordagem de aprendizagem ativa (...) significa desistir da noção de adulto como centro das atenções, como a “estrela” que, no centro da atuação, lê uma história.” Quando as crianças têm a possibilidade de falarem, de se exprimirem de forma espontânea e de se movimentarem, elas sentem-se valorizadas, envolvidas e reconhecem o seu papel nas atividades realizadas.

Para Gomes (1979),

Além dos olhos livres para auscultar a assistência, terá os gestos mais espontâneos, movimenta-se, desloca-se, vai junto de um mais alheio, acalma com uma carícia um mais impaciente; coloca nos joelhos o mais pequenino ou mais frágil. Mima a história, faz participar todo o grupo, dinamiza-o, entusiasma-o. (p.49)

A riqueza da literatura infantil é destacada por Cervera (1992), segundo o qual esta é “una realidad interdisciplinar”. (p. 21) Esta denominação prende-se com o facto de a literatura infantil surgir associada a atividades lúdicas, que englobam dança/música, dramatização, entre

outros. A aprendizagem, nesta faixa etária, deve fazer-se, especialmente, pelo recurso à ação. Neste contexto, realça-se o conto infantil que é rico e versátil e pela facilidade com que este se materializa, podendo transformar-se num poema, numa canção, num jogo, numa dramatização, ou seja, em práticas e estratégias distintas, cujo objetivo central é o desenvolvimento da linguagem e da criatividade da criança. Embora se recorra habitualmente à sua leitura, isso não significa que tenhamos de ficar presos unicamente a esta técnica. Para além da leitura da história, podemos recorrer a outro tipo de atividades que são, igualmente, benéficas à aprendizagem, à boa compreensão, à estimulação dos interesses das crianças, entre elas: a narração, a dramatização, a sonorização, a expressão plástica, entre outros.

Enquadrado no nosso estudo, daremos aqui enfoque às histórias sonorizadas. No entanto, existem alguns aspetos a ter em conta antes de sonorizar uma história, como é o caso do ambiente

É importante que o ambiente em que será realizada a narração da história possa ser pensado, organizado e planeado, a fim de que possa ser convidativo às crianças adentrarem na história proposta, contribuindo assim com a criação durante o processo de sonorização. (Werley, 2011, p. 91)

Destacam-se, também, as vozes das personagens, as expressões, os gestos, os movimentos, a forma como se diz cada palavra, a forma de manusear os objetos, caso sejam usados. Uma história pode ser sonorizada através de sons que são produzidos em determinados momentos com o intuito de dar expressividade a determinado acontecimento, desenvolvendo a imaginação dos ouvintes. Para Brito (2003), quando sonorizamos uma história, devemos dar prioridade ao som, sendo “preferível trabalhar com histórias não muito longas, com textos simples, que permitam que se dê atenção à sonorização”. (p.163)

As histórias sonorizadas “possuem a capacidade de despertar nas crianças o apreço pela música, o gosto pelas próprias histórias e ainda possibilitam “viajar” na imaginação e criação” (Stefene & Weber, 2013, p. 1192). Segundo Reys (2011), sonorizar uma história é “tornar sonoro um enredo, ou partes dele (...) seja por meio da voz ou de objetos e instrumentos. Nesse tornar sonoro, a utilização de sons ou de melodias passa a fazer parte da narrativa”. (p.63)

O ato de explorar o som leva o ouvinte a imaginar e a interpretar a narrativa que está a ouvir. A narrativa torna-se algo muito pessoal, pois cada ouvinte fará a sua própria interpretação do que ouve, desta forma, o momento da história constitui um momento em que todos se

envolvem e recriam o que ouvem, recorrendo ao seu imaginário. Assim, “As histórias podem-se tornar um recurso para o trabalho com a música, a partir do momento em que se busca torná-las mais expressivas e sonoras” (Werley, 2011, p. 90) e, através delas, podem ser trabalhados vários conteúdos musicais, nomeadamente, a intensidade do som, a duração, os diferentes timbres para além do enorme contributo no desenvolvimento da oralidade e da expressividade. Através das histórias sonorizadas, conseguimos integrar outras áreas do conhecimento.

Sendo o momento de contar uma história sonorizada tão enriquecedor, tudo o que acontece naquele espaço deve estar cheio de intencionalidade educativa, desde os gestos, à voz, ao timbre, à intensidade, aos objetos utilizados, à expressão corporal e facial, cada gesto, cada momento de suspense, de silêncio, cada sorriso, cada olhar, tudo deve ser intencional, pois o momento da história é um momento de todos os que estão presentes. (Girardello, 2007 cit. por Reys, 2011).

Conclui-se, assim, que os aspetos supracitados devem ser alvo de uma grande reflexão, para que atinjam a intencionalidade educativa pretendida e contribuam para o desenvolvimento da expressão e comunicação das crianças.

5. Reações das crianças ao ato de ouvir histórias

Contar histórias é uma arte que sempre existiu e foi passando de geração em geração através das narrativas que os avós e os pais contavam às crianças. A literatura pode fazer parte da vida de uma criança muito antes dela aprender a ler. Para Freire (1993), “a leitura do mundo procede a leitura da palavra”, ou seja, a leitura está em todo o lugar e não apenas nos livros. (p.11)

O ato de ouvir histórias na Educação Pré-Escolar é um facto que suscita o interesse das pessoas em todas as idades. Tal como os adultos, que gostam de ouvir uma boa história, a criança interessa-se e é capaz de apreciar ainda mais, uma vez que a sua capacidade imaginativa é maior. As histórias integram a vida da criança desde bebé, sendo normalmente introduzidas através da voz materna e das canções de embalar e, mais tarde, surgirão as narrativas breves sobre a natureza, as crianças ou os animais. Costa (2020) reforça que

no jardim de infância, a área da biblioteca também se revela importante para a criação deste hábito e este contacto com os livros, sendo que ali a criança pode explorar os mesmos à sua vontade, no seu tempo e conforme a sua disposição. (p. 47)

O primeiro contacto da criança com um texto ocorre quando o pai, a mãe, os avós ou outra pessoa lhes conta vários tipos de histórias. Nesta fase, a história da sua vida é a que a criança prefere. De facto, ela adora ouvir falar sobre o seu nascimento, como foi que ela nasceu, ou sobre os factos mais importantes que aconteceram com ela ou com outros membros da sua família. À medida que vai crescendo, já é capaz de escolher a história que quer ouvir, ou referir a parte da história que mais lhe agradou.

A forma como os mais novos reagem ao ato de ouvir histórias é variável de criança para criança, dependendo de vários fatores, tais como: a idade, as suas vivências pessoais, o seu desenvolvimento físico, mental e psicomotor, entre outros.

O interesse pelas histórias manifesta-se desde muito cedo através de palmas, sorrisos, medo, ou imitação de personagens. Por isso, é fundamental para a formação da criança que ela ouça muitas histórias desde a mais tenra idade. Não é por acaso que o conto de histórias tem acompanhado todas as gerações, motivando bastante interesse e constituindo tema de estudo para vários autores e profissionais. Neste âmbito, a Escola tem um papel relevante na divulgação da prática de contar histórias infantis. Cervera (1992) afirma "hay que reconocer que la escuela es el centro promotor por excelencia del libro infantil". (p.15)

Ela assume, também, um papel importante no desenvolvimento de competências linguísticas, na estimulação da leitura e da escrita na criança. Para Arribas (2008),

qualquer pessoa que já tenha contado histórias para crianças pequenas sabe da fascinação produzida pela palavra, a palavra com uma tonalidade, com um ritmo, com cadências. Sabe dos olhos arregalados imaginando aquilo de que se está falando. Sabe dos movimentos do corpo das crianças, levantando braços, encolhendo ombros, assustando-se ou rindo com os personagens. (p. 188)

Após ouvir uma determinada história, a criança reage prontamente, manifestando diferentes sentimentos: alegria, satisfação, curiosidade em relação a algumas personagens, emoção relativamente à forma como a história termina e, por vezes, medo, pois a personagem principal ultrapassa muitos perigos ao longo da narrativa. Segundo Oliveira e Espíndola (2008), "a criança escuta e acompanha as reações que serão transmitidas, mediante a emoção, a alegria, o medo, etc, então, nesse momento, a criança será muitas vezes, além de ouvinte, um co-autor". (p. 62)

Sempre que a pessoa que conta a história pede a algumas crianças para a recontarem aos seus colegas, estas surpreendem o adulto, pois são capazes de a reproduzir com alguma facilidade, procurando até utilizar a mesma entoação, destacam algumas características das personagens e conseguem repetir algumas palavras, pequenas frases, expressões ou pormenores que foram destacadas ao longo da leitura. Para Viana (2002), quando a criança

finge ler ao narrar uma história que lhe é familiar, olhando para as imagens e para o texto impresso, está a desenvolver uma série de competências facilitadoras da posterior aprendizagem da leitura e da escrita. (p.48)

Com o desenrolar do tempo, a criança passa a interagir com as histórias, acrescenta pormenores, personagens ou recorda-se de factos que passaram despercebidos à pessoa que a contou. Essas histórias permitem que a criança estabeleça a sua identidade e consiga compreender melhor as relações familiares. Hohmann e Weikart (2011) referem que é

através da leitura de histórias às crianças, pelos pais, outros membros da família ou quaisquer adultos significativos, cria-se um laço emocional e pessoal muito forte, de forma que as crianças passam a associar a satisfação intrínseca a uma relação humana muito significativa com as histórias e a leitura. (p. 574)

Em sintonia com os autores supracitados, conclui-se que o vínculo afetivo que se cria entre o contador das histórias e a criança é de extrema importância, tornando-se uma experiência muito positiva para ela, através da qual começa a desvendar o mundo das histórias e dos livros.

Atendendo a Macedo (2017),

entre os dois e os quatro anos, a criança sente particular entusiasmo por brincadeiras que envolvem as rimas, a repetição de sons onomatopaicos e a criação de novas palavras a partir de um nonsense. Aos quatro anos, a criança é já detentora de um repertório de rimas memorizadas. (p. 27)

Com efeito, no Pré-Escolar, já é perceptível uma entoação na expressividade dos mais jovens, que já começam a fazer jogos de associação de sons e palavras. Mais tarde, as crianças passam a interessar-se por histórias inventadas e pelas histórias dos livros, como contos de fadas ou contos maravilhosos, poemas, entre outros.

O ato de ouvir histórias estimula o pensamento, a capacidade de criar, recriar e desenhar. Hoje, vivemos num mundo repleto de novas tecnologias, onde as informações surgem a um ritmo cada vez mais rápido. Assim, a criança que não tiver a possibilidade de fortalecer o seu imaginário, poderá, futuramente, tornar-se um indivíduo sem sentido crítico, pouco criativo, incapaz de compreender a sua própria realidade. Por conseguinte, assegurar um bom conhecimento da vivência narrativa desde os primeiros anos de vida contribui, de forma decisiva, para o desenvolvimento do seu pensamento lógico, bem como da sua imaginação.

Ao escutar uma história, as crianças aprendem novos conteúdos, vivenciam diversas emoções e sensações que as fazem refletir. Para mergulhar nas histórias, os pequenos constroem todo um cenário próprio, podendo viajar e conhecer um mundo novo, muitas vezes bem distante da realidade a que já estão habituados.

A audição de histórias permite às crianças desenvolverem o seu vocabulário, a atenção, a imaginação, a observação, a memória, a reflexão e a linguagem. Quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara sentimentos que têm em relação ao mundo. Contar histórias é uma atividade bastante frequente no quotidiano das nossas escolas. Esta importância é demonstrada nas Orientações Curriculares do Pré-Escolar (2016), ao considerar que se podem criar ambientes propícios à oralidade através da narração de acontecimentos, reprodução ou invenção de histórias, atividades que fomentam as competências linguísticas.

A literatura infantil assume uma dimensão muito mais ampla e importante do que se poderia imaginar, na medida em que proporciona à criança um desenvolvimento não só linguístico, mas também emocional, social e cognitivo.

Muitos pais acreditam que pelo facto de a criança ainda não saber ler não se interessará por livros, portanto não precisa de ter contacto com eles. Ora, esta ideia é totalmente falsa. As crianças pequenas interessam-se pelas cores, formas e figuras que os livros possuem. Na perspetiva de Sandroni e Machado (1987),

(...) É preciso, então, que ela tenha acesso a figuras simples e coloridas, de objetos conhecidos, que ela identifica mesmo sem saber o nome, apresentadas em páginas

brilhantes, cores fortes e desenhos bem feitos. Por muito tempo ela desejará olhar aquelas figuras que falam dela e do seu mundo (...). (p. 13)

É importante que o livro seja tocado pela criança, folheado, que ela tenha um contacto mais próximo com o mesmo. A partir daí, ela começa a gostar dos livros, percebe que eles fazem parte de um mundo encantador, repleto de fantasia, de palavras e desenhos. Por isso, os pais têm um papel importantíssimo nesta descoberta, procurando estimulá-la, proporcionando-lhes momentos próprios para ouvir histórias. Bettelheim (1992) demonstra as

reações das crianças ao ouvir histórias fantásticas são de segurança, de conforto, pois elas sentem que estão a superar dificuldades que não compreendem quais são e onde se localizam, apenas sentem uma sensação de bem-estar. Por isso, estas histórias possuem méritos definitivos. O autor declara que algumas crianças conseguem contrabalançar o impacto difícil vivido pela realidade que se mostra árdua, com as esperanças e promessas contidas nos contos de fadas. (p. 161)

A criança sente-se, muitas vezes, cativada e encantada pelos recursos a que o contador de histórias recorre para atrair a sua atenção: um fantoche, uma imagem, um objeto, uma simples pedrinha, enfim, qualquer coisa que lembre uma dada personagem, as suas principais características ou o local onde a história se passa.

Por isso, torna-se tão importante dinamizar estes momentos, não apenas com a mera leitura, mas utilizando algumas técnicas para animar a leitura. Mata (2008, citado em Costa, 2012) refere algumas técnicas que podem ser utilizadas nestes momentos:

O auxílio do livro, utilizado durante a leitura e valorizando as suas ilustrações; a produção de sons que pretendem trazer para a realidade alguns momentos da narrativa; o convite a imaginar uma realidade ou a recordar uma memória no sentido de envolver o ouvinte. (p. 57)

Ao utilizar estas e/ou outras técnicas, o(a) educador(a) destaca o conteúdo da história, enquanto a criança se envolve nela, revela mais motivação para a hora do conto, desenvolve a sua criatividade e a imaginação.

Desta forma, a criança reconhece que tem um papel ativo no seu processo de aprendizagem, que desempenha um papel importante neste momento da rotina, que não é um mero espectador, e que é capaz de exprimir a sua opinião em relação ao que ouve e vê. Silva et.al, (2016) salientam que “é através dos livros que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética”. (p.66)

O prazer ou as emoções que as histórias proporcionam, o simbolismo que está implícito no enredo e nas personagens vão agir no seu inconsciente, ajudando-a a resolver conflitos interiores, os quais são normais nas crianças.

O ato de ouvir histórias é fundamental no desenvolvimento da criança, provocando nela, segundo muitos autores, momentos de alegria, libertação, socialização e prazer. Dias e Neves (2012) referem que é

a partir das histórias que a criança tem a oportunidade de enriquecer e alimentar a sua imaginação, ampliar o seu vocabulário, permitir a sua autoidentificação, desenvolver o pensamento lógico, a memória, estimular o espírito crítico, vivenciar momentos de humor, diversão, satisfazer a sua curiosidade e adquire valores para a sua vida. (p. 37)

As crianças podem associar as histórias que leem ou escutam com situações que vivem, o que as ajuda a lidar com dificuldades, sentimentos e emoções. Além disso, é um estímulo à memória, já que relembram experiências que viveram ou que os seus parentes contaram, por exemplo. Com essa prática, as crianças encontram, no momento de leitura, um caminho para criar relações entre memórias e afetos. Ao escutar as histórias, as crianças podem, ainda, expressar-se, mostrar os seus sentimentos e ter diferentes reações, que podem representar a visão de mundo delas. Além disso, será um momento para partilhar com os outros acontecimentos vividos e opiniões.

Sendo a leitura/audição de histórias uma atividade bastante apreciada pelas crianças entre os zero e os seis anos de idade, cabe ao educador aproveitar este interesse por parte dos mais pequenos e tirar partido destas práticas, tornando-as em momentos lúdicos agradáveis, “fonte de inúmeras reflexões e partilhas e um elemento central na formação de “pequenos

leitores envolvidos” que conseguem aproveitá-la para irem muito mais além do que aquilo que está escrito nas páginas que a registam” (Mata, 2008, p. 80).

O educador tem, da mesma forma, um papel importante na parte da motivação e do envolvimento das crianças no conto das histórias, pois o planeamento relativo ao espaço, ao tempo e aos materiais que são de extrema importância. A organização do tempo, dos materiais e do espaço são fatores determinantes para aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Compete, assim, ao educador planear essa organização e avaliar o modo como tal contribui para a educação das crianças (Silva et al., 2016). Em suma, o educador de infância tem a seu cargo a tarefa de planear, implementar, executar, gerir e avaliar um conjunto de atividades pedagógicas, nas quais se inclui, naturalmente, contar histórias, que promovam o bem-estar e o desenvolvimento psicossocial das crianças (Silva et al., 2016).

Atendendo a tudo o que foi anteriormente exposto, comprova-se que é no Pré-Escolar que o ato de ouvir histórias se torna essencial, pois é nesta etapa que as crianças desenvolvem as primeiras capacidades de narração, e, deste modo, deve proporcionar-se à criança momentos literários ricos e variados, com vista à formação de futuros leitores.

METODOLOGIA

Neste capítulo, são descritas as opções metodológicas tomadas no âmbito deste trabalho, bem como as características dos participantes, as técnicas e instrumentos de recolha de dados, o percurso de intervenção educativa, as categorias de análise criadas, seguidas de análise e discussão dos dados e, ainda, a calendarização do mesmo.

Opções metodológicas

A partir do problema apresentado, das questões e objetivos descritos anteriormente, esta breve investigação enquadra-se no paradigma qualitativo. Segundo Bogdan e Biklen (1994), utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. (p.16)

No paradigma qualitativo, o investigador é o “instrumento” de recolha de dados por excelência; a qualidade (validade e fiabilidade) dos dados depende muito da sua sensibilidade, da sua integridade e do seu conhecimento” (Fernandes, 1991, pp.3-4).

No contexto do paradigma qualitativo, optou-se por uma aproximação à investigação-ação.

Quando se fala desta perspetiva qualitativa, a metodologia de investigação-ação é aquela que mais se adequa a todo este processo de investigação, uma vez que permite ao investigador refletir sobre as suas práticas. Como refere Caetano (2004), “trata-se, pois, de um processo de investigação na acção, pela acção e para a acção, onde os próprios actores/autores da acção participam activamente na pesquisa desde a sua fase de concepção até à fase de síntese/formalização”. (p.99) A compreensão está no centro da investigação-ação, uma vez que se compreende para agir, intervir e, necessariamente, mudar. Para Coutinho (2014), a Investigação-Ação é “uma família de metodologias de investigação que incluem ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão) ao mesmo tempo, utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre ação e reflexão crítica”. (p. 364) Para Coutinho et al. (2009), “o essencial na I-A é a exploração reflexiva que o professor faz da sua prática”. (p. 360) Por outro lado, estes autores afirmam, ainda, que a reflexão nos permite “a resolução de problemas como também (e principalmente!) para a planificação e introdução de alterações dessa e nessa mesma

prática”. (p. 360). Na Investigação-ação são referidas algumas fases “um conjunto de fases que se desenvolvem de forma contínua e que, basicamente, se resumem na sequência: planificação, acção, observação (avaliação) e reflexão (teorização)” (Coutinho et al., 2009, p. 366). Estas ajudam-nos a ter uma melhor compreensão do trabalho e a sua influência, refletindo nos prós e nos contras. Para este autor, o investigador deve planificar e agir, para, posteriormente, poder observar e analisar a sua implementação com sentido crítico e ser capaz de propor mudanças. Moura (2003) refere que uma das vantagens deste método “é que permite a flexibilidade e a adaptabilidade para que as mudanças aconteçam durante a sua aplicação e também encoraja a experimentação e inovação a longo-termo”. (p. 15)

Ciclos da Investigação- ação

Neste trabalho em particular, a Investigação-Ação divide-se em três ciclos de ação:

- Ciclo I- Definição da problemática e objetivo, seleção da metodologia, concretização das atividades, calendarização das atividades;
- Ciclo II- Escolha das técnicas de instrumentos de recolha de dados; planificações das atividades; implementação das sessões;
- Ciclo III- Implementação da pesquisa, tendo em conta os momentos de recolha de dados, análise, reflexão e avaliação das ações anteriores, através da seleção; da exploração de uma obra literária e da elaboração de diversas estratégias adequadas ao grupo;

Caracterização dos participantes

O presente trabalho realizou-se no contexto de Prática de Ensino Supervisionada (PES), num Jardim de Infância da rede pública, localizado no concelho de Viana do Castelo. A turma era constituída por 13 crianças, quatro do sexo feminino e nove do sexo masculino, com idades compreendidas entre os três e os seis anos de idade. Todas as crianças foram autorizadas pelos EE a participar no estudo.

Relativamente ao grupo, de uma forma geral, todas as crianças participavam nas atividades propostas. Estas gostavam muito de ouvir histórias, de dançar, de ouvir música, de brincar ao ar livre, entre outras atividades. A nível de comportamento, este grupo apresentava

muito respeito pelas regras e as crianças mais velhas revelavam preocupação, ajudando as mais novas. Existiam algumas crianças distraídas e com dificuldades de concentração, o que é esperado nestas idades.

No quadro que se segue, são apresentadas as idades e as respetivas codificações das crianças que participaram na investigação (tabela 3).

Tabela 3- Idades das crianças participantes nesta investigação

Idade	Sexo	Quantidade	Respetiva Codificação
3	Feminino	1	LM
4	Feminino	6	BV; BP;
	Masculino		PP; TG; VC; JP
5	Feminino		FV
	Masculino	5	IM, MS; MC; ND;
6	Masculino	1	JG

Técnicas e instrumentos de recolha de dados

No âmbito da recolha de dados, há um conjunto de técnicas e instrumentos que podem ser utilizados de acordo com os objetivos definidos.

Para Morgado (2012), estes “devem ser elaborados e utilizados de modo a captar, da forma o mais completa possível, todas as informações inerentes ao(s) fenómeno(s) em estudo (...) não podendo deixar de ter em conta os objetivos visados. (p. 71)

Para a concretização desta investigação, foram utilizadas as seguintes técnicas de recolha de dados: a) observação; b) registos audiovisuais; c) desenhos realizados pelas crianças e d) peça de teatro.

Observação

A observação dos participantes constituiu uma ferramenta essencial, para que fosse possível realizar esta investigação, pois permitiu conhecer o contexto de estágio, ter um contacto direto com o grupo de crianças, perceber as suas rotinas diárias, as suas dificuldades, os seus interesses/gostos e a forma como estas estavam habituadas a trabalhar com a

Educadora Cooperante. Todas as sessões foram gravadas em registo vídeo, de forma a permitir a sua visualização em qualquer momento.

Segundo Aires (2015), esta observação consiste “na recolha de informação, de modo sistemático, através do contacto direto com situações específicas”. (p. 24-25)

Diversos autores afirmam que a observação dos participantes no estudo nos permite ter uma relação mais próxima com este grupo de crianças. (Queiroz et al., 2007).

Registos audiovisuais

No decorrer de todo este processo de investigação, recorreu-se a registos áudio e vídeo, em que a investigadora entrava como participante. Estes meios foram os mais utilizados e permitiram recolher mais dados. Estes são úteis, na medida em que é possível rever e analisar a nossa postura, a nossa implementação e os comportamentos das crianças, pois, por vezes, torna-se complicado gerir e registar tudo o que nos é transmitido pelas crianças.

Para Amado (2017), estas técnicas de gravação vídeo permitem-nos ter uma maior perceção de alguns procedimentos e objetivos, “o que está sempre presente é a possibilidade de explorar a interpretação de situações e o comportamento dos próprios autores, ainda que nem sempre atingindo verdadeiramente os processos cognitivos e de decisão que acompanham as ações vídeogravadas”. (p. 244)

Uma grande vantagem destes meios audiovisuais é o facto de nos permitir voltar a rever as vezes que precisarmos, para podermos observar algumas situações com mais detalhe e que, no momento da sua exploração, não os conseguimos observar de imediato. Para Coutinho et al. (2009), é uma grande vantagem, pois, na metodologia da investigação-ação,

há necessidade por parte do professor/investigador, de explorar e analisar convenientemente e com consistência todo o conjunto de interações ocorridas durante o processo, não deixando de lado eventuais desvios processados por razões exógenas, mas que têm que ser levados em conta e, desse modo, proceder a reajustes na investigação do problema. (p. 366)

Desenhos realizados pelas crianças

Ao longo desta investigação, as crianças foram produzindo alguns documentos, tais como desenhos. Para Vale (2004), estes documentos são uma fonte de informação, pois incluem “diversos registos escritos e simbólicos, e todos os materiais e dados disponíveis”. (p. 180)

Estes foram elaborados ao longo da exploração da obra literária. Estes documentos são fundamentais, uma vez que vamos tendo uma perceção e conseguimos ir acompanhando a evolução das crianças ao longo de todo este percurso. Também nos permitem ir percebendo se os alunos estão a acompanhar a exploração da história e como estão a reagir perante a sua apresentação.

Peça de teatro

Neste trabalho, também foram recolhidos dados através da realização de uma peça de teatro sobre a obra literária explorada “*Elefante Cor-De-Rosa*” de Luísa Dacosta, no final de todas as sessões. Mais tarde, foi feito um resumo da obra, com a participação das crianças. Seguidamente, as crianças partilharam algumas ideias de possíveis falas para o guião, fizeram referência às diversas personagens que devíamos colocar, quais as que mais gostavam de desempenhar, que acessórios gostavam de ter para as personagens e que instrumentos gostariam de utilizar. Depois de alguns ajustes foi elaborado um guião (anexo 2) onde foram definidos os seguintes aspetos: a música de entrada para a contadora da história; os cenários e quando tinham de ser trocados, as cenas, as falas de cada criança e da contadora, a seleção dos instrumentos musicais convencionais e não convencionais para cada momento e a canção para encerrar a peça de teatro. Procedemos a alguns ensaios, para que as crianças pudessem treinar e estar mais confortáveis no dia da apresentação aos seus colegas do 1.º Ciclo. Posteriormente, as crianças começaram por pintar os quatro cenários e a decorá-los com desenhos e com recurso a outros materiais que tinham disponíveis na sala. Também definimos as cores do vestuário para cada personagem e começámos a elaborar os moldes para as máscaras, que foram depois pintadas. Definimos, ainda, quem seriam os músicos e os instrumentos atribuídos. Foram criadas duas tabelas, uma com as personagens/músicos com os nomes de quem iria desempenhar esse papel e o vestuário que iria necessitar e outra com quem tocava os instrumentos, que instrumentos e em que momento. Esta foi afixada na parede da sala, para que as crianças, quando tivessem dúvidas, a pudessem consultar. As crianças já estavam familiarizadas com o conto de histórias e a sua exploração teatral. Estas davam muito valor à exploração de histórias

contadas desta forma. Também estavam habituadas, no final de cada história, a poder interpretar as várias personagens e a fazer o reconto para os colegas. Este jogo teatral ajuda a criança a ter mais à vontade, a improvisar, a realizar alguns movimentos, a contactar com diversos espaços, entre outros aspetos. Schwartz (1998) refere que “por meio do brincar, permite-se o aprendizado nos diferentes domínios”. (p. 68) Através destas atividades lúdicas, a criança consegue efetuar experiências úteis ao longo do seu desenvolvimento. De acordo com Santos (2012), “o teatro é um importante recurso didático pedagógico para o desenvolvimento da criança dando suporte para a sua trajetória na vida social, proporcionando experiências novas que contribuem para o crescimento integral da criança sobre vários aspetos.”

Procedimento de análise de dados

Depois de recolhidos todos os dados dos diversos instrumentos, procede-se à sua análise.

Para Creswell (2010), este processo de análise dos dados “envolve preparar os dados para a análise, conduzir diferentes análises, ir cada vez mais fundo no processo de compreensão dos dados, representar os dados e realizar uma interpretação do significado mais amplo dos dados”. (p. 216-217) Segundo Bodgan e Biklen (1994), neste processo de análise de dados qualitativos, é fulcral descrever, criar categorias, porque uma “análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspetos importantes e do que ser aprendido, decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros”. (p. 205)

De forma a organizar os dados recolhidos, estabeleceram-se algumas categorias de análise para interpretar o seu conteúdo. As categorias de análise definidas são as seguintes:

- A. **Reação das crianças ao ato de ouvir histórias:** com esta categoria, pretende-se perceber se o ato de ouvir histórias consegue captar o interesse das crianças;
- B. **A importância do teatro para as crianças:** nesta categoria, pretende-se analisar se a apresentação desta peça de teatro foi ao encontro do interesse das crianças e as competências evidenciadas;
- C. **Reações das crianças à exploração sonora da história contada:** nesta categoria, aprofunda-se a forma como as crianças reagiram à parte sonora que acompanhava a história;

- D. **Manuseamento dos instrumentos musicais:** nesta categoria, pretende-se mostrar a reação das crianças ao contactarem com diversos instrumentos sonoros.

Calendarização

Este trabalho teve início no final do mês de outubro de 2021, terminou no início do mês de fevereiro de 2022 e abrangeu quatro fases: **1) observação dos participantes**, nas primeiras três semanas, que se revelaram essenciais para recolher informações sobre os interesses, os gostos, as dificuldades, os comportamentos, os conhecimentos, e perceber como trabalhavam; **2) definição do tema a ser trabalhado**, foi delineado um problema de investigação, bem como os respetivos objetivos, tendo em conta a observação e os dados recolhidos deste contexto; **3) planificação, construção e implementação das sessões**, para esta fase foi preciso pensar e planificar previamente, e com bastante antecedência, todas as sessões que iriam ser dinamizadas para as quatro semanas de intervenção, tendo em atenção os objetivos a cumprir e respetivos programas; **4) redação do relatório final**. Podemos observar esta calendarização de forma mais detalhada, recorrendo à tabela 4.

Tabela 4- Tabela sumária da implementação

Datas: semanas	Fase do trabalho	Procedimentos
7 de outubro a 3 de novembro de 2022	Definição do tema da investigação	- Observação; - Definição da área de projeto; - Definição do problema e questões de investigação; - Seleção e planeamento das atividades; - Adaptação da história a ser trabalhada; - Pedidos de autorização.
15 de novembro a 21 de fevereiro	Desenvolvimento da investigação	- Pesquisas bibliográficas; - Construção de materiais; - Execução das atividades;

- Recolha de dados;
- Registos das atividades;
- Análise de dados;
- Conclusões;

31 de dezembro a 30 de novembro	Realização da redação do relatório final	- Redação do relatório
---------------------------------	--	------------------------

Questões Éticas

Para a concretização deste trabalho, os Encarregados de Educação (EE) foram previamente informados relativamente a esta investigação, sobre qual seria a sua finalidade, bem como os objetivos pretendidos com a recolha de dados. (anexo 3 “Autorização dos Encarregados de Educação”).

Neste caso, os pais já tinham validado o pedido de autorização à Educadora, para que os seus educandos pudessem participar neste trabalho, garantindo o anonimato e confidencialidade de todos os dados que foram recolhidos. Nesta pesquisa, é importante respeitar, garantir o anonimato e confiabilidade dos dados obtidos. Segundo Fortin (2009),

o direito ao anonimato e à confidencialidade é respeitado se a identidade do sujeito não puder ser associada às respostas individuais”, ou seja, quando apresentados na investigação, “os resultados devem ser apresentados de tal forma que nenhum dos participantes num estudo possa ser reconhecido. (p. 117)

Descrição, análise e discussão dos dados

Nesta secção, apresenta-se uma breve análise e interpretação dos dados recolhidos ao longo das implementações. Estes dados surgem descritos em categorias, pois a sua aplicação não se baseou em tarefas, mas partindo da exploração de uma obra literária. Deste modo, destacaram-se alguns momentos que foram fulcrais para esta investigação, tendo em conta a recolha de dados da observação, dos registos vídeo, e documentos produzidos pelas crianças.

Descrição da sessão do elefante cor-de-rosa:

Na semana de 2 a 3 de novembro de 2021, a Educadora Estagiária (EE) iniciou a exploração de um excerto do livro *O Elefante-Cor-De-Rosa*, de Luísa Dacosta. Esta história foi sendo explorada, todas as semanas, por pequenos excertos adaptados, tendo em conta a faixa etária das crianças. Esta atividade está ligada, no âmbito das Orientações Curriculares (2016), aos Domínios da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Educação Artística, mais concretamente no Subdomínio da Música. Para dinamizar estas sessões, a EE interpretava uma maestrina trazendo vestido: um casaco de grilo preto, uma batuta, uma boina preta, calças pretas, sapatilhas pretas e o livro. Assim, as crianças sabiam que iriam dar continuidade à exploração da história ou ter algum momento musical. A batuta servia como uma espécie de marcador de livro. A história só prosseguia se as crianças colaborassem. Caso contrário, a história não poderia continuar. A EE tinha no seu casaco de grilo alguns grafismos (anexo 4) relacionados com a história, que iam aumentando à medida que a história ia sendo explorada.

Nesta primeira sessão, a EE começou por chamar a atenção para a sua roupa, se alguma vez já a tinham visto, se sabiam o que era uma maestrina, e uma das crianças respondeu que pertencia às orquestras. Seguidamente, a EE explicou que podemos ter maestros e maestrinas que ajudam a dirigir a orquestra, fornecendo movimentos com a batuta, que exemplificou para as crianças. Também lhes perguntou o que significava fazer um movimento com a mão, tendo respondido que servia para parar. As crianças estavam sentadas nas suas cadeiras na sala de atividades. A seguir, a EE mostrou a capa do livro e explicou que, todas as semanas, ouviriam uma parte da história. Seguidamente, começou por explicar que existia uma palavra “elefante” que se repetia muitas vezes e, quando lhes apontasse a batuta, a teriam de repetir duas vezes, pois só assim a história prosseguia. A EE decidiu treinar uma primeira vez a repetição da palavra, antes de iniciar a história. Para a exploração da história, a EE recorreu a um instrumento musical convencional: guizeiras, para reproduzir o som das estrelas, e utilizou outro instrumento não convencional, conhecido como a língua da sogra, para imitar o efeito sonoro das trombas dos elefantes. O seu casaco possuía alguns grafemas, nomeadamente um círculo grande, cor-de-rosa, para representar o elefante; um círculo pequeno, com o planeta terra, para identificar o mundo pequenino; um quadro verde, para simbolizar as florestas muito verdes; e um quadrado azul, simbolizando os pássaros azuis.

Figura 20- Maestrina da história



Também foram executados alguns movimentos: andar devagar para representar o andar de forma silenciosa; movimento de bailarina, quando na história se destacavam verdadeiras bailarinas; dar alguns passos de dança, quando surgia a forma verbal “dançavam”. Na parte final da história, nomeadamente no momento das brincadeiras, a batuta começou a mexer-se e, quando apareciam os risos, foi pedido às crianças para se rirem.

No final da exploração da história, eram colocadas algumas questões ao grupo de crianças, para ver se estas tinham compreendido a audição.

Questões orientadoras da sessão do elefante cor-de-rosa:

1. Qual a personagem do nosso livro?
2. Onde vivem os elefantes cor-de-rosa?
3. Com quem vive o elefante cor-de-rosa?
4. E onde vivem os elefantes cor-de-rosa?
5. Como é que eles se movimentam?
6. O que faziam os elefantes?

No decorrer do questionamento, a Educadora Estagiária recorria a pistas para apoio às respostas das crianças:

1. Apontava para o círculo grande- elefante cor-de-rosa
2. Apontava para o círculo pequeno- mundo pequenino
3. Apontava para o círculo grande- elefantes cor-de-rosa
4. Apontava para a cor verde no casaco- floresta e, depois, para a cor azul- pássaros
5. Andava devagar para os relembrar
6. Dava uns passos de dança para ver se conseguiam chegar à resposta

Reflexão e avaliação

A primeira sessão decorreu de forma positiva e as crianças evidenciaram entusiasmo, interesse e curiosidade pela história apresentada. No início, algumas crianças estavam um pouco tímidas e tinham alguma vergonha em participar no decorrer da mesma. As crianças recorriam muito à ajuda da Educadora, pois nem sempre se lembravam de repetir a palavra “elefante”.

Na parte das questões colocadas, algumas crianças já se sentiram mais à vontade e conseguiram responder, com alguma ajuda da EE a apontar para os grafemas e executando alguns movimentos, de forma a relembrar alguns momentos da história.

O aspeto menos positivo foi a escolha do local para contar a história, uma vez que não foi o mais adequado, pois as crianças estavam sentadas meramente a ouvir a história. Houve a necessidade de alterar o local para contar esta história, para as crianças terem mais espaço e não estarem sentadas nas suas cadeiras habituais. Estas precisavam de se sentar numa roda no chão, que lhes permitisse levantarem-se e participarem com a EE nos movimentos ou tocarem algum instrumento, para não estarem só a ouvir a história passivamente, mas serem intervenientes ativos em todo este processo. Esta sessão foi registada por vídeo, permitindo realizar uma análise mais aprofundada sobre o desempenho deste grupo, para que fosse possível perceber e melhorar alguns aspetos, para pôr em prática nas sessões seguintes.

Todas as sessões foram gravadas em registo vídeo, para que fosse possível visualizá-las, analisar o desempenho do grupo de crianças e rever as estratégias que foram utilizadas.

Descrição da sessão conhecer a vida dos elefantes cor-de-rosa:

Na semana do 15 a 17 de novembro de 2021, deu-se continuidade a mais um excerto da história, que foi previamente adaptado pela EE. As crianças já sabiam que íamos continuar a história, devido à roupa da maestrina e aos seus acessórios.

Para esta parte da história, a EE acrescentou mais alguns grafismos ao seu casaco: um grafismo em forma de flor, para representar as flores brancas.

Desta vez, a EE optou por trazer mais instrumentos musicais convencionais, pois percebeu que as crianças gostam muito de os manusear. A EE dividiu os instrumentos pelos alunos, de forma que todos tivessem um instrumento. Foram elaborados alguns cartões (anexo 5) para existir uma certa organização e não tocarem os instrumentos todos ao mesmo tempo, bem como algumas imagens, como um coração partido, para mostrar às crianças. Quando se fazia referência a uma grande festa, a EE mostrava os cartões dos instrumentos que deviam tocar: maracas, pandeiretas, tamborins. Para chamar os companheiros, procedia-se da mesma

forma, com cartões, só que com outros instrumentos: triângulos, caixas chinesas e clavas e para dançarem: clavas, caixas chinesas e shaker. Também conheceram um novo instrumento não convencional, o saco plástico, que servia para reproduzir o efeito sonoro do vento e a língua da sogra, para o som das trombas dos elefantes. Foram realizados alguns movimentos/ repetição de palavras. Quando surgia na história o ato de movimentação das folhas, os mais novos faziam um movimento com os braços, ao som do vento; riam-se, repetiam algumas palavras duas vezes (elefantinhos/elefantinho); imitavam o movimento de beber água e tomar banho; juntavam-se numa roda. Foram explorados alguns sons vocálicos, como o som do canto dos pássaros.

No final deste excerto, foram colocadas algumas questões às crianças, para ver se tinham acompanhado a história.

Questões orientadoras da sessão conhecer a vida dos elefantes cor-de-rosa:

1. Como se movimentam as folhas?
2. De que cor eram as flores?
3. Como era a vida dos elefantes?
4. Que pesadelo teve o nosso elefante?
5. E o que aconteceu à flor?
6. Como ficou o elefante?

No decorrer do questionamento, a Educadora Estagiária recorria a pistas para apoio às respostas das crianças:

1. Realizava o som do vento com sacos de plástico- recurso a instrumento não convencional
2. Apontava para o grafismo branco- flor branca
3. Tocava o instrumento musical clavas, caixas chinesas e shaker- recurso a instrumentos musicais convencionais
4. Fazia o gesto de uma flor a morrer para os recordar do pesadelo do elefante
5. Repetia o gesto anterior e, de seguida, apontava para o grafismo branco- flor branca
6. Mostrava a imagem do coração partido rasgado- para ilustrar o coração ferido do elefante

Reflexão e avaliação

O balanço desta sessão foi muito positivo, porque as crianças tiveram um bom desempenho, foi notório que já se sentiam mais à vontade e alinhavam nos movimentos, repetição de palavras, demonstrando gosto em manusear os instrumentos. Foi possível constatar que estavam mais atentas à história, porque sabiam que iriam participar e não iam só ouvir uma leitura. As crianças respeitavam os cartões e pegavam no instrumento para tocar e, quando lhes era apresentado um cartão preto sem nada, já sabiam que era para parar.

A participação e empenho foram notórios, pelo que o principal objetivo foi cumprido, tal como houve evolução nos variados elementos do grupo, inclusivamente dos mais tímidos, que conseguiram expressar-se mais e executar os movimentos sem receio da reação dos restantes colegas.

Outro aspeto muito positivo foi a troca do local para contar a história. Desta vez, já estiveram sentados no chão, em roda. Conseguiram-se ver a todos e, assim, participar com mais entusiasmo na exploração da sessão. Desta forma, foi possível colocar os instrumentos em frente a cada criança e estas perceberem que só podiam pegar no mesmo, quando lhes fosse apresentado o respetivo cartão.

Na parte das perguntas, também foi sentida uma evolução, pois a maioria das crianças queria responder.

Tal como aconteceu na outra sessão, recorreu-se ao registo vídeo da exploração deste excerto, para permitir analisar e perceber os aspetos que decorreram de forma menos positiva por parte da EE ou por parte das crianças e, assim, proceder a alterações na próxima sessão.

Descrição da sessão sentimentos do elefante cor-de-rosa:

Na semana de 29 a 30 de novembro de 2021, foi dada continuidade a mais um excerto do livro. Para esta sessão, a EE optou por acrescentar mais grafismos ao seu casaco: o grafismo cinzento, em forma de nuvem, alusivo às nuvens escuras. Foram, igualmente, utilizadas outras estratégias, pois foi-se percebendo que, dessa forma, as crianças prestavam mais atenção.

Durante a leitura da adaptação da história, as crianças continuavam a repetir a palavra “elefantezinho” duas vezes. Utilizaram-se, novamente, instrumentos musicais convencionais, as maracas, para a parte em que pedia para chamarem os seus companheiros. Para ajudar as crianças a saberem o momento de tocar o instrumento que tinham à sua frente, a EE elaborou

uns cartões com a fotografia desse mesmo instrumento, mostrando-lhes para estas o tocarem. Quando a EE referia que os elefantes se tinham esquecido das suas danças, esta mostrava-lhes, novamente, os cartões com as fotografias de outros instrumentos musicais convencionais: clavas, caixas chinesas e shaker. Também foram utilizados instrumentos musicais não convencionais: o saco plástico, para representar o algodão ameaçador. Foi introduzido um novo instrumento musical não convencional, a garrafa de água, para que se pudessem aperceber de que a água do rio estava muito suja.

Foram levados novos materiais reais como o algodão e um ouriço sem castanhas. Mostrou-se a imagem de um coração rasgado ao meio, para representar o coração partido. Decidiu criar-se mais alguns cartões, mas, desta vez, com imagens para representar a noite escura, que tinha mudado a vida dos elefantes para sempre. (anexo 6) Manteve-se a estratégia de incluir as crianças na história, recorrendo a repetições de palavras, sons vocálicos e movimentos, à utilização de cartões com imagens reais e à manipulação de objetos e também foi atribuído um instrumento musical a cada criança, para tocar num determinado momento da história.

À semelhança das sessões anteriores, no final da apresentação deste excerto, foram colocadas algumas questões às crianças.

Questões orientadoras da sessão sentimentos do elefante cor-de-rosa:

1. Como estavam os corações dos elefantinhos?
2. Pois é, partidos e feridos como um ouriço sem castanhas. Como um ouriço sem castanhas. Porquê?
3. O que aconteceu às flores brancas?
4. Como ficaram as nuvens?
5. Muito bem! As nuvens ficaram escuras. E alguém me sabe dizer porquê?
6. O elefantinho estava agitado, nervoso. Por isso, chamou por alguém. Quem chamou?
7. Fazer uma breve síntese da história até chegar à questão seguinte.
8. De que se esqueceram os elefantinhos?
9. A garrafa de água e os sacos plásticos também podem ser instrumentos?

No decorrer do questionamento, a Educadora Estagiária recorria a pistas para apoio às respostas das crianças:

1. Mostrava a imagem do coração partido rasgado e o ouriço- materiais reais trazidos para esta sessão para simbolizar o coração partido e ferido (com espinhos) do elefante
Se houvesse necessidade dizia: então, como estavam os corações dos nossos amigos elefantes? mostrava a imagem do coração partido e o ouriço
2. Colocava a mão nos picos do ouriço, como se estivesse a magoar
3. Fazia o gesto de uma flor a morrer e apontava para o grafismo branco- flor branca
4. Apontava para o grafismo cinzento- nuvem cinzenta
5. Lembrava os dias escuros e frios, com o céu cheio de nuvens
6. Tocava o instrumento musical maracas- recurso a instrumento musical convencional
7. Mencionava alguns aspetos que já tínhamos descoberto até esta sessão
8. Tocava os instrumentos musicais clavas, caixas chinesas e shaker e riam- recurso a instrumentos musicais convencional e recorriam ao riso
9. Mostrava os instrumentos musicais convencionais como: a voz, as maracas, as pandeiretas. De seguida, explicava que temos instrumentos musicais não convencionais como, por exemplo, os sacos de plástico e a garrafa com água

Reflexão e avaliação

Esta sessão decorreu muito bem, pois constatou-se um melhor empenho por parte das crianças e um maior envolvimento na atividade. Estas iam evidenciando muita curiosidade relativamente aos materiais apresentados nas sessões, pois alguns deles eram reais e queriam manipulá-los (algodão, ouriço, garrafa de água suja).

O espaço selecionado para contar este excerto manteve-se para as restantes sessões, pois era amplo e permitia às crianças estarem a observar-se umas às outras e terem mais espaço para se poderem levantar, sentar, consoante o que fosse pedido.

Notou-se que as crianças estavam bastante empenhadas e entusiasmadas em participar em todos os momentos que iam surgindo na história. Estas estavam muito atentas, para que, no momento de lhes ser mostrado o cartão com o instrumento musical, estarem preparadas para o tocar.

Estas gostavam de se expressar corporalmente, realizando alguns movimentos com o corpo e manifestando algumas expressões faciais como, por exemplo: abrir os braços como se fossem saltar e mostrar a sua cara de assustado ou zangado.

Também mostraram gosto pela apresentação dos instrumentos musicais não convencionais, pois conseguiram perceber que estes também emitiam sons semelhantes aos dos instrumentos musicais convencionais.

Tal como nas sessões anteriores, esta também foi registada por vídeo para permitir analisar o desempenho das crianças, de forma a melhorar algumas estratégias, para pôr em prática nas sessões seguintes.

Descrição da sessão conhecer os hábitos dos elefantes cor-de-rosa:

Nesta sessão, que decorreu na semana de 13 a 15 de dezembro de 2021, a EE não acrescentou mais nenhum grafismo ao seu casaco, mantendo assim os que tinha nas sessões anteriores.

A EE trouxe para esta sessão um balão, para a parte da história em que se falava dos balões soprados. Apesar de os grafismos se manterem, a EE optou por trazer penas azuis do pássaro, para as crianças se lembrarem da cor.

Para a exploração da parte sonora, a EE trouxe elementos da natureza, uns galhos de uma árvore que se encontravam secos, para que os mais novos conseguissem ouvir o seu som ao parti-los, e para que percebessem que os arbustos onde os elefantes arrancavam os galhos para se poderem alimentar estavam secos, sem folhas e sem vida. Trouxe também uma cartolina grande para explorar o seu som a abanar, alusivo à ameaça de que os elefantes tinham de fugir. (anexo 7) Foram, igualmente, utilizados instrumentos musicais convencionais como o triângulo. Desta vez, recorreu-se a uma nova estratégia. Quando a EE referia que os elefantes sentiam uma dor silenciosa, as crianças tinham de pegar no triângulo, apertando a parte superior, para que se ouvisse o som fechado. Na parte em que sentiam uma dor horrível, estas tinham de tocar o triângulo normalmente.

A EE continuou a trazer os cartões com os instrumentos musicais, bem como com as imagens alusivas aos acontecimentos, o que lhes permitia determinar como seria aquele momento como, por exemplo, o da noite escura.

Para terminar esta sessão, a EE introduziu uma nova imagem: um *emoji* de frio, que as crianças não conheciam, para lhes mostrar como eram os dias frios dos elefantes. Como habitualmente, também foram colocadas algumas perguntas ao grupo.

Questões orientadoras da sessão conhecer os hábitos dos elefantes cor-de-rosa:

1. Como eram os movimentos dos elefantezinhos?
2. O que faziam os elefantezinhos para se alimentarem?
3. Ainda se lembram de que cor era a floresta?
4. E o azul, o que representa?
5. O que sentiram os elefantezinhos?
6. Como eram os mundos próximos? Grandes? Pequenos?
7. O que transformou a vida dos elefantezinhos?
8. O que lhes faziam lembrar os dias frios?

No decorrer do questionamento, a Educadora Estagiária recorria a pistas para apoio às respostas das crianças:

1. Mostrava o balão- objeto real
2. Mostrava os galhos das árvores e procedia à sua exploração sonora, partindo-os- objetos reais
3. Apontava para a cor verde no casaco da maestrina- floresta
4. Apontava para a cor azul no casaco- pássaros
5. Mostrava, novamente, o cartão com a imagem da noite que transformou as suas vidas para sempre
6. Relembrava, apontando para o círculo pequeno- mundo pequenino
7. Voltava a apresentar o cartão da noite, que modificou as suas vidas para sempre
8. Exibia a imagem do *emoji* que representa o frio

Reflexão e avaliação

A sessão decorreu de forma bastante satisfatória, uma vez que as crianças estavam contentes e queriam conhecer mais um pouco da história, pois iam questionando o que iria acontecer ao elefantezinho, se ele iria ficar sozinho, se o cometa iria transportar o elefantezinho, entre outros. Todas as crianças conseguiram referir em que parte tínhamos ficado na semana anterior.

As novas estratégias foram do agrado das crianças. Estas já participavam com muito entusiasmo e animação durante a exploração da história.

As crianças estavam cada vez mais entusiasmadas, porque sabiam que estávamos quase a terminar de a contar.

A sessão também foi gravada em registo vídeo, para que se pudesse rever e analisar com mais calma a participação das crianças e perceber se poderíamos melhorar algum aspeto, para o colocar em prática na sessão seguinte. Concluímos que seria benéfico explorar mais os movimentos corporais, bem como as expressões faciais e acrescentar mais instrumentos, pois os mais novos ficavam contentes por poderem manuseá-los. Também foram realizadas algumas questões ao grupo de crianças.

Descrição da sessão o elefante cor-de-rosa conhece um cometa:

Esta foi a penúltima sessão da exploração desta história, que decorreu na semana de 17 a 21 de janeiro de 2022. As crianças estavam muito curiosas, pois sabiam que estávamos quase a terminar.

Foram introduzidas novas estratégias, umas mais direcionadas para a área da música e outras para a do português.

Na parte do português, manteve-se a repetição da palavra elefante duas vezes e introduziu-se uma nova, Via Láctea, que deveria ser repetida três vezes. Acrescentaram-se alguns gestos: o de tristeza, reforçando a abertura dos olhos tristes e cansados, fechando os olhos. Utilizou-se a aliteração e reforçaram-se/intensificaram-se as sílabas tónicas de algumas palavras, como, por exemplo, sozinho, doloroso, leva-me, tranquilo. Ainda se destacaram a assonância e sons vocálicos como: vu-uu-uu na parte do vento e fuumm uuuh, para imitar o bramir dos elefantes.

No que diz respeito à área da música, foram explorados os tons agudos e graves em algumas partes que iam surgindo na história. Também se deu destaque aos movimentos lentos, repetindo a palavra “certeezaaa” muito lentamente, e aos movimentos mais rápidos. A EE manteve a exploração de alguns instrumentos musicais convencionais, como o bloco de dois sons, para as crianças tocarem quando surgia a cavalgada de cometas.

Foram, também, utilizados os cartões criados pela EE para mostrar e relembrar, por exemplo, a noite escura.

A EE criou algumas palavras com as quais as crianças pudessem brincar e rir-se em determinados momentos da história: “não vás tornar-te satélite ou hélice”. Fez-se uma respiração mais profunda antes de se proferir a palavra respiração.

Como aconteceu nas sessões anteriores, esta também foi gravada em registo vídeo para que se pudesse voltar a revê-la, perceber como as crianças iam evoluindo e analisar as estratégias colocadas em prática. Nesta sessão, a EE permitiu às crianças que pegassem na batuta, para poderem responder às questões colocadas. Nesta semana foram colocadas mais questões, por se tratar da semana intensiva, mas foram divididas por dias diferentes.

Questões orientadoras da sessão o elefante cor-de-rosa conhece um cometa:

1. O elefantinho apercebeu-se de alguma coisa. De que se apercebeu o elefantinho?
2. O que aconteceu às asas azuis, flores brancas, folhas verdes e às águas claras?
3. Ainda se lembram daquela noite que mudaria para sempre a sua vida? O que aconteceu nessa noite? Alguém se recorda?
4. O elefantinho estava muito triste. O que observou quando abriu os olhos?
5. Com quem é que o elefantinho estava a falar?
6. O elefantinho conseguiu cumprir as ordens do cometa?
7. Como se encontrava, agora, o planeta?
8. O elefantinho queria muito conhecer a Terra, mas ficou muito assustado com o que o cometa lhe disse. Que informações lhe deu acerca da Terra?

No decorrer do questionamento a Educadora Estagiária recorria a pistas para apoio às respostas das crianças:

1. fazer a pergunta num andamento lento
2. colocar a questão num andamento rápido
3. fazer a pergunta com intensidade forte e mostrar o cartão da noite
4. colocar a pergunta com intensidade fraca.
Regressa a batuta para a EE. Volta à sua voz normal
5. formular a pergunta num tom grave
6. fazer a pergunta num tom agudo
7. colocar a pergunta de forma não exagerada
8. formular a pergunta de forma exagerada
Regressa a batuta para a EE. Volta à sua voz normal.

Reflexão e avaliação

Esta sessão decorreu bem, tendo superado mesmo as expectativas, dado que as crianças estavam mais perto de conhecer o final da história e ficaram muito animadas por saberem que iriam apresentá-la aos seus colegas. Começaram a surgir possíveis ideias de como a poderíamos apresentar, estas deram muitas ideias, tais como: o vestuário mais adequado para cada personagem; se deveriam utilizar máscara; a elaboração dos cenários; os instrumentos que deviam utilizar para cada momento, entre outros.

As novas estratégias funcionaram bem e foram ao encontro dos gostos e dos interesses das crianças. Gostaram muito das palavras para brincar, dos movimentos que realizaram, das expressões que puderam fazer.

Estas estavam muito motivadas e completamente à vontade, quer com a história, quer em responder às questões finais.

Descrição da sessão saber se o elefante cor-de-rosa embarcou com o cometa nesta viagem:

Nesta última sessão, que decorreu na semana de 31 de janeiro a 2 de fevereiro de 2022 deu-se por terminada a exploração desta história. A EE não acrescentou mais grafismos no seu casaco, ficando assim com os que já tinha.

A nível das estratégias utilizadas, algumas foram semelhantes à sessão anterior, movimentos lentos ao referir algumas palavras/ expressões como: “boaaaaa ideeeiaaaaa”. Optou-se por introduzir a divisão silábica da palavra e-le-fan-tes, para as crianças contarem o número de sílabas em conjunto. Reforçou-se as reações, fazendo mais expressões faciais, como surpreendido, assustado, impaciente, curioso, entre outros.

Utilizou-se, novamente, a aliteração e a intensificação da sílaba tónica de algumas palavras como: cometazinho. Continuou-se a repetir a palavra elefante, duas vezes.

Também se utilizaram alguns instrumentos musicais convencionais, como as guizeiras, para imitar o som das estrelas; as pandeiretas, para representar o fogo na cauda do cometa e as maracas para verem o berlinde azul. Continuamos a destacar os movimentos lentos e muito rápidos, bem como os tons graves e agudos. Reforçamos algumas expressões, como “nunca estarás sozinho”.

Demos ainda mais destaque aos movimentos corporais: abrir os braços, como se fossem saltar; falar ao ouvido do colega do lado; e reforçaram-se alguns movimentos, como gigante, fazendo o respetivo gesto.

Para terminar, fizemos uma grande roda e a EE deu a conhecer uma canção “O elefante cor-de-rosa”, de Alda Casqueira concebida para esta obra literária.

No fim da sessão, foi dito às crianças que teriam de começar a pensar na parte de que tinham gostado mais, pois iríamos fazer uma pequena peça de teatro para apresentar aos seus colegas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, o que motivou muito o grupo.

Esta sessão também foi gravada em registo vídeo, para, mais tarde, conseguir rever e observar o grupo de crianças, bem como as estratégias utilizadas. Nesta sessão, deu-se, mais uma vez, a possibilidade de passar a batuta às crianças, para poderem responder às questões colocadas.

Questões orientadoras da sessão saber se o elefante cor-de-rosa embarcou com o cometa nesta viagem:

1. O elefantezinho seguiu viagem com o cometa? Foi uma boa ideia?
2. O cometa sugeriu-lhe uma solução melhor. Quem se lembra?
3. Que segredo guardava o menino?
4. O elefantezinho desceu na imaginação de quem? Foi bem recebido?
5. Nunca ninguém tinha visto elefantes cor-de-rosa. De que cor eram os sonhos das crianças?

No decorrer do questionamento, a Educadora Estagiária recorria a pistas para apoio às respostas das crianças:

1. fazer a pergunta num tom pianíssimo
2. formular a pergunta num tom muito forte
3. fazer a pergunta num andamento rápido
4. colocar a pergunta num tom divertido
5. fazer a pergunta num andamento lento

Reflexão e avaliação

Nesta última sessão foi possível constatar que as crianças perceberam a história e ficaram muito entusiasmadas com a ideia de poderem realizar um teatro para apresentar aos seus colegas.

Os objetivos para a exploração desta história foram atingidos. Foram utilizadas diversas estratégias, o que permitiu ir percebendo as que funcionaram e se adequaram melhor a estas crianças, enriquecendo-as cada vez mais.

Este grupo de crianças gostava muito de ouvir histórias, pois estava muito habituado a essa rotina. Envolveu-se plenamente nas diversas etapas da concretização da peça de teatro, desde a criação do guião da história; a concretização dos cenários; a elaboração das máscaras; na seleção dos instrumentos musicais que funcionavam melhor para certos momentos da história; na escolha das peças do vestuário; no papel que cada um gostaria de desempenhar, entre outros. Também foram elaboradas duas cartolinas: uma continha a indicação das personagens da história e à sua frente o nome da criança que a ia representar; a outra possuía o nome dos instrumentos musicais convencionais e não convencionais que cada um iria interpretar, pela respetiva ordem.

Assim, caso as crianças se esquecessem, podiam consultá-la, sempre que precisassem.

Foram realizados alguns ensaios, para que cada uma se sentisse confortável no momento da apresentação da peça de teatro. A EE assumiu o papel de narradora da história.

Esta sessão também foi gravada em registo vídeo, para que, mais tarde, fosse possível rever, analisar e recordar este momento.

Atividade final

As crianças estavam ansiosas por apresentar esta obra, que foi trabalhada ao longo de seis sessões, aos seus colegas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, por isso perguntavam, constantemente, quando a iríamos apresentar.

Estas sabiam exatamente o que tinham de fazer, pois já tinham ensaiado algumas vezes, o que lhes permitiu estarem mais à vontade e bem-adaptadas ao espaço onde a mesma iria ser representada. A peça de teatro teve início com uma pequena música, que servia para a EE entrar em cena e começar a apresentar a história. Foram elaborados quatro cenários para o efeito e, quando a EE precisava de mudar o cenário, levantava-se para o trocar. À medida que esta ia

contando a história, as crianças iam surgindo, com o respetivo vestuário e as máscaras. Algumas crianças ficaram um bocadinho envergonhadas por estarem em frente aos outros colegas, alguns eram seus irmãos, mas as outras crianças acabaram por ajudá-las nas falas, mesmo a EE.

Antes de terminar, as crianças deram a conhecer aos seus colegas a canção do elefante cor-de-rosa, da autoria da cantora Alda Casqueira.

No fim da peça, procedemos a uma breve apresentação de quem interpretou as diversas personagens. De seguida, tivemos uma pequena conversa com os alunos do 1.º Ciclo, para verificar se estes consideravam que os elefantes poderiam ser cor-de-rosa, ao que responderam que estes podem existir na nossa imaginação.

Reflexão e avaliação

Esta apresentação decorreu de forma mágica, superando todas as expectativas, uma vez que as crianças participaram com muito entusiasmo e ânimo ao longo da mesma.

A apresentação da peça de teatro decorreu muito bem e foi um momento repleto de magia, dado que, apesar de serem crianças pequenas, estiveram à altura do desafio. É importante destacar a preocupação das crianças mais velhas face às mais novas.

Estavam todos tão concentrados em desempenhar o melhor papel possível o seu papel que, por vezes, até chamavam os colegas à atenção para não se esquecerem de tocar os instrumentos ou ajudar os colegas, caso se esquecessem de alguma fala.

Também é importante destacar o excelente trabalho desenvolvido pela EE, a ajuda incansável da Educadora e da Auxiliar, que permitiram que esta decorresse com êxito.

Elaboração de um arquivo sonoro

Ao longo do processo de investigação, foram recolhidos dados relevantes que permitiram a elaboração de um arquivo sonoro, após a realização de todo o trabalho. Dado que esta investigação exigia um recurso constante à exploração dos instrumentos musicais, quer convencionais, quer não convencionais, pensou-se na sua possível elaboração. Para a concretização deste arquivo, utilizaram-se os seguintes critérios: instrumentos musicais convencionais e não convencionais no formato WAV; reuniram-se todos os grafismos pela ordem que foram utilizados durante a exploração da história, bem como os instrumentos convencionais, não convencionais e elementos sonoros; optou-se por separar os elementos sonoros pelas diferentes famílias, tendo em conta o método Orff: família das madeiras, família

dos metais e família das peles; juntaram-se todas as adaptações das sessões num único documento, com os sons dos instrumentos utilizados à sua frente. Foi, ainda, produzido um pequeno vídeo com a sonorização de toda a história, que contém a ordem pela qual foram explorados os instrumentos musicais convencionais, não convencionais e objetos sonoros. Este irá permitir a exploração dos sons de cada instrumento em contexto de sala de aula, para que seja possível ouvir e identificar o som produzido por cada instrumento, uma vez que este vídeo não tem imagens dos mesmos. Poderá, também, servir como recurso sonoro para acompanhar a leitura desta obra literária.

Sendo assim, estes materiais de apoio criados ficarão disponíveis em duas plataformas digitais: *padlet* (Novo, 2022a) e em formato *ebook*, (Novo, 2022b) para que, um dia, algum educador/professor o possa utilizar junto do seu grupo de crianças/alunos.

Categorias de análise

Categoria A- Reação das crianças ao ato de ouvir histórias

Nesta categoria são apresentadas as reações das crianças, a forma como estas lidaram com o ato de ouvir esta obra literária. Primeiramente, as crianças estranharam o facto de introduzirmos na história vários sons, à medida que se contava a mesma. Também ficaram admiradas com o fato da maestrina, com os seus acessórios, e para que iriam ser utilizados. Posteriormente, as crianças foram manifestando gosto e interesse por este novo conceito de contar histórias. O facto de as crianças poderem participar em toda a história motivou-as ainda mais. Ao longo das sessões, colocavam algumas questões como: “para que serve essa roupa?”; “que história vamos conhecer?”. Estas crianças eram extremamente curiosas, possuíam muita criatividade, o que permitiu que se criasse um ambiente de partilha, em que muitas das sugestões eram dadas pelas mesmas. Para Mata (2008), “É indiscutível e de largo consenso a importância da prática da leitura de histórias, enquanto atividade regular, agradável e que proporciona interações e partilha de ideias, concepções e vivências”. (p.78)

Aula 1: conhecer a figura e o papel da maestrina

PE- Hoje trago uma roupa diferente. Já viram alguma vez?

Turma em coro- Não!

PE- Sabem o que é uma maestrina?

IM- é alguém que toca nas orquestras.

PE- A batuta é um instrumento que serve para o maestro transmitir informações rítmicas aos músicos. Também existe um movimento que este realiza com a mão. O que significa?

Turma- Para parar.

Aula 6: conclusão da história

PE: Qual é o segredo. Alguém sabe?

IM: Eu vi um elefante cor-de-rosa.

Turma: Que gosta muito de dançar e que anda assim como se fosse um balão soprado.

PE: E como é ele?

Turma: Tem assim umas orelhas compridas cor-de-rosa.

PE: O que aconteceu ao elefantezinho?

Turma: Passou a habitar na imaginação das crianças.

Foi possível verificar que as crianças estavam muito atentas durante a leitura desta história. Estas manifestaram interesse pelo livro, porque reconheceram o nome, por exemplo, e a atitude delas perante aquilo que sabiam foi manifestada nas brincadeiras, pois souberam identificar onde tínhamos ficado na sessão anterior. De uma forma geral, todas reagiram de uma forma muito positiva, mostrando interesse, criatividade e responsabilidade durante a concretização da atividade.

Categoria B- A importância do teatro para as crianças

Nesta categoria, é apresentada a forma como estas crianças encaravam as peças de teatro. Estas estavam muito habituadas a dramatizar, recontar histórias para os seus colegas, uma vez que a Educadora estava ligada a esta área. Por isso, as crianças já se sentiam à vontade para se expressar. Como gostavam muito deste género de atividades, decidiu realizar-se uma peça de teatro. Esta seria apresentada aos colegas do 1.º Ciclo do Ensino Básico da escola. As crianças começaram por preparar os cenários, pintar alguns desenhos e realizar alguns recortes para colar na cartolina dos cenários (figura 21), elaboraram os moldes das máscaras e procederam à sua pintura, de acordo com a personagem que iriam desempenhar: elefantes,

flores, cometas e pássaros azuis (figura 22). Também foram elaboradas duas tabelas, uma com a definição das personagens, quem desempenharia determinado papel e que adereços/acessórios iriam necessitar (tabela 5) e outra com os nomes de quem seriam os músicos, que instrumentos musicais iriam precisar e quando tinham de tocar (tabela 6).

Figura 21- Concretização dos cenários da história



Figura 22- Elaboração e pintura das máscaras



Tabela 5- Projeto: fazer o teatro da história "O Elefante Cor-De-Rosa" para apresentar aos colegas do 1.º Ciclo do Ensino Básico

O quê?	Quem faz	O que precisa?
Personagem/Músico	(Ator)	
Elefante 	IM	Máscara
Elefantes Amigos	MS; BV	Máscara
Pássaro Azul 	TG	Bico Amarelo
Pássaro Amigo	LM	Penas Azuis
Flor 	FV	Bico Amarelo
Flor Amiga	BP	Penas Azuis
Cometa 	PP	Máscara Flor
Outros Cometas	JP	Máscara Flor
Criança 	ND	Cauda
Criança Amiga	MS	Máscara Estrela
Contadora	MN	Cauda
Músicos	JG; VC; RA	Máscara Estrela
		Boné
		Boné
		Roupa
		Maestrina
		Boina

Tabela 6- Sonorizar a dramatização "O Elefante Cor-De-Rosa"

Quem toca	O quê	Quando
JG	Pandeireta	Início/Festa
	Xilofone	Entrada das Flores
	Triângulo	Cena triste/Morte
	Maracas	Chamada dos Companheiros
	Pau de chuva	Chuva de Cometas
	Garrafa plástica	Sopro às Flores
	Caixa chinesa	Entrada do Elefante
VC	Pandeireta	Início/Festa
	Maracas	Chamada dos Companheiros
	Guizeiras	Entrada dos Pássaros
	Pau de Chuva	Chuva de Cometas
	Garrafa Plástica	Sopro às Flores
	Clavas	Entrada do Elefante
RA	Rála	Início
	Bloco de dois sons	Entrada do Elefante
	Pandeireta	Início/Festa
	Saco plástico	Morte/Chuva de Cometas
	Garrafa plástica	Sopro às Flores
	Cartolina	Cena Triste
	Tamborim	Entrada do Elefante
ND	Rála	Sonho da Criança
PP	Apito	Chamada do Amigo

É importante salientar que as crianças participaram em todas as atividades e em todas as etapas que estas envolviam, desde o resumo da história, para que fosse mais fácil se lembrarem das suas falas, à construção das próprias máscaras e respetiva pintura. Participaram, igualmente, na elaboração das tabelas das personagens e na que continha a indicação das crianças que tocavam algum instrumento. Também analisámos o vestuário mais adequado para cada personagem. As crianças construíram os quatro cenários que apareciam na história, para servir de fundo na peça de teatro. Procedemos a alguns ensaios, nos quais estas já utilizaram as suas máscaras e roupas, para se sentirem mais confortáveis no dia da apresentação. A apresentação superou as expectativas. Através desta atividade, as crianças adquiriram algumas aprendizagens como: desenvolver capacidades corporais, capacidades expressivas e criativas através de produções plásticas, discutir ideias, escolher adereços para as personagens. Também desenvolveram e aprofundaram algumas competências, tais como: i) a apropriação dos instrumentos e técnicas; ii) identificar e descrever os sons que ouve; iii) valorizar a música; iv) trabalhar em equipa; v) apreciar espetáculos teatrais; vi) inventar histórias, entre outras. O jogo dramático permite que as crianças possam desempenhar vários papéis, representar “situações reais ou imaginárias e desenvolver a sua expressão verbal” (Silva et al., 2016).

Categoria C- Reações das crianças à exploração sonora da história contada

Nesta categoria é apresentada a forma como as crianças lidaram com a exploração sonora desta obra literária. Estas foram-se envolvendo cada vez mais na história contada, evidenciando muito entusiasmo em conhecê-la. Ao longo da sua exploração, as crianças foram-nos surpreendendo, pois realizavam desenhos sobre a história que estávamos a abordar, demonstrando gosto e interesse pela mesma, como podemos comprovar com os exemplos apresentados (figura 23).

Figura 23- Desenhos realizados pelas crianças sobre a obra literária



O facto de, ao longo da história, se terem introduzido os instrumentos musicais convencionais e não convencionais foi uma mais-valia, uma vez que enriqueceu mais a sua exploração e as crianças manifestaram maior interesse pela mesma. Estas estavam mais atentas, pois sabiam que também iriam participar no decorrer da história e queriam estar preparadas para tocar os instrumentos. A sonorização de uma história pode ser realizada de várias formas e constitui uma estratégia muito enriquecedora para a aprendizagem das crianças. Neste caso, a sonorização foi feita a partir dos sons dos instrumentos que eram reproduzidos em alguns momentos e, através da sua exploração, estimular, envolver e captar a atenção das crianças. Segundo Stefene e Weber (2013), as histórias sonorizadas “possuem a capacidade de despertar nas crianças o apreço pela música, o gosto pelas próprias histórias e ainda possibilitam “viajar” na imaginação e criação”. (p. 1192) Para Werley (2011), “as histórias podem-se tornar recurso para o trabalho com a música, a partir do momento em que se busca torná-las mais expressivas e sonoras”. (p. 90) Esta estratégia de interligar o conto de uma história, recorrendo à exploração sonora, é benéfica para as crianças, pois permite-lhes contactarem com instrumentos musicais, manuseá-los, explorar o seu som, timbre. Para além disso, a exploração da sonoridade das palavras é fundamental. No momento de contar esta história, procurou valorizar-se tudo o que está presente no espaço envolvente, dando destaque aos gestos/movimentos, à voz vocálica, ao timbre, intensidade, aos objetos ligados à natureza, à expressão corporal e facial, à respiração, ao silêncio, aos sorrisos, risos, olhares. Este momento é importante, pois todas as crianças estão presentes e vão adquirindo conhecimentos e estabelecendo mais cumplicidade e confiança com os colegas. (Girardello, 2007 cit. Por Reys, 2011).

Categoria D- Manuseamento dos instrumentos musicais

O contacto com diversos instrumentos musicais convencionais e não convencionais é muito importante nesta faixa etária. As crianças puderam contactar com um vasto leque de instrumentos musicais convencionais: pandeireta; caixa chinesa; tamborim; triângulo; bloco de dois sons; shaker; clavas; guizeiras e maracas. Contactaram, do mesmo modo, com instrumentos musicais não convencionais ligados à natureza: galhos; cartolina; garrafa plástica e saco plástico. O contacto com os instrumentos musicais nesta faixa etária é fundamental e, numa primeira fase, deve ser dada a possibilidade de os explorarem livremente e, só depois, reproduzirem os sons.

As atividades musicais favorecem o desenvolvimento tímbrico, sonoro, mas também permitem adquirir conhecimentos de outras áreas como, por exemplo, a motricidade fina e a

coordenação motora. Segundo Cezero (1997), é importante dar oportunidade a todas as crianças do grupo de contactarem com os instrumentos Musicais, não passando algumas crianças por meros espectadores. “O jogo infantil é jogo de todos e para todos”. (p. 1388) Este autor também defende que a utilização destes instrumentos é relevante no ensino pré-escolar, para que as crianças manipulem os instrumentos musicais, utilizando-os de várias formas. A exploração da história também permitiu às crianças conhecerem os nomes dos instrumentos e saberem como poderiam reproduzir o som desse mesmo instrumento.

CONCLUSÃO

Neste capítulo são apresentadas as conclusões do trabalho efetuado, de modo a responder às questões de investigação delineadas. Referem-se, igualmente, as limitações do estudo e algumas recomendações para futuras investigações.

Conclusões do estudo

Após a análise e interpretação dos dados recolhidos, procedeu-se a uma reflexão para apresentar as conclusões finais. Com o intuito de explorar “as estratégias para contar histórias, tendo por base os conceitos de timbre, intensidade e altura do som”, explorar a forma de “contar/ouvir histórias, privilegiando o som” e de potenciar “a vivência do ato de ouvir histórias, através de explorações sonoras e dramáticas.”, definiram-se três questões fundamentais, cuja resposta se baseia na recolha de dados.

1. Que estratégias utilizar para a exploração de uma história através do timbre, intensidade e altura do som?

Em resposta a esta questão, a primeira estratégia criada para realçar a importância do recurso a estes conceitos na exploração da história “Elefante Cor-De-Rosa”, foi dar a conhecer a figura e o papel da maestrina ao grupo de crianças. Desta forma, cada vez que esta surgia com um casaco em forma de grilo, uma boina e uma batuta, as crianças já sabiam que seria dada continuidade à exploração da história e/ou iriam ter um momento musical. Esta ideia também é defendida por Hohmann e Weikart (2009) “A música é uma série de sons organizados através do ritmo, da melodia e da harmonia, que desencadeiam uma resposta emocional naquele que ouve”. (p. 657)

Ao longo das sessões de intervenção, recorreu-se a outras estratégias para imprimir ritmo e movimento à narração da história. Para esse efeito, utilizaram-se instrumentos musicais convencionais e não convencionais e elementos da natureza, para reproduzir determinados sons e provocar efeitos sonoros. As questões que foram sendo colocadas às crianças, ao longo da narração, foram feitas em diferentes ritmos (andamento rápido e lento), intensidades (forte e fraca) e em tons distintos (pianíssimo, grave, agudo, muito forte, exagerado e não exagerado e divertido) com o objetivo de cativar e prender a sua atenção, à medida que a história ia sendo explorada.

As estratégias implementadas surtiram o efeito desejado e revelaram-se uma mais-valia, pois conseguiram captar mais a atenção das crianças, aumentar a sua curiosidade e interesse pela história.

2. Que recursos sonoros, a nível musical e linguístico, contribuíram para o ato de contar e ouvir histórias?

Ao privilegiar a associação das potencialidades do som ao plano literário, verificou-se que a motivação/predisposição das crianças para a leitura da obra aumentou. De igual modo, as crianças conseguiram assimilar e compreender melhor os acontecimentos mais relevantes da história. De acordo com Reys (2011), uma história é “tornar sonoro um enredo, ou partes dele (...) seja por meio da voz ou de objetos e instrumentos. Nesse tornar sonoro, a utilização de sons ou de melodias passa a fazer parte da narrativa”. (p.63)

Algumas delas também foram capazes de aliar ao som dos instrumentos utilizados determinadas passagens da obra, o que comprova que ao associar-se o som à palavra, esta permanece na memória. Assim, a memória auditiva assume um papel fundamental no processo de aprendizagem, uma vez que se reflete na capacidade de expressão e de compreensão da linguagem escrita e falada por parte das crianças.

A nível linguístico, privilegiaram-se algumas estratégias para chamar a atenção das crianças para algumas palavras que tinham uma função relevante na história, pelo que se recorreu à aliteração, à assonância, aos sons vocálicos, ao reforço das sílabas tónicas, à contagem do número de sílabas e à divisão silábica das mesmas.

Face ao exposto, a utilização do som no ato de contar/ouvir histórias, proporciona uma ligação mais intrínseca com a obra literária, mantendo as crianças mais despertas e calmas, pois querem acompanhar devidamente o desenrolar da história.

3. Como rececionam as crianças a exploração sonora e dramática de uma história?

As explorações e estratégias sonoras desenvolvidas ao longo da leitura da história selecionada tiveram um papel crucial, pois permitiram a sonorização da mesma e a sua posterior dramatização. Importa, pois, salientar que o trabalho desenvolvido a esse nível foi indispensável para a concretização do projeto final, a realização de uma pequena representação teatral. Através da mesma, foi possível aliar as estratégias sonoras às de carácter dramático, cujo

resultado em termos práticos foi um sucesso. Silva et al., (2016) expressam que o jogo dramático ou brincar ao

faz de conta é uma forma de jogo simbólico em que a criança assume um papel de outras pessoas, animais ou máquinas ou o vive através de um objeto (boneco, marioneta) para representar situações “reais” ou imaginárias, e exprimir as suas ideias e sentimentos. (p.52)

Este constituiu, igualmente, o culminar de um projeto, que se converteu numa experiência muito positiva e bem-sucedida. A conjugação destas duas vertentes, a musical e a dramática, foi um êxito, permitindo às crianças e adultos vivenciar momentos únicos. Ficou comprovada a importância e utilidade dos recursos sonoros, na promoção do gosto pela leitura e audição de histórias. As crianças estavam bastante motivadas e, por isso, entregaram-se de corpo e alma aos papéis que lhes foram atribuídos, não se esquecendo de utilizar os instrumentos musicais nos momentos definidos. Sentiram que o seu desempenho na representação dramática foi muito importante e, no final da peça, estavam felizes e orgulhosas pela sua participação na mesma.

Em suma, o trabalho realizado foi importante e conseguiu provar que o educador/a, nos dias de hoje, pode e deve utilizar novas estratégias que possam cativar mais as crianças, podendo recorrer, por exemplo, à sonorização de histórias.

Limitações do estudo

Durante o processo de investigação surgiram algumas limitações, que não afetaram, contudo, o mesmo, revelando-se úteis para podermos aperfeiçoar alguns aspetos, em investigações futuras.

As limitações de estudo que se sentiram foram essencialmente relacionadas com o tempo curto, para se poder recolher as informações com mais detalhe e o mesmo ter sido efetuado com um número pequeno de crianças. Esta investigação ocorreu durante a PES, tendo sido atribuídas quatro semanas para o desenvolvimento deste trabalho. Caso fosse necessário, poderia ser concedida mais uma semana para a recolha de dados. A grande dificuldade prende-se com o facto de a investigação qualitativa requerer mais tempo, tal como refere Fernandes

(1991) “Outra dificuldade relaciona-se com o tempo que normalmente é requerido pela investigação qualitativa”. (p.4)

Para futuras intervenções, será essencial conceder mais tempo para efetuar observações prolongadas e proceder à recolha de dados de forma mais aprofundada. Poder-se-ia aplicar este trabalho a outros grupos de crianças, de diferentes faixas etárias, para verificar se os resultados seriam os mesmos. Estes aspetos seriam benéficos, não só para a parte relativa à investigação, mas também para permitir um trabalho mais profícuo com as crianças.

CAPÍTULO III- REFLEXÃO GLOBAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Neste capítulo final, pretende-se elaborar uma reflexão global de todo este percurso da PES. Portanto, é o momento oportuno para proceder a uma reflexão acerca de todas as aprendizagens e do contributo da PES para o meu desenvolvimento, tanto a nível pessoal como profissional.

No decorrer da PES, tive a oportunidade de intervir em dois níveis de escolaridade distintos: no primeiro semestre, no Pré-Escolar, com crianças entre os três e os cinco anos de idade, e, no segundo semestre, no 1.º CEB, com alunos do 2.º ano.

Esta possuía uma organização própria e estava dividida em várias fases, a saber: o período de observação, de planeamento, de implementação e de reflexão. A última fase permite refletir sobre o modo como decorreram as sessões, perceber quais os aspetos que ainda podem ser melhorados em futuras intervenções, tendo sempre em consideração as características de cada criança e o nível de ensino em que se encontram. Todas estas fases são fundamentais para o desenvolvimento de um profissional de educação.

As três primeiras semanas, quer no contexto do Pré-Escolar quer no 1.º CEB, foram dedicadas exclusivamente à observação. É um período importante para a recolha de informações que são necessárias e fundamentais e que precisamos de ter em conta, quer na preparação, quer na implementação das atividades que vamos colocar em prática. Este tempo foi fundamental para mim, pois permitiu-me conhecer o contexto, perceber o nível de desenvolvimento de cada aluno, destacar as suas características individuais, os seus interesses, as suas dificuldades, o seu comportamento, entre outros.

Também me possibilitou conhecer a turma com a qual iria trabalhar, compreender as rotinas, os horários, as dinâmicas da sala de aula, e as estratégias/métodos utilizados pela Educadora e pela Professora Cooperante. Este foi particularmente precioso para criar laços de afeto e de proximidade com os alunos. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016), através da observação, conseguimos recolher informações importantes “observar o que as crianças fazem, dizem e como interagem e aprendem constitui uma estratégia fundamental de recolha de informação”. (p.13)

O trabalho desenvolvido no contexto do Pré-Escolar foi, sem dúvida, uma experiência desafiante e enriquecedora a todos os níveis, tanto pessoal como profissional. A primeira vez que entrei no contexto, senti um misto de emoções. Por um lado, estava com alguns receios; por outro lado, estava feliz e ansiosa por iniciar esta etapa que tanto idealizei. Durante as observações, a Educadora deixou-me muito à vontade e tive sempre oportunidade de

interagir/participar nas atividades das crianças. O facto de conhecer o grupo de crianças e as suas características individuais fez com que os meus receios iniciais fossem desaparecendo. Com o passar do tempo, ou seja, à medida que as semanas de implementação iam decorrendo, comecei a sentir-me mais segura e confiante.

É de sublinhar que, neste contexto, a Educadora, a Auxiliar, bem como as crianças me receberam muito bem, de forma muito carinhosa e acolhedora. Tive a oportunidade de trabalhar com uma Educadora extraordinária, que se disponibilizou sempre para me ajudar a todos os níveis. Transmitiu-me muitos conhecimentos/estratégias, sugestões, o que me ajudou muito no meu crescimento, enquanto futura Educadora/Professora. O facto de ter tido a possibilidade de trabalhar com crianças cujas personalidades diferem, com diferentes formas de estar, pensar e gostos foi aliciante e, ao mesmo tempo, desafiador. Todos estes aspetos fizeram com que tivesse de recorrer a estratégias bastante diversificadas, de forma a captar a sua atenção e ir ao encontro dos seus interesses. Tudo isto contribuiu, certamente, para aumentar o meu leque de conhecimentos, os quais serão essenciais num futuro próximo.

Durante as semanas de intervenção, procurei realizar atividades adequadas aos interesses deste grupo de crianças, e que lhes permitissem a aquisição de competências nos diversos domínios, de uma forma mais lúdica. Spodek e Saracho (1998) reiteram a importância das atividades que envolvem o brincar “A brincadeira educativa é uma brincadeira pela qual as crianças aprendem”. (p.215) As mesmas foram sempre idealizadas/pensadas de acordo com as necessidades do grupo e, sempre que possível, procurei ouvir as crianças, escutar as suas opiniões, responder às suas questões, dúvidas. Esta estratégia permitiu-me observar os ritmos de trabalho dos alunos, registar as estratégias utilizadas na sala de aula, o que me ajudou a proceder a reajustes, ou a aprimorar o trabalho desenvolvido ao longo das restantes semanas de intervenção. Tentei, muitas vezes, apelar à brincadeira e à criatividade, utilizando diversos materiais didáticos e atividades variadas.

O maior desafio, relativamente às implementações, foi o de realizar atividades mais práticas e apelativas, que fossem ao encontro dos seus interesses e gostos. Para atingir este propósito, mantive um fio condutor e estabeleci uma sequência lógica entre as diferentes áreas curriculares. Um outro aspeto importante foi aprender a lidar com as características e personalidades próprias de cada criança.

Neste contexto, aprendi que, através de textos ou obras literárias, podem ser explorados diversos temas das áreas disciplinares e trabalhar determinados conteúdos. De destacar a preocupação de proporcionar as aprendizagens às crianças de forma calma, respeitando sempre o tempo/ritmo de cada uma.

Neste contexto, também aprendi diversas estratégias, tais como: gerir conflitos entre crianças, lidar e contornar imprevistos que nos acontecem, entre outras. Posso dizer que a Educadora me ensinou diversos truques que devo colocar em prática com as crianças, quando estas, por vezes, estão a revelar cansaço. Esta utilizava diversos truques, tais como: ouvir canções, trautear letras de músicas conhecidas, para que as crianças tentassem adivinhar o seu nome; colocar uma música escolhida pelo responsável do dia na hora do lanche, leitura de histórias, jogos com rimas e chamar as crianças pelos números, e não pelos nomes, entre outros.

Durante este estágio, tive a oportunidade de desenvolver um projeto sobre uma obra literária selecionada e proceder a uma investigação, que me permitiu selecionar estratégias a nível literário e musical para explorar o texto, atendendo às características do grupo de crianças. Esta obra permitiu às crianças ouvirem a história e interagirem no decorrer desta, não se limitando, assim, apenas a escutá-la.

Vou agora refletir sobre a PES no 1.º CEB, que foi igualmente uma experiência gratificante, que me permitiu crescer ainda mais, quer a nível pessoal, quer a nível profissional, tal como aprofundar diversas competências. Quando iniciei este estágio, no 2.º semestre, também me senti um pouco assustada, com receio de não conseguir cumprir tudo aquilo que é proposto, mas, ao mesmo tempo, estava entusiasmada por iniciar uma nova aventura. Logo no primeiro dia, a turma recebeu-me muito bem, pelo que me senti muito à vontade e fui ganhando cada vez mais confiança em mim mesma.

Também fui muito bem recebida pela Professora Cooperante, pelos outros alunos e pelos profissionais que trabalhavam no contexto. A Professora Cooperante foi muito atenciosa e integrou-me bem na turma. A mesma transmitiu-me muitos conhecimentos, conselhos, apoio e estratégias, o que me auxiliou bastante e tornou o meu percurso mais enriquecedor a todos os níveis, contribuindo para o meu crescimento pessoal.

Neste nível de ensino, o grau de exigência é mais elevado relativamente aos conteúdos de cada área curricular, bem como nos domínios que têm de ser lecionados. A responsabilidade foi acrescida, pois estes alunos não tiveram um início de ciclo normal, devido ao covid-19.

No que diz respeito às semanas de intervenção, fui-me deparando com alguns desafios, a saber: como ajustar as atividades aos diferentes ritmos dos alunos, saber gerir comportamentos, ouvir mais os alunos durante a realização das atividades, só para citar alguns. Com o decorrer da prática, tornei-me mais assertiva e mais firme nas intervenções. Nesta turma, a maioria dos alunos enquadra-se na mesma faixa etária. No entanto, foi necessário adequar as atividades aos diferentes níveis de desenvolvimento de cada aluno, pois alguns tinham ritmos de trabalho distintos. Foi, igualmente, necessário criar estratégias, pois certos alunos

terminavam mais cedo as atividades. Estes aspetos referidos anteriormente, foram tidos em conta na adequação das planificações.

As atividades realizadas ao longo do estágio também tiveram sempre em atenção as necessidades e interesses dos alunos. Procurei, sempre que possível, realizar atividades mais lúdicas e com bastantes atividades interativas, pois era algo que os motivava e que era apreciado pelos alunos. Apesar de as atividades serem lúdicas, estas tinham sempre em mente o objetivo da aquisição de novas aprendizagens. Utilizei diferentes materiais e recursos, e tentei diversificar as atividades, de forma a motivar os alunos para a aprendizagem, não descurando os diversos domínios.

Uma das grandes aprendizagens que adquiri neste contexto foi que, por vezes, não é possível concretizar todas as atividades propostas na planificação. O que é realmente importante é que os alunos tenham tempo para assimilar as aprendizagens, respeitando os diferentes ritmos de cada um, sem os sobrecarregar.

Também aprendi a utilizar algumas ferramentas que serão úteis no futuro, nomeadamente: selecionar/pôr em prática algumas estratégias que permitam interligar certos conteúdos, gerir o tempo e solucionar imprevistos. É preciso destacar o contributo das aulas de SIC, que nos forneceu sugestões/ideias para a elaboração das planificações, bem como na preparação das atividades que poderíamos pôr em prática nos contextos de estágio. As Unidades Curriculares de Didática da Licenciatura e do Mestrado foram imprescindíveis para conhecermos novos métodos/estratégias que podemos utilizar para explorar os conteúdos, de uma forma mais prática e lúdica.

Em suma, ambos os estágios, no Pré-Escolar e no 1.º CEB, constituíram experiências incríveis, repletas de aprendizagens, que serão muito benéficas futuramente, e irei, certamente, colocá-las em prática. Estes foram muito desafiantes e, ao mesmo tempo, enriquecedores e gratificantes, pois permitiram-me aprofundar os meus conhecimentos e competências.

Durante o mestrado foram adquiridas, sem dúvida, muitas aprendizagens. No primeiro ano, a nível mais teórico e didático. No segundo ano, tivemos a oportunidade de pôr em prática o que aprendemos anteriormente. É um facto que realizámos pequenos estágios, logo desde o primeiro ano da licenciatura. Contudo, este foi o que teve maior duração e aquele que nos permitiu estar mais tempo a trabalhar os diferentes conteúdos das áreas disciplinares com as crianças/alunos dos contextos em que realizámos a PES. Foi um ano, simultaneamente trabalhoso e incomparável. A prática pedagógica proporcionou-me momentos únicos e inesquecíveis, pude vivenciar experiências fantásticas, adquirir aprendizagens e ferramentas valiosas para o futuro, bem como crescer ainda mais em termos profissionais e humanos.

Ao longo deste percurso também existiram obstáculos, como é óbvio, todavia tive de aprender a superá-los. Isso fez-me crescer, ter mais motivação para trabalhar e dar sempre o melhor de mim, para alcançar os meus objetivos.

Considero que este percurso foi muito importante para a minha formação, pois, para além do que foi mencionado anteriormente, tive a sorte e a oportunidade de conhecer e trabalhar com excelentes profissionais. Estes estiveram sempre disponíveis para me auxiliar e transmitiram-me ensinamentos/ ferramentas muito importantes para o meu enriquecimento a nível profissional e pessoal.

Termino esta reflexão, fazendo um balanço muito positivo deste percurso. Este foi o ano que me marcou mais ao longo do meu percurso académico, bem como em termos pessoais. Hoje, graças à realização deste estágio, tenho ainda mais certezas de que este é o caminho que pretendo seguir. Ser educador/professor é uma profissão fascinante, que continua a desempenhar um papel importante na sociedade atual.

“Escolhe um trabalho de que gostes, e não terás que trabalhar nem um dia na tua vida”.

Confúcio

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta.
- Amado, J. (2017). *Manual de investigação qualitativa na educação* (3ª ed.). Universidade de Coimbra.
- Arribas T. (2008). *Educação Infantil – desenvolvimento, currículo e organização escolar* (5ª ed.). Artmed.
- Bettelheim, B. (1992). *Psicanálise dos contos de fadas* (9ª ed). Paz e Terra
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto Editora.
- Brickman, N., & Taylor, L. (1996). *Aprendizagem activa*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Brito, T. A. (2003). *Música na educação infantil – propostas para a formação integral da criança*. Peirópolis.
- Caetano, A. P. (2004). A mudança dos professores pela investigação-acção. *Revista Portuguesa de Educação*, 17(1), 97-118. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=37417106>
- Casqueira, F., A. (2016). *O elefante cor de rosa de Luísa Dacosta*. Youtube. <https://m.youtube.com/watch?v=W8S3ZV5Ua5s>
- Cervera, J. (1992). *Teoria da literatura infantil*. Mensagero.
- Cezero, S. S. (1997). *Enciclopédia de educação infantil - recursos para o desenvolvimento do currículo infantil*. Nova presença.
- Chiarelli, L. K. M., & Barreto, S. J. (2005). A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. *Revista Recrearte*, 3, 1-10. <https://docplayer.com.br/8818601-A-musica-como-meio-de-desenvolver-a-inteligencia-e-a-integracao-do-ser.html>
- Costa, I. (2020). *A importância da leitura de histórias para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças em idade pré-escolar*. (Relatório final de estágio). Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa.
- Coutinho, C. (2014). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Almedina.

- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M., & Vieira, S. (2009). *Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas*. Psicologia, Educação e Cultura.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo e misto* (3ª ed). Artmed.
- Dacosta, L. (1974). *O Elefante Cor-De-Rosa*. Edições Asa
- Egan, K. (1994). *O uso da narrativa como técnica de ensino*. Publicações D. Quixote.
- Fernandes, D. (1991). *Notas sobre os paradigmas de investigação em educação*. *Noesis*, 18, 64-66.
- Formosinho, J. & Araújo, S. (2018). *Modelos pedagógicos para a educação em creche*. Porto Editora.
- Fortin, M. F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Lusodidacta.
- Freire, P., & Nogueira, A. (1993). *QUE FAZER – teoria e prática em educação popular* (4ª ed.). Vozes.
- Gallahue, L., & Ozmun, C. (2005). *Compreendendo o desenvolvimento motor*. Phorte
- Gomes, A. (1979). *A literatura para a infância*. Torres & Abreu.
- Gordon, E. (2000). *Teoria de aprendizagem musical - competências, conteúdos e padrões*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Henrique, L. (2002). *Acústica Musical*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2004). *Educar a criança*. (3ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2009). *Educar a Criança* (5.ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., & Weikart, P. (2011). *Educar a Criança* (6.ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Luís, L. H. (2002). *Acústica musical*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Macedo, A. (2017). Da leitura da palavra mundo à leitura do mundo: uma relação transacional. In A. Vasconcelos, M. Rodríguez, & S. Silva (Coords.), *Primeiros livros, primeiras leituras* (pp. 19- 72). Tropelias Companhia.
- Martins, I., Veiga, M. L., Teixeira, F., Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., & Couceiro, F. (2010). *Múltiplas linguagens: linguagem corporal II*. UAB/EdUFMT
- Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita: textos de apoio para educadores de infância*. Ministério da Educação/Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

- Moore, B. (2013). *An Introduction to the psychology of hearing*. (6ª ed.). Brill.
https://people.finearts.uvic.ca/~aschloss/course_mat/MUS%20511/articles/An%20Introduction%20to%20the%20Psychology%20of%20Hearing%20by%20Brian%20Moore%206th%20Edition.pdf
- Morgado, J. C. (2012). *O estudo de caso na investigação em educação*. De Facto Editores.
- Moura, A. (2003). Desenho de uma pesquisa: passos de uma investigação-ação. *Revista Educação*, 28, 1-23. <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/4321/2542>
- Novo, M. (2022a, setembro, 19). *Projeto da história elefante cor-de-rosa*.
<https://padlet.com/marianovo614/i6e1wy1a8fqy1w3>
- Novo, M. (2022b, setembro, 20). *Ebook digital*. <https://issuu.com/marianovo614/docs/ebook>
- Oliveira, A., & Spindola, A. (2008). *Múltiplas linguagens – literatura infantil*. EduFMT.
<https://sead.furg.br/images/cadernos/pdf/volume-32.pdf>
- Orquestra do Atelier Musical da EAMCN (2018). Sinfonia dos brinquedos. Youtube. [EMCN | Sinfonia dos Brinquedos | Atelier Musical - YouTube](#)
- Pessanha, A. (2003). *Atividade lúdica associada à literacia*. In C. Neto (Eds.), *Jogo e desenvolvimento da criança* (pp. 151 – 169). Edições Faculdade de Motricidade Humana.
- Queiroz, D. T., Vall, J. Alves e Souza, A. M., & Vieira, N. F. C. (2007). Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. *Revista Enfermagem UERJ*, 15(2), 276-83.
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2020779/mod_resource/content/1/Observe%C3%A7%C3%A3o%20Participante.pdf
- Reys, M. (2011). Era uma vez... entre sons, músicas e histórias. *Música na Educação Básica*, 3(3), 68-83.
http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed3/pdfs/artigo5_3.pdf
- Riper, C. V., & Emerick, L. (1997). *Correção da linguagem- Introdução à patologia da fala e à audiológica*. (8ª ed.). Artes Médicas. Tradução de: Domingues M. A. G.
- Sandroni, L. C., & Machado, L. R. (Org.). (1987). *A criança e o livro: Guia prático de estímulo à leitura* (2 ed.). Ática.
- Santos, A.N., & Santos, A. N. (2012) *O teatro e suas contribuições para educação infantil na escola pública*.

http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/geografia_humana2017/teatro_educacao%20E7%E3o2.pdf

Schafer, R. M. (1992). O ouvido pensante. *Em angewandte chemie international edition*, 6(11), 951–952. UNESP.

https://monoskop.org/images/2/21/Schafer_R_Murray_O_ouvido_pensante.pdf

Schwartz, G. M. (1998) O processo educacional em jogo: algumas reflexões sobre a sublimação do lúdico. *LICERE: Revista do centro de estudos de lazer e recreação/EEF/UFMG*, 1(1), 66-77. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1557/1116>

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar* (I. Silva Ed.). Ministério da Educação-Direção-Geral da Educação. https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf

Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação* (Vol.3). Instituto Piaget.

Spodek, B., & Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. ArtMed.

Stefene, L., & Weber, V. (2013). Histórias sonorizadas na educação infantil: o trabalho de pedagogos da rede municipal de ensino de Santa Maria. In *XXI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical* (pp. 1192-1200). Pirenópolis. http://www.abemeducaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM_2013_p.pdf#page=1192

Vale, I. (2004). Algumas Notas Sobre Investigação Qualitativa em Educação Matemática. O Estudo de Caso. *Revista da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo*, 5, 171-202.

Valls, A., & Teresa, M. (2003). *La audición musical en la educación infantil*. Ediciones Ceac: Planeta de Agostini.

Vayer, P. (1992). *O diálogo corporal*. Instituto Piaget.

Viana, F. (2002). *Melhor falar para melhor ler – um programa de desenvolvimento de competências linguísticas (4 – 6 anos)*. Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho.

Weigel, A. (1988). *Brincando de música*. Kuarup.

Werley, K. (2011). Sonorizando histórias e discutindo a educação musical na formação e nas práticas pedagógicas. *Música na Educação Básica*, 3(3), 84-95.

Xpressing music. *Metodologias e pedagogia em confronto com a realidade da música para a infância*. (2015, maio, 23). <https://xmusic.pt/blog/item/educacao-musical-metodologias-e-pedagogia-em-confronto-com-a-realidade-da-musica-para-a-infancia>

ANEXOS

Anexo 1- Exemplo de Planificação

Jardim de Infância:		Idade/Número de crianças - 5 anos(5); 4 anos(7); 3 anos(1)		Data: 15 a 17/11/2021	
Mestranda: Maria João Novo		Dia da semana: segunda, terça e quarta		Período: 1	
Áreas/ Domínios/ Subdomínios	Aprendizagens a promover	Desenvolvimento das atividades		Materiais/ recursos/ espaços físicos	Avaliação
<p>Área do Conhecimento do Mundo</p> <p>Abordagem às Ciências</p> <p>Conhecimento do mundo social</p> <p>Domínio da Matemática</p> <p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	-Reconhecer unidades básicas do tempo diário, semanal e anual;	<p>Rotinas</p> <p>Rotina 1</p> <p>Por volta das 9h as crianças chegam ao Jardim de Infância. De seguida, dirigem-se para o polivalente /mesa de reunião e vestem as suas batas. As mesas de reunião encontram-se distribuídas em forma de U. Conforme a ordem da lista, as crianças atribuem o responsável por algumas tarefas naquele dia. A criança responsável coloca o seu nome no espaço correspondente. Seguidamente, vai fazendo a chamada e vai marcando as presenças. Posteriormente, veem quantas crianças vieram ao jardim e quantas estão a faltar e verificam o número total de crianças presentes. As crianças depois olham para uma tabela, em cima do quadro, com uma seta que indica o mês e uma mola com um polvo que indica o dia. Pintam o dia no</p>			<p>As crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Identificam corretamente o mês e o dia; - Marcam as presenças; -Cantam a canção dos bons dias; -Observam e indicam o estado do tempo e a estação do ano; - Pintam o dia da cor correspondente;

		<p>calendário com a cor correspondente ao dia da semana inscrito numa lagarta dos dias da semana. Verificam o tempo que está e a estação do ano. Depois, com a colaboração da educadora estagiária realizam o Plano do dia, inscrito em tabela preparada para este efeito. (Anexo 1) Seguidamente, o responsável vai buscar as clavas e cantam a canção dos bons dias numa adaptação da Educadora Raquel, que também junta a canção “bom dia” de Alda Casqueira. (Anexo 2)</p> <p>Segue-se a atividade proposta pela educadora e, se existir tempo, as crianças escolhem uma área da sala para trabalho autónomo.</p> <p>Rotina 2</p> <p>Às 10h30min, depois de realizarem a higiene das mãos, cada criança pega nas suas mochilas que se encontram atrás dos seus lugares e comem o lanche da manhã (fruta). Após o lanche vão para o recreio ou para as áreas, consoante o tempo que está no exterior. Se forem para as áreas cantam uma canção que reflete as opções que podem realizar. (Anexo 3) Depois da canção, o responsável chama uma criança de cada vez, e esta escolhe para onde quer ir, colocando um cartão com o seu nome no local que representa a área correspondente.</p>		<p>- Contabilizam o número de meninas e meninos presentes e que faltam;</p> <p>- Contam o número total de crianças na sala;</p>
--	--	--	--	---

<p>Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<p>- Ouvir a história; - Participar num diálogo; - Manifestar e valorizar o contributo de cada criança;</p>	<p>Rotina 3 Perto das 12h lavam as mãos para depois almoçarem. De seguida, vão para a sua sala fazer a sesta até às 13h30min.</p> <p>Rotina 4 Cerca das 15h15min pegam nas mochilas para lançarem (leite e pão) e às 15h30min algumas crianças vão na carrinha escolar e outras esperam que os pais as venham buscar.</p> <p style="text-align: center;">Segunda-feira, dia 15/11/2021</p> <p>Depois da realização das rotinas, a EE pede às crianças que procurem alguns materiais que se encontram escondidos pela sala. As crianças irão encontrar uma escova de dentes, uma pasta de dentes, fio dentário, uma touca de banho, uma luva de massagem, uma escova de massagem, uma escova do cabelo, um dente de acrílico, um espelho, um copo e uma esponja. (Anexo 4) Enquanto as crianças procuram os materiais, a EE vai buscar o Baú das Histórias. (Anexo 5) Este Baú terá um livro que iniciará a temática da semana. O Baú irá aparecer em cima da mesa, de surpresa. Depois de recolherem todos os materiais, a EE deixa as crianças explorarem as diferentes texturas dos materiais. A EE recolhe os diferentes materiais e</p>	<p>Materiais: - escova de dentes; - pasta de dentes; - fio dentário; - touca de banho; - luva de massagem; - escova de massagem; - escova do cabelo; - dente de acrílico; - espelho; - copo; - esponja;</p>	<p>- Prestam atenção durante a leitura da história; - Respondem às questões, apresentando as suas ideias;</p>
--	---	--	---	--

		<p>coloca-os em cima da mesa. Seguidamente, as crianças reparam no Baú. A EE pergunta: “O que terá lá dentro?”. A EE pede ao responsável do dia que a venha ajudar a abrir o Baú das Histórias. O responsável abre e retira o livro “<i>O Menino que Detestava Escovas de Dentes</i>” da autora Zehra Hicks, uma fada dos dentes e um boneco articulado. (Anexo 6) A EE pergunta ao responsável do dia “De que te parece que este livro nos vai falar?” “A partir desta história o que achas que vamos descobrir durante esta semana?” Antes de iniciar a sua leitura, a EE questiona “Quem gosta de lavar os dentes?” “Será que a Maria Castanha, que conheceram na passada semana, lavava os dentes?” Porque acham que devemos lavar os dentes?”</p> <p>Depois da leitura, a EE coloca algumas questões ao grupo de crianças:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Como se chama a personagem do livro? 2. O que é que o Martim detestava? 3. Que escovas de dentes experimentou? 4. O que aconteceu ao dente do Martim? 5. O que fez o Martim ao dente? 6. Quando o Martim acordou tinha uma carta. De quem era? 7. O que lhe disse a Fada dos Dentes? 8. O que ofereceu a Fada dos Dentes ao Martim? 	<p>- Baú das Histórias;</p> <p>- Fada dos Dentes;</p> <p>- Personagem Martim fantoche articulado;</p> <p>- Livro “<i>O Menino que Detestava Escovas de Dentes</i>”;</p>	
--	--	--	---	--

<p>Domínio da Educação Artística</p> <p>Subdomínio das Artes Visuais</p>	<p>- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentação e produções plásticas;</p> <p>- Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa;</p>	<p>9. O que podia fazer com a escova de dentes mágica?</p> <p>No final das questões, a EE guarda todos os materiais utilizados no Baú das Histórias.</p> <p>(Rotina 2)</p> <p>Atividades autónomas nas áreas ou no exterior.</p> <p>Depois das rotinas, a EE vai pedir ao grupo de crianças que elabore um desenho sobre a história. Para a realização da mesma, a EE vai distribuir folhas de papel. Seguidamente, vai buscar a caixa de cada criança, que está devidamente identificada. Esta caixa tem no seu interior lápis de cor. Depois de terminarem os desenhos, a EE vai propor que os afixem na sua sala.</p> <p>(Rotina 3)</p> <p>As crianças fazem a sesta.</p>	<p>- Folhas de papel;</p> <p>- Lápis de cor;</p>	<p>- Elaboram um desenho;</p> <p>- Pintam o desenho;</p>
--	--	--	--	--

<p>Domínio da Matemática</p> <p>Números e Operações</p>	<p>- Identificar quantidades através de diferentes formas de representação (contagens, desenhos, símbolos, escrita de números, estimativa, etc);</p>	<p>Da parte da tarde, as crianças irão realizar uma atividade. Esta será realizada, de forma individual. A EE irá distribuir alguns marcadores, para que possam rodear/escrever num quadrado por baixo das cartas os números correspondentes. Serão propostos alguns desafios ao grupo de crianças. Cada criança receberá uma carta. A EE, ao distribuir as mesmas, vai adequar o seu nível de complexidade à idade de cada criança.</p> <p>Nesta atividade existem cartas com imagens relacionadas com a temática da higiene oral. Numas vão poder associar as imagens ao número correspondente e noutras podem rodear imagens. Terão, ainda, de pintar algumas imagens, de acordo com o número representado. Estas instruções estão descritas em cima das cartas.</p> <p>Como as crianças ainda não sabem ler, a EE terá o cuidado de ler as cartas. Antes de iniciar a atividade, a EE vai exemplificar, e mostrar uma carta correspondente a cada desafio às crianças. (Anexo 7)</p> <p>Atividades autónomas nas áreas ou no exterior.</p> <p>(Rotina 4)</p>	<p>- Cartas do jogo;</p> <p>- Marcadores;</p> <p>- Papel para apagar;</p>	<p>- Participam com entusiasmo na atividade;</p> <p>- Resolvem a atividade proposta de forma autónoma e empenhada;</p> <p>- Conseguem associar as imagens à representação dos números;</p>
---	--	--	---	--

<p>Domínio da Educação Física</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer estilos de vida saudável e prática do exercício físico; - Mobilizar o corpo com precisão e coordenação; - Relacionar-se de forma saudável em situações de jogo, seguindo as orientações ou regras; 	<p style="text-align: center;">Terça-feira, dia 16/11/2021</p> <p>(Rotina 1)</p> <p>Antes da atividade de Educação Física, a EE coloca a música que será o suporte da atividade, para que as crianças ouçam e percebam que movimentos (mimos) devem fazer.</p> <p>A EE pede ao responsável do dia para chamar cada um dos seus colegas e formarem uma fila, para se poderem deslocar, de preferência para o exterior.</p> <p>Se estiver a chover, a atividade será realizada no interior da sala.</p> <p>Parte Inicial: aquecimento (5 minutos)</p>		
-----------------------------------	---	--	--	--

		<p>Para iniciar o aquecimento, as crianças irão jogar ao “Rei Manda”. Antes de iniciar este jogo, a EE vai atribuir o papel de Rei ao responsável do dia, que se deve colocar de costas para a parede. Esta irá falar com o mesmo e dar algumas orientações. As outras crianças colocam-se no fundo da sala. O Rei deve dar ordens de movimentação variadas que as outras crianças devem cumprir, tentando aproximar-se da parede onde está o Rei. Quem o alcançar primeiro será o novo Rei. As ordens devem começar sempre por “O Rei manda...”, por exemplo: “Dar dois passos para a frente”. (Anexo 8)</p> <p>Desenvolvimento (10 minutos)</p> <p>Depois do aquecimento, a EE já tem preparado o espaço para realizar um circuito. As crianças vão realizar o mesmo em conjunto. Estas devem aguardar a sua vez na fila, enquanto a EE coloca a música. Antes de iniciar, a EE vai explicar como funciona e vai exemplificar. (Anexo 9)</p>	<p>- Coluna;</p> <p>- Telemóvel;</p> <p>- Música “Dua Lipa - Don't Start Now (Official Instrumental)”;</p> <p>- Coluna;</p> <p>- Telemóvel;</p> <p>- Música “Lavar os Dentes Jardim de Infância Vol. 1”;</p>	<p>- Cumprem as regras do jogo;</p> <p>- Reproduzem os movimentos;</p>
--	--	---	---	---

		<p>No circuito, as crianças terão 5 cones; 4 arcos; 1 corda; 1 tapete; 1 túnel para rastejar. Em cada uns dos cones terão de contornar em ziguezague. Nos arcos terão de executar os movimentos da canção. No primeiro terão de pegar num copo plástico; no segundo pegam numa escova e na pasta; no terceiro terão de se imaginar a esfregar os dentes e, no último, sorriem para mostrar que têm os dentes limpos. Seguidamente, devem pegar na corda e dar 3 saltos. Depois têm de passar pelo tapete e rastejar por baixo do túnel. (Anexo 10)</p> <p>Relaxamento (5 minutos)</p> <p>Antes de terminar, deve ser realizado um pequeno relaxamento com as crianças. A EE pede às crianças para formarem uma roda. De seguida, realiza com as elas alguns alongamentos. Começa por pedir para fazerem pequenos movimentos com os braços para a frente e para trás; depois, os dois braços ao mesmo tempo, fazer pequenos movimentos com a cabeça para ambos os lados; meter as mãos nos ombros e rodar para a frente e para trás; meter a mão na cintura e fazer movimentos para ambos os lados; dobrar os joelhos e fazer pequenas rotações para cada um dos lados; colocar um joelho de cada</p>	<p>- 5 cones; - 4 arcos; - 1 corda; - 1 tapete; - 1 túnel;</p> <p>- Coluna; - Telemóvel; - Música “relaxante com o som da natureza fonte de água de bambú”;</p>	<p>- Aguardam pela sua vez para participarem; - Contornam os cones;</p> <p>- Relaxam e realizam os alongamentos;</p>
--	--	--	---	---

<p>Área do Conhecimento do Mundo</p> <p>Abordagem às Ciências</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o que sabem e aprenderam; - Escolher criteriosamente as questões a desenvolver; - Demonstrar cuidados com o seu corpo e com a sua segurança; 	<p>vez atrás das costas, com ajuda da mão para apoiar; rodar cada pé fazendo pequenos movimentos circulares. A seguir, pede ao grupo de crianças que se sente no chão com as pernas à chinês. Para terminar, as crianças realizam alguns exercícios de respiração. No final, com as crianças ainda sentadas no chão, a EE dá sinal ao responsável do dia e este começa a chamar cada um dos seus colegas. (Anexo 11)</p> <p>(Rotina 2)</p> <p>Atividades autónomas nas áreas ou no exterior.</p> <p>(Rotina 3)</p> <p>As crianças fazem a sesta.</p> <p>No período da tarde, as crianças irão visualizar um vídeo com uma música. (Anexo 12) Posteriormente, a EE vai explicar às crianças alguns cuidados que devem ter com a sua higiene oral. Para isso, vai buscar uma boca, uma escova de dentes grande, uma escova de dentes pequena, uma pasta de dentes, um dente e o fio dentário. A EE vai demonstrar como devemos usar o fio dentário</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Vídeo “Panda vai à Escola Lavar Os Dentes”; - Escova de dentes pequena e grande; - Pasta de dentes; 	<ul style="list-style-type: none"> - As crianças visualizam um vídeo com muita atenção;
---	--	--	---	--

<p>Domínio da Educação Artística</p> <p>Subdomínio das Artes Visuais</p>	<p>- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas;</p>	<p>caixa?”. Pede a cada uma das crianças para colocarem a mão dentro da caixa e retirar uma imagem, a qual devem guardar. A EE vai mostrar dois cartazes devidamente plastificados, um com um dente saudável e outro com um dente não saudável e irá afixá-los na sala, para que todos os possam observar, sempre que precisarem. (Anexo 16) As crianças deverão fazer a distinção entre os alimentos que fazem bem aos dentes e os que fazem mal. Para isso, deverão deslocar-se ao quadro, de forma individual, explicar a imagem que têm, referir em que dente a vão colocar e porquê. (Ex: imagem da escova de dentes, associar ao dente saudável; imagem de um rebuçado, associar ao dente não saudável).</p> <p>Atividades autónomas nas áreas ou no exterior.</p> <p>(Rotina 4)</p> <p style="text-align: center;">Quarta-feira, dia 17/11/2021</p> <p>(Rotina 1)</p> <p>Na manhã de quarta-feira, as crianças mais velhas deslocam-se à patinagem. Será dada continuidade à temática da semana com os alunos mais pequenos.</p>	<p>- Imagens plastificadas de legumes, frutas e doces;</p> <p>- Cartazes com o dente saudável e dente não saudável;</p>	<p>- Visualizam os cartazes;</p> <p>- Associam os alimentos aos cartazes;</p>
--	--	---	---	---

<p>Domínio da Educação Artística</p> <p>Subdomínio das Artes Visuais</p>	<p>- Descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê;</p> <p>-Apreciar diferentes manifestações de artes visuais, a partir da observação de várias modalidades expressivas (pintura, desenho, escultura, fotografia, arquitetura, vídeo, etc.), expressando a sua opinião e leitura crítica;</p> <p>- Construir as caixas recorrendo ao molde fornecido;</p>	<p>As crianças vão realizar uma pintura, sem recorrer aos lápis de cor, marcadores e pincéis. A EE vai distribuir a cada criança uma folha de cartolina A3, com um desenho de um dente grande. (Anexo 17) Para esta atividade, cada criança irá precisar de uma escova de dentes, espuma de barbear ou pasta de dentes. As crianças começam por colocar um bocadinho de espuma de barbear ou pasta de dentes no interior do dente e devem espalhá-la até este estar todo preenchido. Depois devem deixar secar bem.</p> <p>(Rotina 2)</p> <p>Atividades autónomas nas áreas ou no exterior e proposta da atividade a realizar pelas cinco crianças ao regressarem da patinagem.</p> <p>A EE vai propor ao grupo de crianças a elaboração de uma caixa, para colocarem os seus dentes, quando estes caírem. Para tal, a EE vai fornecer o molde da caixa. Às crianças mais pequenas irá pedir para as pintarem e irá ajudá-las a montar a sua caixa. Depois, cada uma irá colar uma imagem na sua caixa, de forma a personalizá-la.</p> <p>(Anexo 18)</p>	<p>- Cartolina com o molde de um dente;</p> <p>- Escovas de dentes;</p> <p>- Taças;</p> <p>- Pasta de dentes/espuma de barbear;</p>	<p>- Constroem as caixas;</p> <p>- Pintam as caixas;</p> <p>- Escolher uma imagem para colar na caixa;</p>
--	---	---	---	--

<p>Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p> <p>Subdomínio da Música</p>	<p>- Ouvir a história;</p> <p>- Participar nos movimentos da história;</p>	<p>(Rotina 3)</p> <p>As crianças realizam a sesta.</p> <p>Da parte da tarde, a EE vai explorar um excerto do livro “<i>O Elefante Cor-De-Rosa</i>”, da autora Luísa Dacosta. (Anexo 19) Esta história vai ser explorada, por partes, todas as semanas, pois irá integrar o relatório final. (Anexo 20) Esta atividade estará ligada às áreas da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Música. Para dinamizar esta história, a EE vai levar sempre um casaco, em forma de grilo, e uma batuta. A batuta servirá de marcador do livro. A história só prossegue se as crianças colaborarem. Caso contrário, a história não poderá continuar. A EE irá ter no seu casaco de grilo alguns grafismos relacionados com a história. Após esta atividade, a breve exploração da história, a EE pede às crianças para formarem uma roda e se sentarem no chão. O objetivo é que as crianças se levantem e participem nos movimentos que vão surgindo na história, tais como: dançar, entre outros.</p>	<p>- Livro “<i>O Elefante Cor-de-Rosa</i>” da autora Luísa Dacosta;</p> <p>- Casaco de grilo preto;</p> <p>- Batuta;</p> <p>- Boina preta;</p> <p>- Máscara preta;</p> <p>- Calças pretas;</p> <p>- Sapatilhas pretas;</p>	<p>- Conhecem a figura da maestrina;</p> <p>- Ouvem a história;</p> <p>- Respondem às questões colocadas;</p>
--	--	--	--	---

		<p>A EE questiona as crianças:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Como se movimentam as folhas? (se as crianças não responderem, a EE realiza o som do vento com sacos de plástico) 2. De que cor eram as flores (se as crianças não responderem, a EE aponta para o grafismo branco) 3. Como era a vida dos elefantes? (se as crianças não responderem, a EE toca o instrumento musical clavas, caixas chinesas e shaker) 4. Que pesadelo teve o nosso elefante? 5. E o que aconteceu à flor? 6. Como ficou o elefante? (se as crianças não responderem, a EE mostra a imagem do coração partido) <p>Atividades autónomas nas áreas ou no exterior.</p> <p>(Rotina 4)</p>		
--	--	--	--	--

Anexo 2- Guião da Peça de Teatro

“O Elefante Cor-De-Rosa” da autora Luísa Dacosta

Resumo do conto num texto escrito através das sugestões das crianças

Texto de base à dramatização do conto para apresentar aos colegas do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Cena I

(cenário da floresta com flores, pássaros, elefantes, arco-íris, lagos)

Contadora – Maestrina

Era uma vez um elefante que vivia com outros elefantes num planeta distante, que tinha bonitas florestas verdes (entra o elefante IG,)

Nesta floresta também viviam pássaros azuis (entram TG e LM e sentam-se) Nesta maravilhosa floresta as manhãs eram repletas de claridade, reinando a paz e a tranquilidade. Nesse planeta, a força da gravidade era pequena e os seus habitantes movimentavam-se silenciosamente, dançando como verdadeiras bailarinas exibindo as suas belas trombas durante longas horas até ao nascer do sol. (Elefante, pássaros e flores dançam ao som da música que a RA coloca no leitor) – sinfonia dos Brinquedos <https://www.youtube.com/watch?v=7qCiyzugNZ8>

Como estavam tão entretidos nem se apercebiam do tempo a passar. As folhas movimentavam-se com o vento, as flores eram todas brancas (entram a FV e a BP com o som das guizeiras) e os pássaros prolongavam o seu canto de tão felizes que estavam. Todos os dias havia uma grande festa. Todos os dias, os elefantinhos viam o arco-íris, as estrelas refletidas nas águas límpidas, onde tomavam banho e bebiam água para matar a sede.

IG

- Ai é tão bom viver nesta floresta maravilhosa

Contadora- Maestrina

Um dia, o elefantinho viu uma flor branca a murchar (aqui entra o som da cartolina e a FV começa a murchar).

Aflito, chamou os seus companheiros que vieram a correr para o ajudar.

(JG e RA tocam maracas e tambor e entram BV e MS)

Todos juntos fizeram uma grande roda e sopraram pelas trombas um ventinho de amizade e carinho para despertar a flor, mas a flor morreu. (RA e JG -Som aberto do triângulo).

IG

- Oh, morreram. Alguma coisa se está a passar.

CENA II (Contadora puxa cenário da cena II)

A partir desse momento, o seu mundo mudou. Nessa noite, dançaram, unindo as suas trombas, pois estavam muito tristes. O elefantezinho percebeu, pela primeira vez, que tinha o coração partido e ferido.

IG

- Ai como estou triste parece que tenho espinhos no coração! Olha aqui uma pena de pássaro! Também estão a morrer (TG e LM deitam-se)

Contadora- Maestrina

No dia seguinte, surgiam nuvens escuras e ameaçadoras no céu, a água ficou suja, os galhos estavam velhos, secos sem folhas. (RA e JG partem galhos, som dos sacos) Então o nosso elefante chamou os seus companheiros que também estavam preocupados. (som das maracas) À tarde não conseguiram observar o arco-íris nem as estrelas e quando tentaram beber água, não conseguiram fazê-lo, pois a água estava congelada e muito dura.

IG

Mas o que se está a passar? Estão todos a morrer, os animais as plantas, a água está suja e gelada.

Contadora- Maestrina

O elefante apercebeu-se de que tinha perdido alguns dos seus companheiros. Parecia que existiam menos elefantes e, no dia a seguir, menos ainda. (BV cai no chão e MS sai de cena)

O elefantezinho acabou mesmo por ficar sozinho. Estava muito triste e cansado. (RA e JG tocam triângulos e contadora muda cenário)

O tempo foi passando até que uma cavalgada de cometas se deslocava para outra galáxia. (RA e JG tocam guizeiras e jogo de sinos e PP e JP entram)

O elefantezinho pediu que o levassem com eles.

IG

- Por favor levem-me convosco! Para onde vão?

Um dos cometas ouviu o seu pedido e parou para falar com ele.

PP

Vamos para a terra, um planeta pequeno e pobre.

IG

Por favor deixa-me ficar lá!

PP

Não podes na Terra os Homens caçam elefantes.

IG

Deixa-me ficar sempre contigo!

PP

Não podes porque eu sou de fogo mas tenho uma ideia melhor. Vou deixar-te.

Ficarás na Terra, mas não com os homens. Ficarás na imaginação de uma criança.

IG

Que boa ideia. Aqui vou eu entrar no sonho de uma criança.

(IG, PP e JP saem e contadora muda a cena)

(música da sinfonia dos brinquedos)

Contadora- Maestrina

E assim aconteceu um menino sonhou com o elefante cor- de- rosa e veio contar ao amigo

(Entra ND e MS)

ND

- Amigo eu sonhei com um elefante cor-de-rosa!

MS

- A sério? E como era? (sentam-se a conversar)

Contadora- Maestrina

E o menino que imaginou um elefante cor-de-rosa descreveu-o a todos os seus amigos. Todos o acharam muito lindo. Assim ele passou a habitar a Terra e ficou muito feliz pois vivia na imaginação das crianças que é o melhor lugar do planeta.

(cantam todos a canção “Elefante Cor-De-Rosa” da Alda Casqueira no final)

Anexo 3- Autorização dos Encarregados de Educação

Estimado (a) Encarregado (a) de Educação,

No âmbito do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e da minha integração no estágio que realizo com o grupo de alunos em que o seu educando se encontra, pretendo realizar uma investigação centrada na área curricular de Português, mais precisamente no âmbito da Educação Literária e Música.

Para a investigação será necessário proceder à recolha de dados através de diferentes meios, como registos fotográficos, áudio e vídeo das atividades e tarefas realizadas pelos alunos relativas ao trabalho. Estes registos serão confidenciais e utilizados exclusivamente para a concretização desta investigação.

Todos os dados serão devidamente codificados garantindo que em momento algum os participantes serão identificados.

Venho, desta forma, solicitar a sua autorização para que o seu educando participe na investigação, permitindo a recolha de dados mencionados acima. Caso seja necessário algum esclarecimento adicional estarei disponível para esse fim.

Agradeço desde já a sua colaboração e disponibilidade.

Viana do Castelo, 23 de outubro de 2021

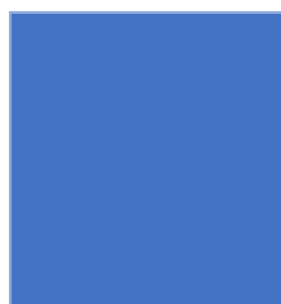
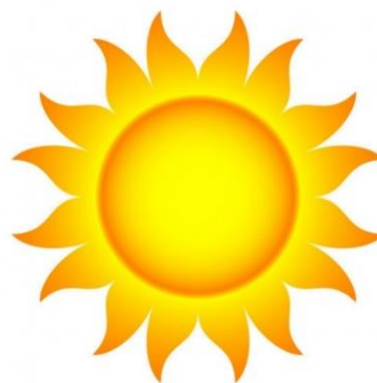
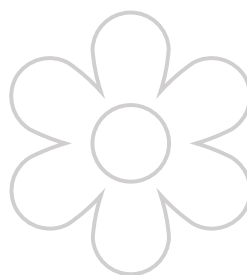
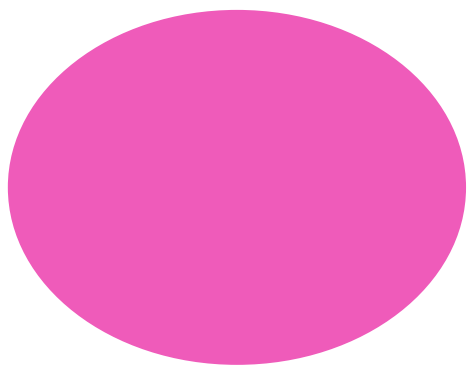
A mestrand(a), _____

Eu, _____ Encarregado (a) de Educação do (a) aluno (a) _____, declaro que autorizo a participação do meu educando no trabalho acima referido e na recolha de dados necessária.

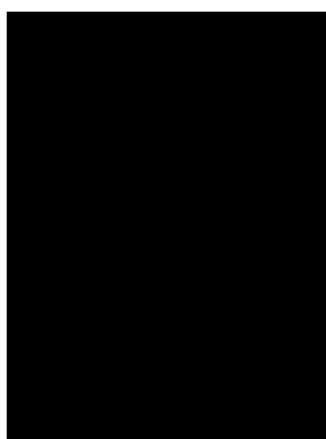
Data _____

Assinatura _____

Anexo 4- Grafismos do casaco da maestrina



Anexo 5- Cartões dos instrumentos musicais convencionais



Anexo 6- Cartão e materiais trazidos para as sessões



Anexo 7- Objetos Sonoros/Instrumentos musicais não convencionais

